

Paulo Celso da Silva

Poblenou 22@

uma experiência brasileira
em Barcelona

Poblenou 22@

Paulo Celso da Silva

Concluí o doutorado em 2000 e o mestrado em 1995, ambos no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Cursei as licenciaturas em Geografia (1987) e Filosofia (1989) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Desde 1995, atuo como Professor Titular na Universidade de Sorocaba e, a partir de 2006, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura.

Meus projetos e pesquisas estão inseridos na Linha de Pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais, e envolvem as áreas de Comunicação, Mídia, Cidade, Geografia, Filosofia e Música, com ênfase na Comunicação.

Desde 2001 desenvolvo projetos de pesquisa que abordam as *smart cities*, principalmente no projeto 22@Barcelona, na sub-área das Geografias da Comunicação.

Sou membro da Rede Internacional da América Latina, África, Europa e Caribe (ALEC - OCUPA).

clea
EDITORIAL

O prefeito de Barcelona, Jordi Hereu, foi incomodado ontem

ao anoitecer por dezenas de Okupas e simpatizantes de La Makabra

que protestavam pelo desalojo feito no dia anterior ao recinto fabril de Can Ricart.

À saída do ato de apresentação do Plano Cultural, o prefeito teve que ser escoltado

pelos antidistúrbios, quando alguns manifestantes lhe atiraram cerveja.

ISBN 978-659966877-7



9 786599 668777

Poblenou 22@

**Uma experiência brasileira
em Barcelona**

Paulo Celso da Silva

Poblenou 22@

**Uma experiência brasileira
em Barcelona**

clea
EDITORIAL

Paulo Celso da Silva, 2024
Poblenou 22@: uma experiência brasileira em Barcelona

Diagramação de capa e miolo:

Luiz Guilherme Leite Amaral - luizamaralphd@gmail.com

Foto de capa: Felipe Cidade (2024)

Impressão: Cléa Editorial

Editoria de Comunicação e Artes: João Paulo Hergesel

Conselho Editorial de Comunicação e Artes:

Prof.^a Dr.^a Clarice Greco Alves

Prof.^a Dr.^a Fernanda Castilho de Santana

Prof. Dr. Mateus Dias Vilela

Prof.^a Dr.^a Miriam Cristina Carlos Silva

Prof. Dr. Rogério Ferraraz

As imagens dos títulos de cada artigo são
manipulações em Photoshop sobre fotografias.

As originais são de:

Barcelona Busturistic.cat

iStock Photo

Freepik

Tipografia:

Janda Curlygirl Chunky

PT Serif

Feito em São Roque/SP.

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

S586p

Silva, Paulo Celso da

Poblenou 22@: uma experiência brasileira em Barcelona / Paulo Celso da
Silva. – Aluminio/SP: CLEA Editorial, 2024.

216 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-996687-7-7

1. Barcelona. 2. Cultura. I. Silva, Paulo Celso da. II. Título.

CDD 914.672

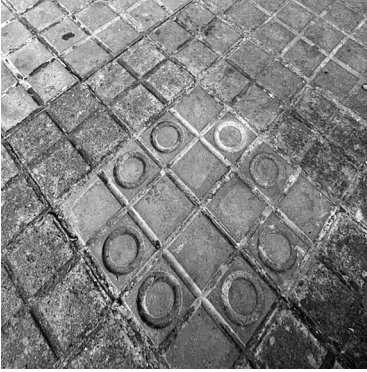
Índice para catálogo sistemático

I. Barcelona

Introdução

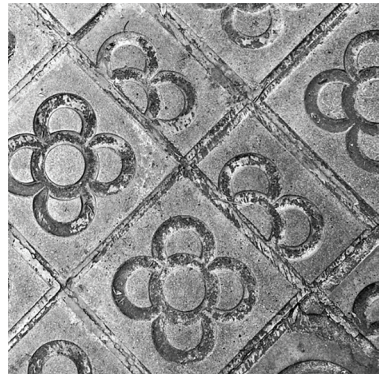
Cuéntame

Con David San Jose



*Cuéntame, tu que has vivido
El despertar del tiempo que nos
cambió
Volverás a ser un niño
Al recordar las largas tardes de sol
Hablame de lo que has encontrado
En tu largo caminar
Cuéntame cómo te ha ido
Si has conocido la felicidad
Cuéntame cómo te ha ido
Si has conocido la felicidad
Sentirás, el dulce abrazo*

*De aquellos padres que dieron todo por ti
El sabor del primer beso, todos los sueños
Que tú querías cumplir
Hablame de lo que has encontrado
En tu largo caminar
Cuéntame cómo te ha ido
Si has conocido la felicidad
Cuéntame cómo te ha ido
Si has conocido la felicidad
Hoy podré (junto a ti)
Evocar (nuestro ayer)
Cuéntame (Cómo fue)
Hablame (De aquellos días)
Hablame (De aquellos días)
Hablame
Cuéntame
Cuéntame como te ha ido
Si has conocido la felicidad
Cuéntame como te ha ido
Si has conocido la felicidad
Cuéntame como te ha ido
Si has conocido la felicidad
Cuéntame como te ha ido
Si has conocido la felicidad*



Os textos deste livro resultam de vinte e cinco de anos de pesquisa e vivências em períodos diversos em Barcelona/Catalunya entre os anos de 2001 e 2024. Tudo começou naquele 2001, com um pós-doutorado em Barcelona e foi, como diz a letra da canção de David San José e Ana Belén, “El despertar del tiempo que nos cambió”. A história dessa canção está relacionada, também, ao nosso cotidiano em Castelldefels, área metropolitana de Barcelona. Digo *nosso* porque toda minha família ali estava participando da pesquisa de forma ativa e não apenas como acompanhantes.

Essa canção foi modificada para uma série televisiva emitida pela TVE - 1, que estreou em 13 de setembro de 2001, e se chamava *Cuéntame como paso*. A história era baseada em outro seriado conhecido do público brasileiro, a série *Anos Incríveis* (*The Wonder Years*, nos EUA) e, como na original, era um garoto caçula, Carlos, quem contava a saga da família Alcantara. Não foi uma questão de identificação com a série, mas ela nos ajudou a “descobrir” uma Espanha e uma Catalunha. Como disse o amigo Sergi Martínez, “Es una visión de la historia desde Madrid”. Mas, mesmo assim, conhecer os hábitos, músicas, dificuldades representadas na série facilitou a estadia. E, falando em cotidiano e televisão, outro programa, *Gran Prix de Verano*, um programa de auditório que consiste em disputa entre cidades pequenas da Espanha que foram selecionadas. Assim como *Cuéntame*, esse também foi possível ver pelo canal internacional da TVE.

Mas, deixemos o preâmbulo para falar do contexto de vida e do livro. Eles demonstram como os temas de pesquisa em Barcelona foram se modificando conforme a sociedade assimilava e transformava as “novas tecnologias da informação” e o bairro do Poblenou, escolhido como recorte para compreender os processos em curso.

Por sinal, devemos reconhecer que o Poblenou nunca parou de se transformar, assim como outros bairros da cidade. É sempre um sentimento de nostalgia pensar no bairro de tempos passados; as transformações estão marcadas no espaço, o que nem sempre quer dizer que a população local esteja a favor delas. Impossível apresentar a trajetória por Barcelona nesses anos sem citar Montserrat Lopez e Isaura Fernandez, filha e

mãe, pois foi nessa ordem que nós as conhecemos, ainda em Sorocaba, mediados pela telefonia fixa. Graças a elas foi possível viver em Castelldefels, alugando o *piso dela playa* e conviver não como inquilinos, mas como uma família que se reencontra de tempos em tempos, também no apartamento de Isaura em Barcelona.

O estudo possibilitou conhecer pessoas e espaços particulares da cidade. Operárias como Rosita que, em uma tarde de inverno no apartamento da Isaura, declamou o *Padre Nuestro Operario*. Declamava com alegria e saudades de um tempo difícil para ela e toda família, mas como nos ensinou Ecléa Bosi em *Memórias de Velhos*, “O tempo de lembrar é o tempo de trabalhar”. Era inevitável homenageá-la por tudo o que nos ensinou sobre a vida no chão das fábricas do Poble Nou e pela constante luta para dar sentido à vida.

Rogad.

En caridad del alma de la muy soberanísima patata fallecida en España.

Sus desconsolados:

Esposo D. Arroz (ausente en el país). Hermanos: D. Pan (de luto riguroso), y D. Aceite (ausente). Hermanas políticas: Doña Harina (separada del pan) su esposo D. Garbanza (desaparecido), Doña Carne (que enterada del suceso llegó de la Argentina congelada de dolor). Sobrinos: D. Azúcar (desterrado del país), y D. Jabón (desaparecido). Sus amigos y demás amistades lo hacen público para que se sirvan asistir a los funerales que se celebran Dios mediante en la Fiscalía de Tasas.

Su excelentísimo Sr. Comisario General de Abastecimientos y Transportes se ha dignado a conceder 365 días de ayuno en la forma acostumbrada. Para mayor solemnidad del acto concurrirán las jerarquías de los Sindicatos y Organizaciones oficiales con sus Aígas correspondientes.

Oración.

Padre nuestro que estás en Madrid, y te llamas Franco; santificado sea tu nombre si nos das pan blando; vénganos en tu reino el aceite que se están llevando y hágase tu voluntad y no la de Abastos.

El Pan nuestro de cada día, dánoslo de 500 gramos y perdona nuestras deudas que cada día van aumentando, así como nosotros perdonamos a los que nos están robando; no nos dejes caer en la desesperación y libranos Paquito de tantísimo ladrón. Amén.

Responso.

1. El rico y el pobre son dos personas.
2. El militar lucha por las dos.
3. El Contribuyente tributa a las tres.
4. El obrero trabaja por los cuatro.
5. El vago come por los cinco.
6. El extraperlista explota a los seis.
7. El abogado defiende a los siete.
8. El consejo absuelve a los ocho.
9. El farmacéutico envenena a los nueve.
10. El médico mata a los diez.
11. El sepulturero entierra a los once.
12. El seguro de enfermedad se lleva el dinero de los doce.

¡Gracias, Rosita, hasta pronto!

Outra forma de ver o Poblenou foi pelas viagens imaginárias no táxi de Antonio Perez, *nuestro amigo paisano* de tantos anos. Conhecedor das *calles* de Barcelona, com um mapa mental atual e histórico, ensinou as transformações da cidade como um todo pelas andanças em seu táxi imaginário e as fotografias que fez das paisagens, carros, motos e pessoas, garantindo um acervo diferente do cotidiano.

Conhecemos, em todos esses anos, Barcelona também em caminhadas e caminhadas com nosso amigo Arturo Blasco. Fomos como *Los Paseadores*, o grupo musical que ele criou para expressar sua música e musicalidade, a visão e a descoberta de mundos nos quais *¡hay felicidad en todo!* Com Arturo os momentos foram mágicos, descobrindo lugares, *rincones* diferentes, outros tão cotidianos que os transeuntes já não prestam atenção nos muitos detalhes espalhados. Aqui estamos nós, em 2001, conhecendo a Costa Brava (Catalunya) e registrados em uma foto de Maribel Martos, também artista em sua *peluqueria* e no equilíbrio para vida. Esta foto é *increíble!*



¡Adelante y arriba!

Estes amigos apresentados e muitos outros ajudaram a compreender como se deu, no espaço e no cotidiano, a passagem da cidade do conhecimento de 2001 para a cidade informacional em meados de 2005 e depois *smart city* a partir de 2015 e *smart citizen* em 2019. Caminhando com Isaura pela *Nova Esquerra de l'Eixample* ou o bairro de *Sant Antoni* em Barcelona, aprendemos muito da vida e dos usos que as tecnologias da informação e comunicação possibilitam quando utilizadas para facilitar a vida – principalmente dos moradores.

A leitura dos textos deste livro também ajudam a refletir o dinamismo e a abrangência da sub-área das Geografias da Comunicação, interessada nos processos comunicacionais que ocorrem na cidade em sua necessária variedade e abrangência.

paulo celso
no calor do outono de 2024.



Espaços Okupas em Barcelona e a comunicação na cidade

Publicado na revista Signo y Pensamento, vol.27 no.53
Bogotá: Jul./Dec. 2008

“FIN DE SEMANA DE ASEDIO Y ‘OKUPACIÓN’ EN CAN RICART”. La cruz Roja lleva agua y mantas a los artistas de ‘La Makabra’ encerrados con algún niño. Los Mossos cercan el área, pero el juez deniega el desalojo. Tras 30 horas de hambre, frío y sed, los ocupas de La Macabra recibieron ayuda. La cinco de la tarde de ayer la Cruz Roja pudo atravesar el cerco policial con agua, mantas y galletas para las personas encerradas en una fábrica abandonada de Poble-nou llamada Can Ricard.

Com essa chamada, o diário gratuito *20 MIN*, do dia 4 de dezembro de 2006 (p. 4), uma segunda-feira, informava a população de Barcelona o que seria apenas o primeiro desalojo de *Okupas* da cidade com acompanhamento da mídia.

O termo *Okupas* foi popularizado pela imprensa espanhola para denominar os grupos de pessoas, normalmente de jovens que, organizados, ocupam uma casa ou fábricas abandonadas. Como não havia uma palavra equivalente à inglesa squatters, os grupos optaram por *Okupas* que reúne, na mesma palavra, contracultura e punk e se diferencia de “ocupa” pelo conteúdo político e social de denúncia da situação e da dificuldade de acesso à moradia nas cidades. Ainda, conforme o verbete *Okupas* encontrado no site *Wikipedia*, a denominação feita pela imprensa, como a de “movimiento okupa” não foi bem aceita entre os protagonistas que preferem “movimiento de okupaciones” ou “movimiento de los centros sociales”, pois estas denominações estariam mais em consonância com a realidade vivida. Assim, as denominações da imprensa serviriam apenas para mascarar a realidade dos grupos pela moradia e contra a especulação imobiliária.

A proposta deste trabalho é fazer o levantamento e a análise da cobertura dos desalojamentos *Okupas* através da mídia impressa, de distribuição gratuita circulando de segunda a sexta feira, durante os meses de dezembro 2006 e janeiro 2007, em Barcelona. Os diários aqui utilizados serão: *Metro directe*, *Diario ADN*, *20 min Barcelona* e *Qué Barcelona*, com tamanho médio de 29x39 cm = 1131 cm². Também utilizaremos o jornal *El Periodico*, edição catalã, que dedicou páginas inteiras sobre o tema e a problemática na Europa e em Barcelona nos dias

13/1/2007.

Este trabalho nasceu do interesse despertado pelo tema devido à frequência com que ele foi abordado e trabalhado, demonstrando tanto a participação dos Mossos d'Esquadra, a polícia da Catalunha, como a política habitacional e cultural da cidade, e as preocupações populares com as ocupações. Pudemos, inclusive, manter contato com os *Okupas*, visitando a Casa Miles de Viviendas, onde foi instalada a Universitat Pirata em 15 de novembro de 2006 e que, apenas no dia 7 de fevereiro de 2007, foi notícia no 20 min (p. 4) com o título “Obren a la Barceloneta una universitat ‘okupa””, assinada por F. CEDÓ. Contudo, já tínhamos conhecimento da universidade desde 19 de novembro, através do diário catalão AVUI (em sua edição eletrônica) que informava, em matéria assinada por Lluís-Anton Baulenas - Universitat pirata a la vista! , sobre a universidade e seus curiosos cursos:

“Ofereixen un primer paquet de blocs temàtics susceptibles d'estudiar: Jugar per guanyar (tècniques de creació de marques aplicades al canvi social); Bricolatge sexual i feminismes; Eines de software lliure; la Farmaciola (medicina natural, salut i equilibri, corporal i mental); fisCultura Urbana (practiques per exercir l'espai públic); Interferències (presentar i ensenyar tecnologia que permeti crear interferències en l'espai públic reconquerit); Unproductiv / Celulosa (taller teòric i pràctic sobre la producció industrial del paper); Artivisme i comunitat (l'ús de l'art per a la transformació social i personal) i, finalment, un dels més curiosos i atractius: Taller de no-res (tècniques i trobades per mirar d'aconseguir entre tots l'impossible: no fer res). Per no espantar els menys alternatius, es manifesten oberts a compartir els seus experiments en aprenentatge amb “estils més tradicionals d'educació”. És un bon propòsit inicial, integrador, que es complementa amb una estructura de funcionament descentralitzada “però ordenadeta”¹.

Ainda com relação ao contato sobre o tema, conversamos com funcionários da Cruz Roja local, para verificar as técnicas e estratégias utilizadas por eles para abordar a polícia visando

auxiliar os *Okupas* com água, cobertores e comidas, como no caso de Can Ricart citado acima. Assim como a opinião de algumas pessoas da cidade sobre a questão. Conforme o site El Comercio Digital², os dados oficiais apontam que:

Según diversas fuentes municipales y policiales, más de un millar de alternativos, la mayoría jóvenes entre 20 y 30 años, controlan unas 300 casas, edificios, locales y viejas naves industriales abandonadas en la capital catalana. La mayoría de las casas ocupadas están situadas en los distritos de Gracia, Sans Monjuich San Martí y Horta Guinardó, y en menor medida en la parte vieja de la Ciudad Condal.

Em Janeiro de 2007 devemos destacar, também, a chegada em Barcelona de Los Hijos de Don Quijote, que ficaram acampados em Paris de 16 de dezembro a 10 de janeiro, exigindo moradia para os sem-tetos da capital francesa. Na capital catalã, tentaram mobilizar as associações locais para um novo acampamento, porém sem sucesso. Conforme El Periódico de 14 de janeiro 2007 os Quijotes escolheram Barcelona “por causalidade” apenas, sem conhecer a situação real dos sem-tetos locais.

Os desalojos e a tentativa dos Hijos de Don Quijote renderam ainda, no Cuardeno del Domingo do mesmo El Periódico, matérias de páginas inteiras sobre o tema da moradia, entre elas a assinada por Ángel Martín desde Madrid, com o título “En un lugar de la calle”, inclusive citando livros, com preços variando entre € 6 e € 22 , “para entender lo que pasa”.

O tema rendeu também em La Vanguardia - outro jornal local - nos dias 24 e 31 de dezembro de 2006, matéria de capa da revista “Vivir” que vem encartada com o jornal nos domingos abordando televisão, comunicação, gente, passatempos, agenda e tempo. No penúltimo domingo do ano a chamada era “Lujo asiático frente a Gaudí” sobre a construção de um edifício de apartamentos no Paseo de Gràcia, 83 bem em frente a La Pedrera, (emblemático edifício construído por Antoni Gaudí no início do século XX). O artigo prossegue na página seguinte informando destacando que “los inquilinos del edificio tendrán a su disposición una enoteca com más de 7.000 referencias de

vinos, cavas y champanes”. Sutilmente, aparece ocupando toda a página 3 uma entrevista com Joaquim Nadal, Conseller de Política Territorial i Obres Publiques. Meia página 4 é dedicada à manifestação do sábado, 23 de dezembro, onde sete mil pessoas saíram as ruas exigindo a adoção de medidas que facilitem o acesso “a uma vivienda digna”.

O caderno ‘Vivir’ de 31 de dezembro de 2006 trouxe em sua capa — e na página seguinte — a problemática do aluguel em Barcelona, e a alta dos preços em dois bairros da cidade: Sant Martí e Sant Andreu, sendo € 913,9 e € 782,8 mensais respectivamente, destacando o bairro de Pedralbes, onde o aluguel chega a € 1.776 pois tem as “superfícies más grandes de la ciudad - 103 metros cuadrados... Entre lãs zonas más econômicas está la Barceloneta que tiene los pisos más pequeños, com uma media de 35 m²” - quando a média do preço do aluguel para Barcelona ficou em € 887 mensais.

Destacamos ainda o “Periódico de informação, denúncia e crítica social da Ciutat Vella” chamado *Masala* em seu número 33 de janeiro e fevereiro de 2007, com 8.000 exemplares de distribuição gratuita, um misto de informativo e jornal com 16 páginas, tendo a capa na “última página”, o que obriga o leitor a ler no sentido contrário ao habitual, ou seja, folheando da esquerda para a direita, incluindo matérias escritas, ora em castelhano, ora em catalão e mesmo em árabe. Na página 2 desse informativo aparece uma matéria sobre as transformações por que passarão os edifícios no bairro da Barceloneta, criticando as decisões municipais que “plantea una transformación arquitectónica basada em “la fusón” de dos e incluso três edifícios, la destrucción de los llamados “quarts de casa” y la instalación de ascensores”, ao que os editores indicam que isso afetará e expulsarão do bairro entre 750 e 100 famílias.

Pelo exposto podemos verificar a importância e como o tema é tratado pelos diversos segmentos sociais na cidade de Barcelona. Pretendemos mostrar aqui como os meios de comunicação impressos trataram o assunto com destaque aos jornais gratuitos.

Primeiramente daremos um breve panorama do que e quem são essas empresas de comunicação para, a seguir, apresentar as reportagens e os espaços destinados à questão dos *Okupas*,

pois, na verdade, está inserido em uma problemática maior que é a do uso do espaço urbano em uma cidade que se pretende mundial e/ou referência para, no mínimo, a Europa, e como o discurso impresso dos jornais gratuitos vai construindo e conformando o tema para seu público alvo para além do textual.

Uma primeira aproximação teórica

Partimos dos estudos propostos por Eliseo Veron, principalmente no artigo *Ideologia e Comunicação de Massa: sobre a constituição do discurso burguês na imprensa semanal*, publicado originalmente em *Idéologies, littérature et société em Amérique Latine*, em 1975, e lançado no Brasil em 2004, na coletânea de textos do autor, *Fragmentos de um tecido* (Editora Unisinos). Embora pareça “pouco” teorizar um estudo partindo de um artigo, entendemos que este vem ao encontro do teor do que está sendo aqui estudado. Indica o autor argentino que um discurso não constitui um objeto homogêneo: esta noção de “discurso” não tem unidade própria; todo discurso sendo o lugar de manifestação de uma multiplicidade de sistemas de condições, uma rede de interferências. A unidade possível de uma determinada análise resultará, portanto, de critérios externos aos textos estudados, e isso sobretudo, em dois níveis: a) o que diz respeito aos critérios que dirigem a escolha dos textos; b) o que diz respeito à finalidade da leitura. A noção de ideologia opera justamente nesses dois níveis ao mesmo tempo: é ela que nos permite fundamentar a constituição do *corpus* de textos em termos de comparabilidade e de diferenças sistemáticas; também é ela que nos pode orientar na identificação daquilo que nos interessa dentro do *corpus*. Ao mesmo tempo, o papel do conceito de ideologia, em relação à análise dos textos, torna-se claro, a saber, fornecer um princípio de homogeneidade tanto à seleção de textos quanto à leitura. Nesse nível metodológico, portanto, o ideológico é uma relação entre o textual e o extratextual, relação que surge sob a forma de hipóteses, ligando certos aspectos dos textos às condições de produção do mesmo.

A seguir desenvolve os passos metodológicos para a pesquisa que se propõe: a análise textual do atentado político que culminou na morte do líder sindical metalúrgico Augusto Vador,

em 30 de junho de 1969. O *corpus* foi montado tendo como base uma revista semanal voltada às classes populares e burguesas argentinas com os textos sobre o fato. Os passos foram divididos em nove, relacionados às condições de produção, sendo:

a) A invariante referencial, “ou seja, trata-se de textos que devem ‘falar da mesma coisa.’”;

b) A escolha de um meio de comunicação - no caso estudado, a imprensa escrita - permitindo estabelecer a comparabilidade dos textos.

c) A análise comparativa dentro de um mesmo gênero.

d) As propriedades desses textos são provavelmente determinadas por sua inserção no contexto da revista tomada em seu conjunto, ou seja, a importância dos procedimentos técnicos.

e) A estrutura dos meios de comunicação, organizado em seções e em subseções.

f) O consumo diferencial dos meios de comunicação;

g) Critérios externos para a constituição do *corpus*: referente constante (falam do mesmo acontecimento) mas têm destinatários diferentes pela classe.

h) A localização histórica também faz parte das condições de produção, o gênero é local mas também internacional.

i) A determinação do processo de desenvolvimento do modo de produção econômica

A conclusão é que, após a conceitualização das condições de produção dos textos, podemos inferir que o “ideológico no discurso não consiste em propriedades imanentes aos textos, e sim em um sistema de relações entre o texto, de um lado, e sua produção, circulação e consumo, de outro”. A partir dessas primeiras indicações teóricas podemos inserir a temática proposta para, adiante, trabalharmos a relação textual e extratextual no tema dos *Okupas*.

A imprensa gratuita em Barcelona

Conforme Sabés Turmo, em seu artigo sobre o crescimento da imprensa gratuita na Espanha³, o *20 MIN* começou a ser distribuído em Barcelona no dia 16 de novembro de 2000, por ini-

ciativa da Multiprensa y Más S.L., fundada em Madrid em 1999 tendo como acionista principal a *20 Min Holding*, sendo que “El accionista principal de 20 Min Holding es Schibsted, un grupo de comunicación de origen noruego fundado en 1839 y que tiene una fuerte presencia en España, Noruega, Suecia, Dinamarca, Suiza, Estonia, Finlandia y Francia”. Outro jornal gratuito é o *Metro Directe*, que pertence ao Grupo Metro Internacional S.A., e começou a circular em Barcelona em Agosto de 2001. Hoje publica mais 14 edições em diversos pontos da Espanha.

O *Qué* iniciou suas atividades em 18 de janeiro de 2005 sendo controlado pelo grupo Recoletos, editor do jornal esportivo *Marca*, com participação também do Grupo Godó, editor do *La Vanguardia*, contando com 12 edições em várias localidades da Espanha. Por último, o *ADN*, que iniciou suas atividades no dia 01 de março de 2006, sendo publicado por la sociedad Editorial Página Cero SA, em que participam o Grupo Planeta, Grupo Joly, Grupo Promotor Salmantino (La Gaceta Regional de Salamanca), Heraldo de Aragón, Grupo Serra (Última Hora), La Información (Diario de Navarra) e La Voz de Galicia, todos grupos regionais de diários pagos. Atinge nove edições na Espanha.

Já Mercedes Pescador descrevendo o “Auge y debilidad de la Prensa gratuita en España: ¿Quién teme a los gratuitos?”⁴ vai definir quem são os leitores e levantar questões sobre esse veículo de comunicação:

¿Quién lee los gratuitos? Los estudios del sector y alguno independiente afirman que en su mayoría se trata de jóvenes y mujeres (un 50,30%), que nunca (o casi nunca) habían comprado un periódico de pago, salvo en los días festivos. El resto de los lectores son hombres que tampoco eran habituales de la prensa de pago. Otro estudio, interesado pero creíble, coincide con este criterio. Se trata del realizado por Metro en España entre sus clientes. “El perfil del lector de Metro en España no es sustancialmente diferente al de otras ciudades del mundo en las que se encuentra el periódico Metro. En cifras concretas, según el último EGM, la audiencia presenta un equilibrio casi exacto, tanto en Barcelona como en Madrid, entre hombres (49,7%) y mujeres (50,30%) que pertenecen a la clase media (50,9%), media-alta (17%) con edades comprendidas entre los 20 y 44 años. El 67,5% de los lectores cuenta con estudios medios, profesionales o superiores”.

E aponta outro indicador:

Hay una pregunta (y respuesta) aún más interesante: ¿Significa el éxito de la prensa gratuita el fin a largo plazo del modelo de los periódicos de calidad o, al contrario, sus jóvenes lectores se pasarán a los diarios tradicionales con el tiempo?

Las ediciones españolas de Metro y 20 Minutos, a través de sus respectivas páginas web, responden a algunos de estos interrogantes. “En nuestro país, donde sólo el 11% de la población compra periódicos, los diarios gratuitos de calidad serán los únicos capaces de llegar a un segmento el público totalmente inexplorado por la prensa de pago, un público que se informa por la radio y la televisión, que tiene trabajo y consume productos y servicios, pero que no compra periódicos”, dice José Antonio Martínez Soler, director general de la empresa editora de 20 Minutos. “Nuestras encuestas indican que muchos lectores que no se habían asomado a los diarios de pago han empezado leyendo el nuestro, le han perdido miedo a la letra impresa y han acabado comprando prensa de pago los sábados y domingos, cuando nosotros no salimos”, añade este experimentado directivo.

Dessa forma, vemos que os diários gratuitos em Barcelona e Espanha atingem um público expressivo de leitores, e devem ser observados com bastante atenção em relação ao seu conteúdo e opiniões que forma ao informar uma realidade social imediata.

Na sequência, faremos uma apresentação quantitativa das notícias sobre os *Okupas* em Barcelona que apareceram nos jornais gratuitos citados. A tabela abaixo indica o tamanho dos diários, onde podemos considerar 29x39 cm como uma medida padrão, já que as diferenças são pequenas. Na lista também aparece um jornal pago, *El Periódico*, pois este abordou com bastante ênfase, dedicando amplo espaço ao tema.

Jornais gratuitos pesquisados: tamanho médio de 29 x 39 cm:

Nome	Dimensão
20 MIN	1131 cm ²
ADN	1037 cm ²
METRO	1160 cm ²
QUÉ	1131 cm ²
EL PERIÓDICO	1348 cm ²

Uma leitura dos números poderia indicar que o auge do desalojo *Okupa* em Barcelona, enquanto notícia importante para informar ao cidadão, ocorreu entre os dias 12 e 15 de janeiro de 2007, quando tivemos publicado no jornal pago *El Periódico* três páginas inteiras no dia 14 de janeiro, e uma página no dia 13 de janeiro. Destacando os 62, 62% que o *ADN* dedicou ao tema no dia 15 de janeiro e os 68,52% do *Qué* no dia 12 de janeiro. Em todos os jornais o tema foi abordado acompanhado de uma foto ou ilustração.

Análise dos conteúdos das notícias

Com o título de “Fim de Semana de Assédio e ‘Okupação’ em Can Ricart. A Cruz Vermelha leva água e mantas aos artistas de La Makabra fechados com alguma criança. Los Mossos cercam a área, porém o juiz denega o desalojo”, o jornal gratuito *20 MIN* do dia 4 de dezembro de 2006 anunciava em Barcelona um fim de ano com manifestações dos *Okupas* contra o desalojo ocorrido no dia 20 de novembro. Esta seria a primeira de uma série de okupações e incidentes envolvendo as autoridades e os *Okupas*.

A escolha da fábrica desativada Can Ricart inclui ainda outro protesto contra a especulação imobiliária na cidade, pois está na área denominada 22@BCN, que é onde o plano urbanístico de 2000 determinou para a implantação das empresas de Tecnologias de Informação e Comunicação — as TIC — visando a colocação de Barcelona como cidade mundial e referência na Europa⁵.

Nessa primeira manifestação de dezembro, a jornalista Maria Salgado apresentava, principalmente, o posicionamento dos

Okupas e a “legitimidade” do ato através do apoio que os vizinhos e algumas associações deram à okupação, porém, deixando claro que era um imóvel particular. Dizia a matéria:

Depois de 30 horas de fome, frio e sede, os *Okupas* de La Makabra receberam ajuda. A cinco da tarde de ontem a Cruz Vermelha pode atravessar o cerco policial com água, cobertores e bolachas para as pessoas encerradas em uma fábrica abandonada do Poblenou chamada Can Ricart.

Os *Okupas*, entre 50 e 150, incluindo alguma criança, introduziram-se no imóvel ao sábado meio dia, depois de manifestarem-se pelo desalojo de outro edifício do mesmo bairro, no passado 20 de novembro.

O novo edifício tomado, ainda com titularidade privada, foi incluído pela prefeitura no plano urbanístico do bairro 22@. Algo que negam os *Okupas*, que protestam contra a especulação e reclamam um lugar onde ensaiar seus espetáculos circenses.

O cordão policial, que sitiou o lugar e impediu a entrada de pessoas e alimentos, demorou 30 horas para permitir que a Cruz Vermelha introduzisse ajuda a pedido dos vizinhos. Porém o apoio ao coletivo La Makabra é amplo. A associação de Vizinhos do Poblenou e a Federação de Associações de Vivinhos de Barcelona estão com eles, pois compartilham sua reivindicação. Também o Relator para a habitação da ONU, Miloon Kotheri, que visitou o lugar e animou a seguir lutando; e o artista Manu Chao que enviou um comunicado.

Os políticos enviaram outro tipo de mensagens. O prefeito Jordi Hereu ofereceu diálogo se desalojassem o lugar. “Com okupação não há diálogo”, disse. O presidente do grupo municipal de CiU, Xavier Trias, tachou de insólito que uma manifestação termine em ocupação. E seu homólogo popular, Alberto Fernández, crê que é “uma ocupação ilegal com proteção policial”.

A última palavra disse o juiz que denegou o desalojo cautelar pedido pelo proprietário do imóvel. Até o fechamento desta edição, os *Okupas* seguiam dentro de Can Ricart.

O discurso utilizado pela jornalista indica certa “adesão” ao movimento *Okupa* pelo uso que faz de certos períodos e palavras, como “fábrica abandonada”, o que demonstra o descaso tanto da iniciativa privada ou dos proprietários, como do poder público, em não dar uma finalidade social ao edifício, visto estar incluído no plano urbanístico do projeto *22@BCN*. Na sequência, a jornalista chama atenção da quantidade de horas que os *Okupas* ficaram isolados sem receberem ajuda da população e da Cruz Vermelha, “... demorou 30 horas para permitir...”.

Contudo, é na afirmação “Porém o apoio ao coletivo La Makabra é amplo” que verificamos com mais clareza que a jornalista se coloca senão a favor da invasão, ao menos da iniciativa dos *Okupas*, isto porque não é comum na imprensa local o tratamento através da designação de *Coletivo*. Esta é uma autodenominação dos próprios grupos de *Okupas*, que se veem como Centros Sociais e, inclusive, preferem *movimentos de ocupação* a *Okupas*, sendo esta última palavra vista, por esses grupos, como criada e popularizada pelas mídias.

O papel informativo é cumprido indicando as impressões das personagens do poder público e político, e o resultado da sentença de desalojo solicitada pelo proprietário — e negada pelo judiciário.

O desfecho da ocupação de Can Ricart acontece no dia 13 de dezembro de 2006 e o diário *ADN*, em matéria de página inteira, assinada por Jordi Numbrú (Barcelona), página 3, informava:

“DESALOJAM CAN RICART. Os Mossos retiram os Okupas de La Makabra. Os vizinhos do Poblenou temem que aproveitem o desalojamento para derrubar o complexo fabril.”

Os jovens artistas instalados por 10 dias em Can Ricart estavam preparando uma coletiva com os jornalistas quando os Mossos entraram no Complexo Fabril. Falavam alguns minutos para as quatro da tarde. Os Mossos, equipados com mazos [uma espécie de martelo de madeira] , capacetes, escudos, cacetetes entraram nas duas naves e separaram os jovens entre os que tinham papéis [documentos que comprovassem que estavam legalmente em Barcelona] e os que não tinham. Era a segunda vez que eles se encontravam em menos de um

mês, quando os Mossos desalojaram os Okupas de La Makabra. Ontem, como na outra vez [em 20 de novembro], os Okupas não vão oferecer nenhuma resistência e, também como da outra vez, os advogados dos jovens artistas denunciam que o juiz não os avisara, segundo explicou a advogada Laia Serra. Os jovens que não tenham a documentação serão trasladados ao Centro de internamento de Estrangeiros, os demais responderão à justiça em liberdade. O prefeito da cidade, Jordi Hereu, festejou a decisão judicial.

Enquanto os Mossos retiravam os 40 jovens que estavam em Can Ricart, acercaram-se perto de vinte pessoas para protestar e ajudar aos desalojados. “Quanto pagou o Marquês? Perguntavam algumas pessoas. Os artistas tinham convocado para ontem uma coletiva com a imprensa para anunciar uma jornada de portas abertas para o sábado. O Complexo Fabril de Can Ricart é considerado um bem cultural de interesse local graças ao esforço dos vizinhos do Poblenou. O proprietário, o Marques de Santa Isabel, queria derrubar as naves para construir escritórios e apartamentos, porém os vizinhos conseguiram proteger cerca de 60% do complexo. Os Okupas estavam nas naves que não estão protegidas. Agora os vizinhos temem que aproveitem para derrubar o complexo.

E no dia 15 de dezembro, o *Metro directe* e o *20 MIN* traziam um novo capítulo da ocupação de Can Ricart. Enquanto o *Metro Directe* dedicava uma pequena nota e fotografia juntamente com propagandas de Natal, o *20 MIN* dedicava praticamente toda a página sobre o protesto feito pelos *Okupas* desalojados no lançamento do plano cultural da cidade:

Autorizam a derrubada das naves de Can Ricart em 24 h. O prefeito é xingado e atiram-lhe cerveja.

Os proprietários de Can Ricart podem derrubar as naves não protegidas do antigo recinto fabril do Poblenou em 24 horas. Só falta que revalidem a licença de demolição. Um tramite singelo e muito rápido, segundo o regidor do distrito de Santo Martí, Francesc Narváez, que a Prefeitura confia que a propriedade leve a cabo bem cedo. Estas naves, onde se prevê construir lofts, são as que ocuparam o coletivo de artistas La Makabra e que

vão ser desalojadas na terça-feira passada pelos Mossos. Narváez assegurou que durante 2007 começar-se-á a executar as obras de equipamentos que se incluem em Can Ricart. O gerente da Associação de Proprietários de Can Ricart, Manel Miret, explicou que a propriedade quer «atuar com agilidade, porque o projeto traz muito tempo paralisado».

Importunaram ao prefeito

O prefeito de Barcelona, Jordi Hereu, foi incomodado ontem ao anoitecer por dezenas de Okupas e simpatizantes de La Makabra que protestavam pelo desalojo feito no dia anterior ao recinto fabril de Can Ricart. À saída do ato de apresentação do Plano Cultural, o prefeito teve que ser escoltado pelos antidistúrbios, quando alguns manifestantes lhe atiraram cerveja.

Boicotaram despedidos

Pouco antes, um grupo de Okupas despedidos irrompeu ao ato celebrado no Mercat do Born para pedir «espaços de criação livres» e criticaram a política cultural do Consistori. Enquanto fora outros Okupas parodiaram, vestidos de polícia, o desalojo. A Federação de Vizinhos somar-se-á à manifestação que fará La Makabra amanhã pela tarde na Plaza Universitat.

Analisando as reportagens sobre a ocupação e desocupação de Can Ricart, no Bairro Poblenou em Barcelona, podemos verificar a incidência de alguns pontos em comum. Escolhemos algumas palavras que consideramos chave para entender o posicionamento dos periódicos quando abordam o tema. São elas:

- 20 MIN do dia 4 de dezembro de 2006 fábrica abandonada
- Os Okupas incluindo alguma criança, introduziram-se no imóvel
- O novo edifício tomado, ainda com titularidade privada
- O cordão policial demorou 30 horas para permitir que a Cruz Vermelha introduzisse ajuda a pedido dos vizinhos. Porém o apoio ao coletivo La Makabra é amplo
- Okupação
- Ocupação

- juiz que denegou o desalojo cautelar DIARIO ADN 13 de dezembro de 2006 os Okupas
- Os jovens artistas.
- Os Mossos, equipados com mazos [uma espécie de martelo de madeira], capacetes, escudos, cacetetes entraram nas duas naves jovens, os Okupas não vão oferecer nenhuma resistência
- Os Okupas
- 20 MIN 15 de dezembro de 2006
- o coletivo de artistas La Makabra
- manifestantes
- os Okupas
- os Okupas
- manifestantes
- os Okupas
- os Okupas
- La Makabra

Com relação à primeira reportagem, já indicamos que ela parece “aderir” aos reclames dos *Okupas* quando os denominam de *Coletivo La Makabra*, por exemplo.

Na reportagem do *ADN*, a situação também remete a certa “adesão” ao movimento quando inicia o tratamento como *Okupas*, mas logo o articulista substitui por *jovens artistas* e depois apenas *jovens*. A crítica à ação policial é sutil, como na primeira reportagem [*O cordão policial, demorou 30 horas para permitir que a Cruz Vermelha introduzisse ajuda a pedido dos vizinhos*]. A segunda aponta para a arma utilizada pelos policiais [*Os Mossos, equipados com mazos*], [*uma espécie de martelo de madeira*], [*capacetes, escudos, cacetetes entraram nas duas naves*], [*e nas duas ocasiões, a saída dos Okupas foi tranquila*], [*os Okupas não vão oferecer nenhuma resistência*]. Na reportagem do desfecho de Can Ricart, feita para o *20 MIN*, o articulista é mais incisivo, ficando o tratamento resumido a *manifestantes* e *Okupas*, ainda que inicie com o coletivo de artistas La Makabra.

Podemos inferir pela análise desse episódio que:

1. A palavra *okupa*, conforme os próprios participantes do movimento indicam, é de uso corrente na mídia impressa de Barcelona e de entendimento imediato para o leitor.
2. Esses dois periódicos indicados acompanharam o desen-

volvimento do desalojamento do coletivo *La Makabra* dando ênfase ao apoio que recebem dos moradores do bairro Poblenou, preocupados com a preservação/conservação do patrimônio arquitetônico da fábrica Can Ricart.

3. Os periódicos também enfatizaram a ação policial, inclusive citando os instrumentos de repressão utilizados, apesar da retirada sem incidentes promovida pelos *Okupas*.

4. Os periódicos nesse episódio de Can Ricart deram um *status* de ‘artistas’ ao coletivo *La Makabra*.

Contudo, todos os periódicos consultados não noticiavam mais nada na segunda feira, dia 18 de dezembro, apesar da manifestação feita no dia 15 de dezembro ter valido quase toda a mancha da página 4 do *20 MIN* e uma pequena nota no *Metro Directe* do mesmo dia, voltando o *20 MIN*, no dia 19 de dezembro, a noticiar em primeira página que *Barcelona aplicará desalojos expresos das “casas okupadas”* e, no dia seguinte, apenas, uma pequena notícia informava que alguns Okupas da Centro Social CalaMarsa foram desalojados em Sabadell (área metropolitana de Barcelona), com 7 feridos por enfrentamento com os Mossos.

O final de ano é marcado em toda Espanha pelas notícias da explosão de um carro-bomba no Aeroporto Internacional de Barajas, às 9 horas do dia 30 de dezembro, derrubando três das quatro plantas do estacionamento D, ferindo nove pessoas e deixando duas desaparecidas, sendo estas últimas de nacionalidade equatoriana. O fato foi amplamente divulgado pelos meios televisivos, causando grande comoção nacional devido às imagens acompanhando os trabalhos dos bombeiros para encontrar os desaparecidos, a volta dos corpos para o Equador e o dia das famílias de ambos. Outra notícia que mereceu destaque nos últimos dias de 2006 foi o calor excessivo para o inverno, que os meios de comunicação qualificavam de *clima primaveril*. O *20 MIN* indicava na previsão do tempo, em sua última edição do ano, em 29 de dezembro, que “Barcelona vê um final de ano mais primaveril”, ficando a média de dezembro em 10,12°, estando previsto para os dias 30 e 31 de dezembro as máximas e mínimas entre 15°/ 8° e 16°/ 8°, respectivamente.

As próximas notícias sobre as desocupações apareceram somente em 3 de janeiro no *ADN* (2a edição, tarde), 4 de janeiro

no *Metro Directe* e no *20 MIN*. O *Metro Directe* com foto de primeira página anunciava:

Okupas. Primeiro Desalojamento do ano em Barcelona. Os Mossos D'Esquadra desalojaram ontem de manhã 69 pessoas, entre eles 21 menores, que ocupavam cerca de vinte casas de planta baixa situadas entre os números 24 e 56 da Carrer Segre, junto a antiga fábrica têxtil Fabra i Coats, no distrito de Sant Andreu de Barcelona. Além dos jovens Okupas, nas casas instalaram-se há tempos famílias sem recursos de diversas nacionalidades, entre eles espanhóis, italianos, poloneses, marroquinos e romenos. Algumas das famílias desalojadas queixaram-se de que a polícia autônoma os tirou de suas casas sem aviso révio. Em troca, os vizinhos da zona demonstraram-se satisfeitos porque, segundo disseram, havia problemas de drogas, sujeira e cães.

E na página 4, em matéria assinada por Bethlem Boronat, apresentava, além da foto das máquinas que começavam derrubar as casas invadidas, que não se tratava da mesma situação de desalojamento de dezembro do movimento *Okupa*.

Às 8,10 horas da manhã de ontem os Mossos d'Esquadra iniciaram o desalojamento das casas do Carrer Segre, em Sant Andreu, que, tempos atrás eram casas dos trabalhadores da fábrica Fabra i Coats. Sessenta e nove pessoas, a maioria espanhola e membros de diversas famílias que haviam ocupado as casas à medida que os inquilinos de toda a vida eram expropriados. Entre as pessoas desalojadas, por ordem judicial, instrução números 2 e 3, também havia 21 menores, que ficarão sobre a tutela de pais de outras famílias, depois de serem atendidos pelos serviços sociais do Distrito de Sant Andreu.

Dentro das casas sujas, os Mossos localizaram uma jovem de nacionalidade espanhola que tinha antecedentes por roubo e que será detida. Juntamente com ela, um grupo de ocupantes serão trasladados a delegacia de Sant Andreu para serem identificadas... As casas que atualmente são de propriedade de Tenta Corporaciòn passarão as mãos da prefeitura logo que sejam derrubadas - entre hoje e amanhã - já que a prefeitura vai recomprar os ter-

renos da empresa intermediária. Ali se estabelecerá uma zona verde inclusa no projeto de remodelação da fábrica Fabra i Coats, que passará a ser um grande centro de equipamentos urbanos e de casas no distrito. Até o verão havia famílias de trabalhadores da fábrica ocupando as casas do Carrer Segre. Alguns daqueles antigos inquilinos foram até o bairro para dizer adeus, emocionados, ao que foram suas casas durante toda uma vida.

Percebe-se aqui uma generalização do termo *Okupa*, servindo tanto para indicar os jovens que protestam quanto para pessoas de baixa renda que invadem casas para morar. O destaque nessa primeira notícia sobre as desocupações é que todos os periódicos enfatizaram a prisão da jovem com antecedentes de roubo e, também, o fato do apoio dos moradores no trabalho dos policiais, ainda que enfatizado o clima saudosista dos antigos moradores que acompanharam a derrubada das casas [*antigos inquilinos foram até o bairro para dizer adeus, emocionados, ao que foram suas casas durante toda uma vida*].

No dia 9 de janeiro de 2007 o *20 MIN* destacava na página 3: *PRIMEIRO DESALOJO ‘EXPRESS’ NO RAVAL. Os Mossos evacuam a casa ‘okupa’ de mulheres do Arc del Teatre. Funcionava como oficina já faz um ano*, em matéria assinada por Fede Cedo (com os destaques em maiúsculo e azul).

Os mossos efetuaram ontem no Raval o desalojo da casa okupa de mulheres, o primeiro neste bairro depois da decisão das autoridades de impor “desalojos Express” nos imóveis okupados de Barcelona, segundo informou o conselheiro de Segurança e Mobilidade, Ferran Julián, na Comissão Municipal que estuda o fenômeno okupa. Depois das desocupações da semana passada em Sant Andreu (afetou 69 Okupas) e depois do desalojo da La Makbra e de Can Ricart, ontem foi o turno de El Mambo no nº 8 do Arc del Teatre. O edifício, de cinco andares, de uma imobiliária, levava um ano ocupado. Foi convertido em uma casa especializada em atividades e oficina para mulheres.

Nova polêmica judicial

A atuação iniciou-se às 8 horas e se desenvolveu sem incidentes. Uns 15 Okupas retiraram seus materiais. Ao

meio dia trancou-se a porta de entrada. O advogado do coletivo, Hibai Arbide, disse não entender por que havia acontecido, quando há um processo civil aberto. Sendo os Okupas, até o juiz manifestou sua “surpresa” como já havia feito com o desalojo de Can Ricart.

Em Gràcia, continua okupado o edifício que, nº 2 da Calle Planeta. Os Okupas denunciam assim: “especulação”.

Em El Masnou (Maresme) o Ministério do Interior iniciou os trâmites para expulsar os Okupas que tomaram o antigo quartel da Guarda Civil. A lei outorga três meses para o desalojo e, não cumprindo o prazo, se procederá por via policial.

Conforme se pode notar, o teor que o jornalista Fede Cedo quer dar à notícia é de desaprovação ao movimento, já que todas as vezes em que cita a palavra *okupa*, esta aparece destacada em itálico, e também tenta dar um clima de tensão quando constrói períodos curtos [*A atuação iniciou-se às 8 horas e se desenvolveu sem incidentes.*], [*Uns 15 Okupas retiraram seus materiais.*], [*Ao meio-dia trancou-se a porta de entrada.*], para falar da desocupação que transcorreu sem incidentes. O último período [*Ao meio dia trancou-se a porta de entrada.*] parece ligar-se ao destacado em azul da chamada “Os Mossos evacuam a casa ‘okupa’ de mulheres”, querendo o jornalista demonstrar uma suposta fragilidade e desamparo femininos, o que contraria os caminhos trilhados pelos *Okupas*, em que tal diferenciação por gênero não é o mais relevante para o movimento, ainda que, realmente, existam casas apenas de trabalhos oferecidos ao público feminino.

Uma pequena nota, ao fim da matéria, fechava o tema dos Okupas dessa edição:

Audiência Pública para Can Ricart

A Federação de Associações de Vizinhos de Barcelona (FAVB) reclamou a Prefeitura uma Audiência Pública para debater sobre o futuro do recinto fabril de Can Ricart no Poblenou. A zona está protegida por um plano urbanístico aprovado em 24 de novembro, e que somente preserva uma parte do recinto. A prefeitura declinou de celebrar a Audiência Pública porque entende que já se levou a cabo “um procedimento de participação muito ampla”.

Outra notícia sobre ocupações chamaria atenção dos barceloneses. No dia 10 de janeiro, todos os jornais anunciam que os membros da associação francesa *Los Hijos de Don Quijote* chegaram em Barcelona ameaçando iniciar uma campanha igual a que ocorrera em Paris. Destacava o *Qué* na página 10:

A maré dos ‘sem teto’ de Paris chega à Catalunha

Três membros da associação francesa Los Hijos de Don Quijote chegaram a Barcelona e ameaçam realizar uma acampada reivindicativa na capital catalã similar a que acabam de realizar em seu país.

Quase que a totalidade da página do jornal foi ocupada com notícias correlatas e explicações sobre as ações do grupo francês. Além dessas, destacam em pequenas notas: 50 mortos nas inundações no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), com uma pequena foto da destruição de uma casa depois das chuvas; O referendun do estatuto Andaluz em 18 de fevereiro, e a visita do Príncipe de Astúrias na posse do presidente da Noruega: “Daniel Ortega toma posse com o Príncipe de testemunha”.

Entre os artigos correlatos ao tema do grupo parisiense em Barcelona, destacava-se também: “Já há pessoas que vivem em covas”, sobre uma família que vive em uma gruta em Granada. E casas exóticas como um moinho em Ruidera por € 63.000, uma igreja romana por € 400.000 ou uma casa de pedra de 350m², por € 240.000.

Destaque para a nota onde o prefeito afirma que não autorizará o acampamento porque a situação de Barcelona não é a de Paris:

O prefeito de Barcelona não autorizará o acampamento

O prefeito de Barcelona, Jordi Hereu, advertiu ontem que não autorizará uma acampada e disse que a situação dos indigentes e os “sem papéis” na França “não tem nada que ver” com a capital catalã. Defende que há “coesão social”

Hereu afirmou que em Barcelona “há estratégias que ga-

ranterem a coesão social e que “foram inaugurados muitos centros para os ‘sem teto’”

O *20 MIN* além de destacar a chegada dos franceses, “Em Barcelona não há quem acampe”, tinha como manchete principal de capa a declaração do grupo ETA sobre o atentado no Aeroporto de Barajas no final de dezembro, “ETA disse que não quis matar em Barajas e que o alto fogo segue”.

O *Metro directe*, de 10 de janeiro, teve como chamada “Barcelona impedirá o acampamento dos ‘sem teto’” em matéria assinada por Cristian Reno, destacando apenas a fala do prefeito da cidade: “O prefeito de Barcelona, Jordi Hereu, replicou ontem que não autorizará ações deste calibre”. “Não vejo por que razão alguém escolhe Barcelona para realizar este tipo de acampamento”.

Contudo, no dia 12 de janeiro, o *20 MIN*, em matéria assinada por Núria Bonete, informava:

DESALOJO SURPRESA DE ‘KAN M IRE IA’, OUTRO SÍMBOLO OKUPA. É a terceira desocupação em uma semana. Os Okupas estavam se preparando.

A ofensiva contra o movimento okupa continua. Na última semana foram três desalojos praticados pelos Mossos em Barcelona. Ontem, caiu outro símbolo do coletivo, Kan Mireia, que se une assim a La Makabra.

O edifício, localizado na Calle Mireia, no bairro de Trinitat Vella, foi desalojado pacificamente e sem incidentes ao redor das sete da manhã. Em seu interior havia somente quatro jovens dormindo, já que Kan Mireia funcionava essencialmente como centro social.

Antes da data prevista

O desalojo se levou a cabo cinco dias antes do previsto para evitar, segundo os Mossos, que os Okupas opusessem resistência. De fato, nos últimos dias, e com previsão do desalojo, haviam tapado as portas e janelas com pranchas e barras grossas.

É que aos Okupas foi notificado a data de 15 de janeiro como dia a partir do qual teriam que abandonar a casa. Para protestar contra este último desalojo e os anterio-

res, como o de segunda feira da terreno Mambo no Raval, uns 40 membros do movimento squaters se manifestaram ontem mesmo, sobre as 11 da manhã, na Praça Sant Jaume. Ali lançaram proclamas contra o conselheiro do Interior, Joan Saura, e contra a atitude do seu partido, ICV, a respeito do coletivo.

Os habitantes de Kan Mireia consideram que o desalojo foi ilegal porque não foram notificados antes da data. Por sua parte, o conselheiro Saura negou que se estejam levando a cabo mais desalojos que os habituais.

A sexta feira 12 de janeiro deu lugar para a manifestação dos franceses do *Hijos de Dom Quijote*, que aconteceria no sábado. O *Qué!* anunciava:

Sant Jaume será amanhã o lugar dos Hijos de dom Quijote. A associação parisiense que conseguiu 27.000 alojamentos para os 'sem teto' de seu país convoca manhã a todos os cidadãos a participar em uma acampada de cinco horas para reivindicar o acesso à moradia.

O 20 MIN inflamava mais:

Os Hijos de Don Quijote desafiam a prefeitura e acampam amanhã. Será um mini-protesto de cinco horas na Praça Sant Jaume por uma moradia digna. Hereu impedirá um acampamento estável. No Metro directe o destaque ficou por conta do filme Rocky Balboa que estava para estrear nos cinemas, não destacando nada sobre acampamento de sábado.

Amostra do tema dos Okupas em um jornal pago - El Periódico

O final de semana de 13 e 14 de janeiro de 2007 trouxe em destaque, na imprensa paga, o assunto do acampamento de *Los Hijos de Don Quijote* e termos correlatos. Nessa primeira quinzena de janeiro, a questão *Okupa* em Barcelona estava em seu auge, assim, o diário *El Periódico* destacava no sábado, em seu

caderno Gran Barcelona, toda a página com o subtítulo: “precariedade na cidade: a reação ante um protesto” (página 34), e “precariedade na cidade: os marginalizados itinerantes” (página 35). Na primeira a chamada indicava:

Entidades que ajudam aos pobres não participam do acampamento de hoje

Fizeram piña⁶ Um dia depois do anúncio da acampada que se celebrará hoje na plaza Sant Jaume, impulsionada por três membros de Los hijos de Don Quijote chegados a Barcelona, a prefeitura apresentou as cifras do balanço de 2006 sobre os sem tetos. Fizeram apoiados por representantes de 10 das 16 entidades que colaboram e apoiam o município em seu programa para pobres, umas associações que ontem abonaram a política da prefeitura nesse terreno e se pronunciaram com certa ambigüidade sobre o protesto, a que, isso sim, asseguraram que no se somariam.

Dois fenômenos em um saco

Também rebateram que no protesto estão metendo em um mesmo saco dois fenômenos diferentes, ainda que tenham um fundo comum: o dos sem teto, uma frente que defendem Los Hijos de Don Quijote, e o da moradia em geral, cujas mobilizações encabeça a Assembléia Popular pelo Direito a uma Moradia, que se soma ao acampamento. Uma aliança que provavelmente veio auspiciada pela consciência do impulso midiático que ambos os grupos tem.

Novo centro no Poble Séc

No que se refere a melhorias, Ricard Goma [Conselheiro do Bem Estar Social] recordou que desde 2005 o município abriu quatro albergues permanentes para pobres (Em Zona Franca, Sant Gervasi, Sant Martí e Horta) ampliando a nove a rede de equipamentos para sem teto. Atualmente Barcelona dispõe de 716 lugares noturnos de um total de 1.841 lugares de atenção (52% mais que em 2004) agrupados em 22 centros. Esters estão repartidos por 10 distritos, o que, segundo Gomà demonstra uma diversificação dos serviços e um equilíbrio territorial. O conselheiro também anunciou que em breve abrirá no Poble Séc um novo equipamento diurno para pobres.

Na sequência da matéria, um quadro apresentava algumas cifras para que o leitor tivesse um panorama da situação:

12.000 pobres Acudiram durante o passado ano aos diversos serviços de alimentação, sociais, públicos e concertados⁷, onde foram servidas 235.000 refeições.

3.175 pessoas Estiveram acolhidas em 2006 em equipamentos de atenção social aos sem teto, seja em albergues noturnos, em centros diurnos ou em apartamentos de inclusão social.

268 lugares para pernoite foram criados, com o que a cidade dispõe de 716 camas para atender aos indigentes, que o município cifrou ontem em uns 800. 18 apartamentos Alojam 72 pessoas que finalizam seu caminho a reinserção, e a prefeitura colocará em marcha este ano outros cinco, onde viverão 20 pessoas.

Completando as matérias desse dia sobre o tema, o jornalista Juan Ruiz Sierra destacava os *Acampamentos Silenciosos*, onde “longe do foco midiático, Barcelona alberga acampamentos de indigentes, Segundo a prefeitura, na cidade existem 800 ‘sem teto’, cifra que as ONGs chegam a triplicar”. Ironizava descrevendo a situação de um grupo de sem teto que se deslocava da praia de Barceloneta, onde passavam as noites, para a Ronda Litoral, destino diurno do grupo e destacava palavras do grupo e do prefeito:

...Este pequeno coletivo, formado por sete pessoas, jogava cartas e dormitava protegido atrás das árvores da Ronda Litoral. Pouco comunicativos, explicavam que levavam “bastante tempo” dormindo na Barceloneta, uma delimitação temporal que não parece suficientemente concreta como para concluir se tem ou não um carácter “estável”, uma palavra utilizada nos últimos dias pelo prefeito Jordi Hereu .

“Não será permitido um acampamento estável”, disse Hereu no início desta semana, em referência as tendas de campanha que provavelmente se instalam hoje frente a sede da prefeitura... O acampamento dos sem teto na Barceloneta está muito menos concorrido que os do 22@, porém também provocou queixas. No verão pas-

sado, os comerciantes da zona protestaram pelo ruído e a má imagem que os indigentes davam a zona, uma crítica que está atenuada nos últimos meses, quem sabe porque os terraços não tem tanto público nesta época do ano.

Os indigentes, em qualquer caso, seguem ali. Em silêncio, fora da vista dos meios de comunicação, ao que parece, também fora das normas de civismo. Uma norma que, como a prefeitura se encarregou de repetir em numerosas ocasiões durante os últimos dias, não permite estes acampamentos urbanos.

A conclusão que o jornalista oferece demonstra claramente o descrédito nas palavras do poder público, ao mesmo tempo que ridiculariza as expressões utilizadas pelo prefeito, tentando “analisar” se o bastante tempo dos sem tento poderia ser ou não considerado o estável a que se referiu o prefeito.

No dia seguinte, 14 de janeiro, além das matérias de duas páginas do caderno Gran Barcelona, igualmente nas páginas 34 e 35, o caderno Cuardeno del Domingo utilizava toda a página 19 indicando livros para o leitor compreender os motivos e motivações do grupo francês em Barcelona. “*Em um Lugar da Rua. O fenômeno de Los Hijos de Don Quijote já saltou fronteiras. O debate sobre o direito a uma moradia digna conta com abundante bibliografia*”, era assinada por Angel Martín de Madrid. O destaque ficou por conta da ilustração de uma jovem segurando uma placa que dizia: Não terás uma casa em sua puta vida⁸.

Os livros indicados “para entender o que se passa” incluíam “As receitas de um Nobel” ou Joseph E. Stiglitz com “Como fazer que funcione la globalización” — até um “manual de resistentes” de Carlos Taibo: “*Movimientos de Resistência. Frente a la globalización capitalista*”, com preços variando entre € 6 a € 22, estes destacados com imagens de suas capas. No corpo do texto citava ainda Espido Freire, Mileurista⁹ e Ramón Fernández Durán como “uma leitura obrigatória para entender a enlouquecida realidade imobiliária”: *El tsunami urbanizador español y mundial* (Virus Editorial). A página fechava com Dados na Rede indicando sites que explicam a luta para colocar em prática o Artigo 47 da Constituição sobre o direito a moradia digna.

As páginas 34 e 35 voltavam ao tema do protesto de *Los Hijos de Don Quijote* que fora frustrada e encerrada com três horas de antecedência. O destaque da página 34 ficou por conta de uma entrevista concedida ao *El Periódico* pelo prefeito Joan Clos, publicada em 12 de dezembro de 2005, que destacava a resposta do prefeito “Onde estão os mendigos de Paris? Em Barcelona!”. Já a página 35 apresentava os pareceres de presidentes de ONGs contrários ao movimento proposto pelo grupo francês em Barcelona. Os cinco entrevistados presidiam a Caritas, Prísbà, Arrels, Sant Joan de Déu e o último o catedrático em ciência política Joan Subirais que “se mostrou de acordo com a maioria das entidades em que não tem sentido começar a se manifestar agora pelos sem teto em Barcelona, senão pelo grave problema da moradia em geral”. O catedrático participaria de uma das palestras sobre a moradia.

Assim como o jornal gratuito, os jornalistas que assinam o *El Periódico* oscilam entre a adesão e a crítica, ora usando o termo *squatters* ora *okupa*. Contudo, a polícia é grafada em maiúsculo (Los Mossos) na chamada da matéria, enquanto *Okupas* está sempre em minúsculo. Por outro lado, destaca a participação da vizinhança e o apoio para um centro social que está instalado no local há mais de uma década. Em uma página onde a violência é a tônica, em seu rodapé aparece uma propaganda do serviço gratuito Mister Guau Center, sobre animais domésticos perdidos, encontrados e a serem adotados tentando “quebrar” a tensão que seus textos e fotos indicavam.

Sobre o protesto dos *Hijos de Don Quijote*, as páginas utilizadas em um caderno de fim de semana estão ricamente ilustradas, como foi apresentado anteriormente, e o tom é de desaprovação, mostrando a posição de várias pessoas e grupos de influência no tema dos sem teto.

Dois suplementos dominicais “vivar”

O Suplemento VIVIR é encartado aos domingos no jornal *La Vanguardia*, edição da Catalunha. Aqui mostraremos dois desses suplementos, dos dias 24 e 31 de dezembro de 2006, em que o tema da moradia foi bastante destacado.

O suplemento do dia 24 de dezembro reportava na primei-

ra página, assinada por Elena Castells, “Luxo asiático frente a Gaudí: o arquiteto japonês Toyo Ito desenha diante de La Pedrera um inovador edifício de apartamentos de alto standing”.

Era o mês de julho, caía a noite no Paseo de Gracia, levei Toyo Ito no terraço do edifício e quando viu La Pedrera iluminada chorou de emoção”. Assim explica Jordi Clos, presidente da cadeia hoteleira Derby, como convenceu o arquiteto japonês Toyo Ito para que ficasse a cargo do novo projeto que o hoteleiro tinha em mãos: um edifício situado no número 83 do Paseo de Gràcia - com vista a obra de Gaudí - para convertê-lo em apartamentos de grande luxo com todos os serviços de um hotel de cinco estrelas.

O edifício, agora em construção, será um novo referente arquitetônico na cidade. “É a primeira vez que Toyo Ito constrói um edifício entre outros dois”, congratula-se Clos. Sua fachada ondulada de chapa maciça de ferro - “realizada com uma tecnologia de sistema laser como a que se usa para fazer as carrocerias das Ferrari”, atesta Clos - terá uma cor madrepérola que permitirá ir captando as diferentes tonalidades da luz do sol. É sem dúvida o elemento mais original do edifício, que se inspira na silhueta de La Pedrera, criada por Gaudí entre 1906 e 1912. E se por fora o edifício é um luxo, o interior não fica atrás. Quarenta e dois apartamento de aluguel destinados a pessoas com elevado poder aquisitivo. A superfície dos apartamentos vai de 70 a 120 m². Espaçosas suítes com banheiro e Closet, grandes salas e cozinhas, estacionamento com acesso direto, piscina e solário. Com um ou dois quartos. Todos serão de aluguel e o preço iniciará em 2.200.” Logo, para cada serviço que se contrate, como babá, cabeleireiro, tradutor, Chef privado ou passeador de cães, se pagará a parte!”, informa Clos.

O complexo se chamará Suítes Avenue 83 Luxe e no térreo será instalada a sede central espanhola de Hugo Boss.

A descrição dos serviços e possibilidades do novo edifício de luxo continuam por toda a página 2, com fotos da maquete do edifício, destaques da matéria. “Os inquilinos do edifício terão à sua disposição uma enoteca com mais de 7.000 referências de

vinhos, cavas e Champagnes”.

Na página 4 em matéria de Marta López, a chamada “Sete mil manifestantes pela moradia”, com fotos, descrevem a manifestação como pacífica. “O ambiente lúdico reinou ao largo de toda a manifestação”. Reproduzia alguns cartazes da passeata: “Jesus nasceu em uma casa okupa”; “Toda Espanha é Marbella”; “Aluga-se Portal de Belém”, entre outras frases. O restante do suplemento destacava a previsão do tempo, programas de televisão, notícias de pessoas famosas.

Uma semana depois, o VIVIR retornava ao tema da moradia em Barcelona, destacando na primeira página do suplemento: “Dois distritos sem Teto. Sant Marti e Sant Andreu, onde se constroem mais pisos, sobem aluguéis em 18 e 22%”. A matéria de Silvia Angulo trazia uma estatística dos preços e variações do aluguel e o valor do m² em Barcelona. O destaque ficava com Pedralbes: “Pedralbes sempre é a estrela”.

Pedralbes, no distrito de Les Corts, é o bairro com mais estrelas na cidade. Tem os pisos com superfícies maiores da cidade - 103 metros quadrados - e com preços mais caros. Nesta zona, um piso de aluguel custa 1.776€ mensais. Em seguidas as zonas de Sarria-Sant Gervasi onde as moradias superam com vantagem os 1.000€ mensais em média. O bairro de Dreta del Eixample também está em alta nestes últimos meses. Os preços também estão pela primeira vez por cima dos 1.050€. Entre as zonas mais baratas para encontrar um piso de aluguel está a Barceloneta, que tem pisos menores, com média de 35 m².

A matéria continua na página 2 informando a diminuição, em 2006, dos contratos de aluguel em Barcelona com preços quatro vezes superiores à inflação do ano. Por ser a última edição do ano, o suplemento informa como serão as festividades da passagem para 2007 nos vários canais de televisão, enfatizando que a TV3, a televisão catalã fará um jogo de luzes na Torre Agbar em lugar das tradicionais “campanadas”, fechando a edição com a previsão do tempo e seus mapas meteorológicos.

De volta ao jornal gratuito

Na segunda feira, 15 de janeiro, o *20 MIN*, noticiava que Famílias de Nômades deixam sem luz os vizinhos do Poblenou e era assinada por Fede Cedó:

Fecsa instala uma nova linha para não interromper o fornecimento a dois blocos de apartamentos. Cerca de 150 ‘Okupas’ se apoderaram da instalação elétrica.

Estão instalados na fábrica Masorribas entre Cristóbal de Moura y Maresme. São cerca de 150 membros de um clã de 32 famílias nômades, segundo a prefeitura, guiados por três patriarcas cujo principal sustento é a venda de ferro velho¹⁰. Preocupação a parte é a situação higiênica. Não dispõem de banheiros e a centena de pessoas da fábrica evacuam na rua Maresme por buracos feitos na “base do muro”, segundo os vizinhos e a prefeitura. “Não vivem mal”, asseguram os vizinhos, que temem represálias porque “já tentaram nos agredir quando nos queixamos”. Chama atenção, entre a sujeira, reluzentes¹¹ Mercedes e Jaguar.

O *ADN* desse mesmo dia — página 5 — volta ao temo dos *Hijos de Don Quijote* publicando uma matéria de página inteira sobre Amso Prieto, membro do movimento e que mora em Barcelona com amigos, e foi responsável pela leitura do manifesto no sábado anterior, na Palaza Sant Jaume. Concordou com a matéria desde que fosse publicado o manifesto:

Em Paris, ao principio, Los Hijos de Don Quijote eram apenas alguns. Em poucas semanas, ganharam um combate político porque ganharam a opinião pública. Em poucas semanas, voltaram a dar dignidade a todos e a cada um de nós. Se levantamos todas as pessoas que estão no mais baixo, levantamos a todo o povo. Estamos aqui em Barcelona como embaixadores de um novo movimento que ignora as fronteiras. Não viemos conquistar um território novo e sim compartilhar o combate pela dignidade humana. Chegou a hora de endireitar a cabeça. Nós somos os solidários de novo. Com a música de outro lado.

Na página 3, em matéria assinada por Marta Rodriguez e escrita em catalão, “Temos Novas Lendas urbanas A imigração é vítima de rumores falsos e mal intencionados. As administrações públicas se preparam para gestionar e fazer frente aos efeitos das mentiras”, de página inteira trazia, além de ricamente ilustrada por fotos de comércio islâmico e chinês, ainda uma entrevista com Lola Romero, funcionária do Serviço de Atenção ao Imigrante de Martorell, cidade da área metropolitana de Barcelona, onde explica as dificuldades em “convencer” os moradores de que a ajuda social é necessária e não está competindo com a ajuda aos barceloneses, pois esses acreditam que os imigrantes não pagam impostos e tem melhor ajuda. Afirma a funcionária: “a imigração não é um problema senão uma realidade”.

Apesar da “desconexão” das matérias, o *ADN* procura demonstrar, logo no título grafado em azul, a problemática urbana dos moradores de Barcelona em seu cotidiano.

O *Qué!* Do dia 15 de janeiro retomava o confronto entre policiais e manifestantes na Ronda de Dalt ocorrida no sábado com a chamada: “O protesto ‘okupa’ contra os desalojos acaba com 15 feridos, manifestantes e policiais acabaram contundidos devido aos confrontos produzidos ao final da marcha, quando os ‘Okupas’ tentaram cortar a Ronda de Dalt”. A matéria incluía ainda uma pequena foto e informes rápidos do acontecido: “Foram 10 furgões anti-distúrbio; O desalojo de Kan Mireia estava prevista para hoje; Gritos contra o conselheiro Joan Saura; Investida policial sem justificativa; Atiraram balas de borracha na multidão”, e uma pequena nota informando que “Não houve o acampamento Quixotesco”

O *ADN* de 16 de janeiro abria sua edição com uma chamada para a página 10 onde destacava que “O Governo dá os primeiros passos para castigar as casas vazias. Economia busca uma definição que permita catalogar os imóveis sem inquilinos”.

Acabar com os milhares de imóveis vazios que existem nas cidades espanholas é uma prioridade para o Governo, que cada vez é mais consciente de que o acesso a moradia se converteu em uma das principais preocupações dos cidadãos.

“Não é um conceito de fácil definição”, segundo o porta-voz do Ministério da Economia. “Estamos tentando buscar se existe alguma legislação europeia que seja similar, porém não a encontramos”. Agora, a prioridade do ministério é encontrar a definição jurídica de “casa vazia” que permita catalogar assim que imóveis podem ser sancionados y começar a lutar contra este problema. Uma vez que se consiga concretizar a definição, o passo seguinte será desenvolver um regulamento que permita aplicar um encargo de até 50% sobre o Imposto Predial, no caso de moradias desocupadas.

Com essa matéria, encerramos nosso mês de notícias e reportagens sobre a questão okupa nos jornais gratuitos distribuídos em Barcelona. Contudo, os confrontos e enfrentamentos estavam longe de serem resolvidos, e a questão da moradia na cidade, mais ainda.

Conclusão

Analisando os jornais gratuitos de Barcelona pudemos destacar como a imprensa informa o cidadão sobre a questão urbana das ocupações, e que olhar é oferecido para o entendimento dos fatos, ou seja, a problemática urbana da moradia é reduzida ao máximo, restando como informação apenas os confrontos entre *Okupas* e Polícia e as desocupações, sejam elas pacíficas ou não.

Tanto os jornais gratuitos como o jornal pago analisados pautam-se pelo discurso conservador de que os jovens do movimento, conforme muitas pessoas afirmam, “vivem apenas seu momento universitário e isso logo passa”. Dessa forma, passada a fase, os ativistas são “novamente enganados na sociedade e voltam ao normal”, o que quer dizer: são cooptados pela sociedade capitalista e não existe mais motivo de luta já que a faculdade foi concluída. A falta de seriedade dos jornais de grande circulação, como já é o caso dos gratuitos, no tratamento do tema não auxilia a população no entendimento do “fazer a cidade”, não cumpre com a política de ter uma Barcelona “heterogênea e compacta”, conforme indicam os discursos dos

arquitetos e planejadores urbanos ligados ao poderes públicos, municipal e provincial. Por fim, reduz o movimento okupa de Barcelona a uma mera fase da juventude que, em sendo das classes médias e altas, procura uma atitude para se firmar. Esse pensamento inconsequente esvazia a luta urbana por uma moradia mais digna e mascara o problema da internacionalização de Barcelona e o alto custo social que este aprendizado traz para sua população.

¹Ofrecen un primer paquete de bloques temáticos susceptibles de estudiar: Jugar para ganar (técnicas de creación de marcas aplicadas al cambio social); Bricolage sexual y feminismos; Herramientas de software libre; la Farmaciola (medicina natural, salud y equilibrio, corporal y mental); FisCultura Urbana (prácticas para ejercer el espacio público); Interferencias (presentar y enseñar tecnología que permita crear interferencias en el espacio público reconocido); Unproductiv/Celulosa (taller teórico y práctico sobre la producción industrial del papel); Artivisme y comunidad (el uso del arte para la transformación social y personal) y, finalmente, uno de los más curiosos y atractivos: Taller de no-nada (técnicas y encuentros para mirar de conseguir entre todos el imposible: no hacer nada). Por no asustar los menos alternativos, se manifiestan abiertos a compartir sus experimentos en aprendizaje con “estilos más tradicionales de educación”. Es un buen propósito inicial, integrador, que se complementa con una estructura de funcionamiento descentralizada “pero ordenada”.

²http://www.elcomerciodigital.com/prensa/20070116/nacional/Barcelona-capital-okupa_20070116.html acesso em 22 de fev. 2008.

³SABÉS TURMO, Fernando. Crece la prensa gratuita. acessado em 10 de janeiro 2007.<http://chasqui.comunica.org/content/view/501/1/> Chasqui es una publicación del CIESPAL. Miembro de la Red Iberoamericana de Revistas de Comunicación y Cultura <http://www.felafacs.org/rederevistas> y de la Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe en Ciencias Sociales y Humanidades , <http://redalyc.uaemex.mx>. Registro M.I.T.,S.P.I.027 ISSN 13901079.

⁴PESCADOR, Mercedes. Auge y debilidad de la Prensa gratuita en España: ¿Quién teme a los gratuitos? http://www.dosdoce.com/continguts/articulosOpinion/vistaSola_cas.php?ID=28 acesso em 10 Jan. 2007. La revista, dirigida por Javier Celaya y fruto del esfuerzo editorial del Grupo Dosdoce de Comunicación, nació en marzo de 2004 con

el propósito de convertirse en un nexo entre todos los profesionales del sector de la comunicación, ya sean periodistas, responsables de comunicación institucional y empresarial, y el público en general interesado en la interacción entre la comunicación, el arte y la literatura. ISSN 1697.4891.

⁵Interessante citar que no plano urbanístico anterior, a “chave” para as indústrias foi definida como 22a e o 22@ é uma subchave. Isso garante que outras áreas industriais da cidade, e mesmo o distrito industrial, possam receber, futuramente, indústrias TIC. Ver SILVA, Paulo Celso & SILVA, Neide Maria Pérez. POBELNOU território @ de Barcelona. Projeto 22@ - BCN, estudos e considerações. Edição bilíngüe português-castelhano, Itu(SP): Ottoni, 2006.

⁶O texto diz Hicieron piña que é uma expressão para demonstrar que grupos ou pessoas estão unidas ou agregadas de maneira estreita.

⁷O adjetivo concertado é utilizado para os centros ou instituições que funcionam graças a um acordo de subvenção e patrocínio do Estado, normalmente particulares.

⁸NO TINDRÀS UNA CASA EM LA PUTA VIDA. O cartaz estava escrito em catalão.

⁹O termo mileurista para definir a uma pessoa pertencente à geração nascida em Espanha entre 1968 e 1982 (aproximadamente) e com uns rendimentos que não costumam superar os 1.000 euros ao mês (segundo o Instituto Nacional de Estatística, o salário médio do assalariado espanhol é de 1.538,17 euros brutos ao mês (1.703,87 euros ao mês para os que trabalham a jornada completa). Além da a situação econômica, o conceito refere-se à alta formação acadêmica exigida, pois com frequência para ser mileurista costuma ser necessário ter estudos superiores incluídos os de mestrado, pós-graduação, e idiomas, tudo isso num mercado trabalhista que evidentemente não compensa dita preparação. A palavra foi cunhada em agosto de 2005 por *Carolina Alguacil numa carta ao diário El País titulada Sou mileurista, e desde então obteve uma boa acolhida e uma rápida difusão entre os afetados, possivelmente por tratar-se de uma forma muito expressiva de descrever uma situação complexa e frustrante. Ver em <http://es.wikipedia.org/wiki/JASP>.

¹⁰A palavra usada é chatarra que, conforme a RAE significa Con-

junto de trozos de metal viejo o de desecho, especialmente el hierro, uma palavra proveniente do Vasco txatarra, lo viejo (o velho).

¹¹A palavra usada foi flamantes que, conforme a RAE significa Lúcido, resplandeciente.

REFERÊNCIAS

El Comercio Digital. http://www.elcomerciodigital.com/prensa/20070116/nacional/Barcelona-capital-okupa_20070116.html Acesso em 22 fev. 2008. [site indisponível]

PESCADOR, Mercedes (2007). Auge y debilidad de la Prensa gratuita en España: ¿Quién teme a los gratuitos? http://www.dosdoce.com/continguts/articulosOpinion/vistaSola_cas.php?ID=28 Acesso em 10 Jan. 2008 [site indisponível]

Sabés Turmo, F. (2007). Crece la prensa gratuita. <http://chasqui.comunica.org/content/view/501/1/> Acesso em 10 jan. 2008. [site indisponível]

SILVA, Paulo Celso; SILVA, Neide Maria Pérez (2006). POBLENOU: território@ de Barcelona. Projeto22@-BCN, estudos e considerações. Edição bilíngue, Itu(SP): Ottoni.

VERÓN, Eliseo (2004). Ideologia e Comunicação de Massa: Sobre a constituição do discurso burguês na imprensa semanal in Fragmentos de um tecido. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos.



**Gentrification e Cidade:
Estudo comparativo de bairros operários
através da teoria da comunicação
intercultural. Os casos de Sorocaba e
Barcelona**

Trabalho apresentado no Comunicação, Espaço e Cidadania (DT7) GP
Geografias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa
em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de
Ciências da Comunicação.

Gentrification e Comunicação

As melhoras físicas que são implantadas em bairros considerados principalmente pelo poder público e mercado imobiliário, como áreas degradadas, elevando o *status* social, econômico e/ou cultural, são conhecidas como *Gentrification*. Optamos por manter a grafia inglesa devido à maior familiaridade e utilização no Brasil, em detrimento de sua tradução para o português; e também do uso de outros conceitos como *whitepaiting*, *brownstoning* ou *aristocratización*, utilizados para o estudo do mesmo fenômeno.

Na década de 1960, a socióloga inglesa Ruth Glass foi a primeira a utilizar esse conceito para determinar o processo de expulsão de moradores de baixa renda em bairros centrais de Londres. Afirmava:

One by one, many of the working class quarters of London have been invaded by the middle-classes—upper and lower. Shabby, modest mews and cottages—two rooms up and two down—have been taken over, when their leases have expired, and have become elegant, expensive residences [...]. Once this process of ‘gentrification’ starts in a district it goes on rapidly until all or most of the original working-class occupiers are displaced and the whole social character of the district is changed. (GLASS, 1964, p.20).

A evolução e atualização desse conceito abrangem desde as análises da maneira como o Estado e o mercado imobiliário agem na produção e consumo do espaço urbano e, consequentemente, na ocupação do solo urbano pelas diversas classes sociais até as análises do processo como escolha individual.

Os dois bairros podem ser considerados como representantes das transformações que a acumulação capitalista passou, ou seja, a passagem do modelo fordista para a *Acumulação Flexível* e suas conseqüências físicas, culturais e sociais para as cidades, como novos equipamentos sendo criados, o que atraiu novos moradores. Tal processo não é exclusividade dos países desenvolvidos, mas um movimento mundial que, em cada lugar,

guarda suas particularidades que merecem a atenção do pesquisador.

O fenômeno da *Gentrification* coloca em relevo identidades criadas historicamente nos locais, em conflito com novas identidades que chegam. O lugar, escala geográfica-comunicacional da identidade, do cotidiano e do reconhecimento é alterada exigindo de todos os atores outras negociações e lutas no cenário que está em constante construção. Nesse espaço de comunicação intercultural, o poder público atua como interventor e mediador, com políticas de renovação de áreas degradadas e de toda uma comunicação municipal voltada a pensar, traçar, produzir e compartilhar a cidade, ou seja, qual a cidade que deve ser “a oficial”.

Tais escolhas não são neutras, já que direta ou indiretamente vão construindo no imaginário das pessoas os locais onde a cidade está mudando seu *status* em comparação às outras áreas periféricas ou centrais.

Pesquisando fontes iconográficas, as quais podemos dividi-las em dois segmentos: aquelas imagens já oficializadas pelo poder público e pelas instituições oficiais de memória e história (museus, institutos, universidades), e as imagens das coleções particulares pertencentes aos moradores dos bairros e/ou disponibilizadas na Internet em fóruns, redes sociais etc. Temos subsídios para a verificação, por meio de olhares distintos, da imagem que os bairros terão e da maneira como são consumidos por esses atores sociais.

Exemplificando isso, citamos a *Convocatòria Mundial de Fotos del Poblenou* (<http://www.niubcn.com/poblezoom/convoca.htm>), uma iniciativa popular das pessoas vinculadas ao espaço artístico e cultural NIU com o objetivo de reunir imagens do bairro para o *Arxiu Històric del Poblenou* com a colaboração na divulgação através de diversos meios de comunicação da empresa 22@Barcelona. Outro é a Comunidade do Orkut Santa Rosália – Sorocaba com 628 membros inscritos (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=268267>) tratando de temas sobre o cotidiano e as preferências das pessoas do local como “Você é velho de Santas Rosália se...” com depoimentos de moradores lembrando fatos e locais em várias décadas.

Em contrapartida, os sites oficiais das prefeituras oferecem

a imagem da cidade e os projetos desenvolvidos nos bairros. Tanto nos discursos escritos e/ou falados quanto na iconografia disponibilizada, podemos distinguir a cidade oficial das “cidades” do cotidiano dos cidadãos.

A seguir apresentamos um breve histórico dos dois bairros em estudo seguido do aporte teórico da comunicação intercultural, para, posteriormente, finalizarmos com algumas conclusões sobre o tema.

2. As “Manchester” no Brasil e na Espanha

2.1. Sorocaba: a Manchester Paulista

Após a Revolução Industrial e o desenvolvimento de Manchester, Inglaterra, a partir do século XVIII, com a indústria têxtil, ter o nome dessa cidade era ser reconhecido como progressista, industrial, capitalista.

Dentre as cidades podemos citar Sorocaba, no Estado de São Paulo, alcunhada em 1915 pelo engenheiro Alfredo Maia, então presidente da Estrada de Ferro Sorocabana, como

Manchester Paulista, devido ao parque industrial que, naquele momento era o maior do Brasil. Denominação que foi logo aceita e administrada pelas elites industriais e comerciais, ainda em gestão e aprendizado no modo de produção capitalista e, futuramente hegemônico em uma cidade que era conhecida pelas Feiras de Muares desde a metade do século XVIII.

No final do século XIX, no Estado de São Paulo, a economia cafeeira, em seus períodos de alta produtividade e lucros, diversificou os investimentos aplicando na criação de bancos e indústrias, o que ficou conhecido como o binômio café-indústria.

Um diferencial da Manchester Paulista na economia geral do Estado de São Paulo é que sua industrialização foi baseada na produção do algodão, que atingiu todo o sul do estado, motivado pela guerra civil americana, de 1870 a 1875. O “ouro branco”, como era chamado o algodão, na verdade sempre foi reconhecido como uma “cultura de pobre”, já que era cultivado em pe-

quenas propriedades e com mão de obra familiar, em contraste com o café, cultivado em grandes propriedades e com mão de obra — primeiro escrava e, depois, imigrante.

O Bairro de Santa Rosália

A consolidação do Parque Industrial Sorocaba ocorreu na década de 1940 e, a fábrica Santa Rosália, construída em 1890 é adquirida por Severino Pereira da Silva, que deu novo impulso à fábrica e a vila operária construída nos arredores da fábrica em 1914, e que contava com escola pública, armazém, iluminação elétrica e água encanada. A vila, que levava o nome da fábrica, é ampliada com a construção de novos “bangalôs” e, em 1950, o industrial cria o bairro Jardim Santa Rosália, dentro dos parâmetros urbanísticos das cidades-jardins inglesas, e que acrescentava outros aparelhos sociais como hospital, igreja, escola SENAI, clube esportivo e cinema. As casas do novo bairro, em número de trezentas, possuíam três dormitórios em terrenos que variavam de 12 x 40 metros a 17 x 30 metros, dependendo da localização — podiam chegar, inclusive, a 12 x 60 metros em algumas ruas, todas elas asfaltadas. Também foi destinado um setor do novo bairro para construção de mansões e vendida em lotes, ao contrário da Vila Santa Rosália, era destinado às classes médias e altas.

Nas décadas seguintes à aquisição da Fábrica Santa Rosália e a construção do bairro, seu proprietário tinha total controle da vida local, contando com policiamento e cadeia próprios.

A Manchester Paulista do empresariado define seus espaços na cidade vivendo em bairros próprios à sua classe. Porém, na década de 1980, a crise no setor têxtil brasileiro e, entre outros fatores, a concorrência com produtos estrangeiros e a diversificação da produção industrial na cidade, levaram ao fechamento desse ramo industrial e da utilização das naves industriais para outros fins.

O bairro Jardim Santa Rosália vive nas décadas seguintes um êxodo de famílias para condomínios fechados, agora símbolo de *status* para as classes altas. Com isso, várias casas são alugadas ou transformadas em comércio nas vias principais do bairro. A transferência das famílias mais abastadas implica também na

perda da hegemonia e força políticas e ocorre uma diminuição significativa da intervenção pública no bairro. As obras do Estádio Municipal Walter Ribeiro, ou CIC (Centro de Integração Comunitário), iniciadas nos primeiros anos da década de 1970, demorou mais de uma década para serem concluídas, ficando suas instalações para os moradores de rua, marginais etc., que buscavam um local para passar a noite ou se esconderem. Durante o dia, o local onde o campo seria construído era ocupado por crianças e jovens em jogos de futebol improvisados.

Interessante notar que a igreja, construída e administrada pela gerência da Fábrica Santa Rosália, também sente a mudança no bairro. Sem necessitar da ajuda financeira dos fiéis, com o fechamento da fábrica as finanças e a participação precisaram ser retomadas e construídas.

No ano de 2000 foi inaugurado em parte das dependências da fábrica Santa Rosália uma unidade do hipermercado Extra, com funcionamento 24 horas. Este empreendimento, com todos os problemas que trouxe logo após a inauguração, entre eles uma engenharia de tráfego não compatível, a opção por preços populares para atingir as classes mais baixas, falta de policiamento nas imediações, também pode ser considerado como o momento em que o bairro passa por um processo de *Gentrification*, porém, de maneira distinta das experiências europeias que originaram esse conceito.

2.2. Poblenou: A Manchester Catalã

O bairro do Poblenou¹

As primeiras notícias utilizando o nome ‘Pueblo Nuevo’ nos jornais barceloneses são das décadas de 1840 a 1850, porém já desde o século XVIII o núcleo habitacional ao sul de Sant Martí de Provençals já tem suas terras legalizadas para venda, portanto, não era de todo desconhecido. Com o crescimento da cidade de Barcelona, chegando aos anos finais do século XVIII aos 130.000 habitantes, aqueles que não conseguiam um lugar dentro das muralhas da cidade, seguiam para os subúrbios rurais ao redor: Sants, Sant Andreu de Palomar ou Sant Martí de Provençals. Também no século XVIII serão instaladas as

primeiras manifestações fabris ao sul de Sant Martí: eram as produtoras de “indianes”, um tecido de algodão com impressão colorida de motivos diversos com grande aceitação do público consumidor, provavelmente também pelo baixo custo final.

Essas instalações grandes, mas precárias, são a gênese da industrialização no Poblenou, portanto necessária para gestar um processo historicamente curto de formação e desenvolvimento da mão de obra, do mercado consumidor de produtos industrializados e de uma nova classe para comandar a economia, a burguesia. As grandes fábricas do século XIX terão no seu comando esse personagem criado em uma sociedade em transformação, uma sociedade que sai do mundo medieval para o mundo moderno. É a cidade, o bairro cumprindo seu papel na segregação voltado a acumulação capitalista.

Em 1859 a queda das muralhas de Barcelona constitui-se num fator importante para o crescimento da cidade. Em 1897, o povoamento é definitivamente agregado a Barcelona. A cidade oficializa uma área industrial importante para seu projeto de internacionalização.

Nesse momento o Poblenou era formado por oito bairros: Llacuna, Taulat, Plata, Trullás, França Xica, Darrera el Cementiri, Pequín e Somorrostro. Os dois últimos ligados à imigração das Filipinas em 1870 e a imigração provocada pelas construções dos prédios da I Exposição Universal, de 1888. Dois bairros pobres, sendo o Somorrostro um bairro marítimo de barracos situado entre “...Barceloneta, o mar, os tanques do Hospital d’Infecciosos e da fábrica de Gás de l’Arenal e ao Bogatell. Vai existir entre uma data incerta do último quartel do século XIX até o sábado 25 de junho de 1966”, quando o ditador Francisco Franco deveria presidir manobras militares no lugar. No total são 600 barracos derrubados.

Vale dizer que é de 1848 a primeira linha férrea espanhola ligando Barcelona a Mataró e passando pelas praias do Poblenou. Dessa maneira, o bairro ficou isolado em seu extremo, principalmente depois da inauguração da Estação de França e a linha Granollers. A estação ferroviária do Poblenou foi construída em 1886 e, mesmo assim, para servir a metalúrgica Can Girona, por isso, foi construída, não na área central do bairro, mas ao extremo, onde hoje resta a torre d’água na Plaça de Ramon Cal-

sina. O transporte para o bairro, oferecido a partir de 1874, era o *tranvia* de cavalos, do porto ao Poblenou pelo Passeig del Cementeri. Em 1880 a linha expande ligando o Poblenou ao Clot. Em 1907 teremos início das obras do Pla Cerdá, oficializado desde 1860. A queda das muralhas e o Pla Cerdá possibilitaram uma nova Barcelona, com consequências diretas em todos os lugares que estavam fora das muralhas, como é o caso do distrito de Sant Martí de Provençals.

O EIXAMPLE²

Ildefons Cerdá i Sunyer (1815-1876) era engenheiro formado em Madrid e fazia parte da burguesia catalã, porém, progressista e liberal, apresentará um projeto de planejamento urbano muito inovador com o objetivo de fazer de Barcelona uma cidade racional e higiênica. Aprovado em 1860, o *Pla Cerdá* é, para a época, muito avançado, e projetava uma maneira de viver a cidade diferente daquela conhecida, até então, com muralhas.

O engenheiro catalão vai forjar o conceito de urbanização com dois sentidos: o primeiro como um conjunto de ações para ordenar as cidades, e o outro como um conjunto de princípios, de doutrinas e regras necessárias, portanto, a racionalidade embasando o fazer urbano.

O desenho do plano obedece à racionalidade dividindo o Eixample em áreas distintas para habitações, parques, jardins, igrejas e mercados, tudo voltado à satisfação das necessidades das pessoas. A velocidade foi contemplada pelas vias e intervias que facilitariam a comunicação rápida dentro da cidade e desta com outras.

Outro feito, com reflexos na cidade, é a *I Exposição Universal* de 1888. Carreras distingue três níveis de importância desse evento. São eles (p. 91):

Nível urbano – pela urbanização da Ciutadella.

Nível nacional – afirma a capacidade econômica e organizativa de Barcelona.

Nível internacional – supõe a primeira saída à cena da cidade, que desde então tem intentado manter o papel, trocando o guia e as decorações, conforme as diferentes conjunturas.

De fato, a I Exposição Universal vai movimentar a cidade, atrair uma onda de imigrantes para a construção dos pavilhões da exposição, movimentar muitos capitais e contrair muitas dívidas. Parte dos trabalhadores irão formar um dos bairros ligados ao Poblenou, o Somorrostro que, como já dissemos, termina em 1966 com a visita do ditador Franco ao local. Hoje o que era o Somorrostro é a Platja Nova Icària com seu Passeig Marítim, Port Olímpic, Passeig Marítim Nova Icària e Passeig Marítim Bogatell. O primeiro trecho do Passeig Marítim, inaugurado em fevereiro de 1959, parava exatamente onde estava o Somorrostro. Em 1957, já está completa. Barcelona apresenta nesse período:

- a) Centro degradado,
- b) Bairros residenciais e comerciantes desafogados,
- c) Periferia suburbanizada e crescente,
- d) Área metropolitana definida e, ao mesmo tempo, inexistente juridicamente (p. 99)

Em 1960, outra importante alteração vai ocorrer, a aprovação da Carta Municipal ou Lei de Regime Especial do Município. Isso permite intensificar a saída das indústrias da cidade de Barcelona para outra periferia, e a requalifica para implementar o setor terciário e ampliar as funções residenciais (p. 100). O fato ajuda a explicar o aumento populacional em alguns municípios da área metropolitana, ao mesmo tempo em que o “abandono” das áreas tradicionais, como o Poblenou.

O Novo Pla General Metropolità de Barcelona e a situação da indústria barcelonesa, a redefinição das áreas industriais possibilitarão o deslocamento das empresas, uma posterior “especialização” e um processo de desindustrialização da cidade entre as décadas de 1980 e 1990. Esse período apresenta elevados índices nos setores de prestação de serviços, segurança, comunicação, administração pública, material de transporte, saúde, comércio, hotelaria, edição e artes gráficas (ECD, p. 68- 9).

Em decreto do Ajuntament de Barcelona, de 9 de junho de 1998, será apresentado ao público, por 30 dias, o documento “Criteris, objectius i solucions generals de planejament de la renovació de les àrees industrials del Poble Nou” que, após uma

prorrogação, recebeu vinte e seis sugestões e, em 25 de março de 1999, o alcade aprovou provisoriamente o documento. Após os trâmites legais obrigatórios, o *Consell Plenari de l'Ajuntament* também o aprova provisoriamente e, finalmente, em 27 de julho de 2000 a Subcomissão de urbanismo do município de Barcelona aprova a MPGM – *Modificació del Pla General Metropolità a la Renovació de les àrees industrials del Poble Nou – Poble Nou. Districte d'activitats 22 @ BCN – Text Refós*. É a entrada de Barcelona no seletto grupo das cidades européias que estão investindo na pesquisa e desenvolvimento da alta tecnologia.

Como afirma Carreras, é o espaço mediterrâneo e o tempo europeu. Isso porque, apesar de certa semelhança na escolha do lugar (o bairro do Poblenou, antiga zona industrial de Barcelona) como outras cidades européias já fizeram, Torino, Londres, Ronneby, por exemplo, o novo está na maneira como o espaço mediterrâneo será aproveitado, ou seja, como os vários agentes se apropriarão dos fluxos que ali serão disponibilizados.

3. Interculturalidade

Para analisar a comunicação intercultural, Rico Lie (2002) explora os espaços *Liminal* e *Liminoid* de comunicação intercultural das cidades globais, tendo como objeto de estudos alguns locais de Bruxelas, onde o Global-local entrecruza-se e assim questiona como nesse espaço intercultural as negociações e transformações ocorrem, e como as identidades culturais podem se formar e conviver. Assim, “As cidades globais são caracterizadas como localizações das redes dos fluxos de capital, de povos, e de cultura que conectam lugares díspares através do globo” (Smith, 1997, p. 55).

O conceito de *Liminalty* é interessante para o estudo do contato e mudanças culturais nas sociedades contemporâneas, já que, os “ritos de passagem” ainda podem ser detectados. Definindo, temos que *Liminalty* é:

potencial e em princípio uma região livre e experimental de cultura, uma região onde não somente novos elementos mas igualmente novas regras combinatórias podem ser introduzidas” (Turner: 1982, p. 28). “No liminality,

novas maneiras de atuação, combinações novas de símbolos, são tentados, para serem rejeitados ou aceitados. ... A essência do ritual é sua multidimensionalidade, de seus símbolos sua multivocalidade” (Turner, 1977, p. 40). “... na liminality, pessoas ‘jogam’ com os elementos que lhes são familiares e desfamiliarizam outros” (*apud* Lie, 2002, p. 7) (Turner, 1974b, p. 60).

E acrescenta que,

Turner (1977) usa o conceito de liminoid no lugar de liminal ao se referir ao que chama de sociedade ‘pós-tribal’. Em nosso jargão atual nós chamaríamos estas sociedades de modernas. Em minha opinião, ‘liminoid’ pode igualmente ser um termo aplicável as sociedades ‘pós-modernas’. De fato, podemos criticar e duvidar de toda distinção evolucionária entre sociedade ‘tribal’, ‘moderno’ e ‘pós-moderno’. (Lie, 2002, p. 8)

Baseado nas teorias de Turner, Lie apresenta sua interpretação das principais diferenças entre liminal e liminoid, conforme a tabela a seguir¹:

LIMINAL (fenômenos)	LIMINOID (fenômenos)
Quais são as características centrais	
A produção e o consumo são calendrical (datados), cíclicos e ritmicos	A produção e o consumo são característicos e gerados continuamente
Integrado centralmente nos processos sociais totais	Tornado ao longo das margens dos processos sociais totais
Significado intelectual e emocional comum	Significado idiossincrático e sutil
Relativamente estável e repetitivo (reverso [críticas])	Movimento e mudança (subversivos [críticas radicais])
Singular, do grosso da população unida (inteiro completo)	Plural, fragmentado e experimental
Obrigação	Opção

¹ Tradução nossa.

Quais são algumas das características derivadas ou relativas?	
Mistura de trabalho e de jogo	Separação (estrita) de trabalho e de jogo
Onde pode ser encontrado? (interpretação dos escritos de Turner)	
Pode ser encontrado em sociedades tradicionais, tribais (não exclusivamente)	Pode ser encontrado em sociedades pós-tribais, modernas e pós modernas (não exclusivamente)
Pode ser encontrado no ritual tribal (não exclusivamente)	Pode ser encontrado no lazer moderno (não exclusivamente)

FONTE: LIE, 2022, p. 9.

Finalizando a explanação, o autor ainda elucida as questões do território, territorialização, desterritorialização, analisa os conceitos de cotidiano (*daily life*), fora-do-cotidiano (*out-of-daily*) e de meio-tempo (*in-between-time*), e aponta que utilizou para ilustrar o primeiro conceito de uma comunicação intercultural o transporte público, supermercados, assistir televisão em casa; para o segundo e o terceiro, os locais turísticos, aeroportos, e ruas nos centros da cidade global.

Com base no exposto, podemos inferir que também podemos nos valer das análises dos espaços de negociação, transformação e hibridização intercultural vividos nas duas cidades indicadas – Sorocaba e Barcelona. Contudo, já pudemos constatar que não é apenas inserir uma teoria na realidade já que, nosso objeto de estudos, os dois bairros, guarda suas particularidades mesmo em um processo de globalização. Ademais, é nesse mesmo processo que as diferenças culturais se acentuam e o diálogo intercultural nunca pode ser visto como algo linear.

Assim, o fenômeno da *Gentrification*, analisado através da comunicação intercultural, busca desenvolver um *corpus* teórico adequado que possibilite generalizações em alguns eventos e em outros que, certamente, se mostrarão demasiado concretas que dificilmente poderão ser generalizadas.

Conclusão

Os dois bairros apresentados guardam semelhanças no processo de sua formação e ocupação como lugares destinados às classes operárias da indústria têxtil, no momento de sua expansão tanto na Espanha do século XIX quanto no Brasil dos inícios do século XX. Outra semelhança a destacar é a ocupação dos bairros através da chegada de migrantes e imigrantes. Porém, enquanto o bairro barcelonês recebeu levas de migrantes oriundos principalmente de Almeria e da Galícia para a construção dos pavilhões da I Exposição Universal de 1888, o bairro sorocabano recebeu imigrantes europeus, na sua maioria espanhóis e italianos, atraídos pelo parque industrial da cidade que se consolidava.

Ambos, em um primeiro momento, eram bairros afastados do centro das cidades e guardaram características próprias que os diferenciaram dos outros bairros pela precariedade de suas construções e, também pela dificuldade de comunicação entre eles e o centro, então o local das decisões econômicas e financeiras e da possibilidade do lazer e do conhecimento do que se passava através da imprensa e depois pelo rádio.

O Poblenou ficou como área industrial até os anos 1990, quando através da mudança do Plano Diretor de Barcelona foi designado como área para a nova indústria, e recebeu a denominação de 22@. A partir do momento que se começam a efetivar as mudanças no bairro³ com a chegada dos primeiros *lofts* em fábricas abandonadas e a instalação de indústrias de comunicação e informação, o bairro vive um ‘boom’ imobiliário com os preços sempre crescentes, mesmo com a crise que se anunciava no mundo. O movimento de vizinhos e o Centro Cívico buscam garantir que a chegada dos novos habitantes não disfigurem totalmente aquilo que o passado industrial e os operários haviam construído, não sem luta e sem contradições.

O bairro sofreu uma remodelação urbana total — conhecida pelo poder público como *urbanização de áreas degradadas* — e recebeu um centro comercial, ao estilo *Shopping Center*, conforme a descrição que aparece em seu site⁴:

El Centro Comercial Glòries es un Centro Comercial semi-abierto estructurado en 3 grandes edificios que concentran moda, ocio, restauración y alimentación. Cuenta con una superficie construida que supera los 250.000 m². De ellos, 56.300 m² están destinados al comercio y al ocio. 38.000 m² están ocupados por oficinas y el resto se reparten entre las amplias zonas para los visitantes. El Centro Comercial Glòries tiene 3 niveles (plantas alta, calle y baja) y un parking que cuenta con 3.000 plazas.

Além do comércio alterar a vida econômica do bairro, os altos valores do metro quadrado e, conseqüentemente, o aumento nas taxas de impostos pela terra urbana, levaram muitos dos antigos moradores a saírem do bairro buscando algo mais compatível com sua renda mensal.

Com base na definição de *liminality*, em que “novas maneiras de atuação, combinações novas de símbolos, são tentados para serem rejeitados ou aceitados”, vemos que a proposta do governo catalão de colocar a cidade de Barcelona no rol das cidades informacionais a partir da reurbanização de um bairro, trouxe novas combinações de símbolos, algumas visíveis na paisagem e aprovadas por alguns moradores, como aparece no blog Dolce City Barcelona⁵:

Parc del Centre del Poblenou, el pulmón de la nueva Barcelona
miércoles, 25 junio 2008

por Ariadna Alcañiz

El proyecto 22@ de Barcelona cada vez tiene más cuerpo. Se terminan edificios, se inauguran hoteles y cada día que pasa hay más vida en esa zona antes poblada de naves industriales. A ello ha ayudado la reciente apertura del Parc del Centre del Poblenou, un gran parque que toca a la zona baja de la Diagonal y que es de todo menos convencional. Diseñado por el reconocido arquitecto francés Jean Nouvel, se trata de un parque articulado en distintas áreas, separadas por muros de hormigón y por calles, lo que le resta continuidad, pero lo dota de gran dinamismo y modernidad, como si se tratase de un par-

que del futuro... El día de su inauguración –el pasado 5 de abril [de 2008]- el arquitecto galo dijo que habría que esperar unos cinco años para poder verlo en todo su esplendor. Yo, que vivo al lado, lo reafirmo, pues falta que broten las buganvillas, que los árboles vean crecidas sus copas, que la hiedra suba por las paredes... en definitiva, que el verde gane al hormigón. Eso sí, la tranquilidad en la que te sumerge se puede disfrutar desde ya. Y merece la pena.

A identidade e os novos símbolos que se formam ainda guardam resquícios da identidade industrial de antes, porém, a cidade mundial ou a cidade do conhecimento quer apenas reconhecer uma identidade cosmopolita que nem sabemos se é possível.

O bairro Santa Rosália, por seu turno, começou a ser modificado quando a fábrica CIANE, em 1935, comprou a fábrica e a fazenda onde ela estava localizada. Distante do centro de sorocaba, como já dissemos, seu proprietário, o Sr. Severino Pereira da Silva, projetou primeiramente, a derrubada das antigas casas e a construção de novas casas com banheiro, creche, escola para ensino fundamental, hospital para atender aos funcionários. Nas décadas seguintes, o projeto foi ampliado agora visando um bairro de classe média alta com casas maiores em terrenos de até 1200 m², abertura de ruas e avenidas, construção de uma igreja, cinema.

A partir dos anos 1980, com o fechamento da empresa CIANE, o bairro perde seu status na cidade e muitos moradores das classes mais altas transferem-se para condomínios fechados. A reurbanização do bairro começa nos últimos anos da década de 1990 e hoje com a chegada de novos moradores com formação educacional maior do que os antigos moradores, áreas de comerciais foram criadas nas avenidas do bairro com vários prestadores de serviços instalados, as instalações da antiga fábrica textil foram ocupadas pelo hipermercado Extra e aguarda-se para dezembro de 2009 a inauguração de um Shopping Center.

Neste caso também verificamos que a identidade fabril que marcou a existência do bairro, lentamente está sendo trocada por outra ligada aos serviços e as indústrias não poluentes ou,

ainda, as atividades de comunicação e informação.

Quando observamos como o processo de gentrification acontece nos dois bairros citados, percebemos imediatamente a importância do papel dos governos, em seus três níveis, em responder às demandas criadas tanto pelos mercados locais quando mundiais. Outro agente presente nas transformações espaciais, ainda que não citados neste paper, são os meios de comunicação ajudando a criar novas identidades, mas, ao mesmo tempo, apresentando ou lembrando aos moradores a antiga identidade “que não pode se perder”, seja através de reportagens, programas de rádio e/ou anúncios imobiliários.

Pelas próprias características de cada cidade, verificamos uma maior comunicação intercultural no Poblenou, dado que é exatamente essa a proposta local, ou seja, a cidade mundial. Nesse bairro encontramos, lado a lado, um McDonald's e uma Panaderia Vives, o primeiro de origem norte americana e, a segunda, catalã; lojas de produtos indianos com proprietários e funcionários indianos; Restaurante brasileiro, loja de cristais Galegos, perfumes franceses, escolas inglesas e francesas, etc. Enfim, uma hibridez que não encontramos no interior de São Paulo, ao menos, não em quantidade e qualidade.

¹ Todas as informações contidas neste item foram retiradas de nosso livro POBLENOU :TERRITÓRIO @ DE BARCELONA. Projeto 22 @ - BCN – Estudo e considerações. Sorocaba: Ottoni, 2006. edição bilíngue português-castelhano.

² Para apresentar o Eixample, utilizaremos as indicações de CARRERAS, Carles – Geografia Urbana de Barcelona – Espai mediterrani, temps europeu. Oikos tau: Barcelona, 1993.

³ Para um conhecimento e análise mais detalhadas das transformações físicas e culturais no bairro de Barcelona indicamos nosso livro POBLENOU:TERRITÓRIO @ DE BARCELONA. Projeto 22 @ - BCN – Estudo e considerações. Sorocaba: Ottoni, 2006. edição bilíngue português-castelhano

⁴ <http://www.lesglories.com/cas/> Acesso em 09/01/2009. 8 ALCANIZ, Ariadna. Parc del Centre del Poblenou, el pulmón de la nueva Barcelona. Disponível

⁵ ALCANIZ, Ariadna. Parc del Centre del Poblenou, el pulmón de la nueva Barcelona. Disponível em <http://www.dolcecity.com/barcelona/2008/06/parc-del-centre-del-poblenou-el-pulmon-de-la-nue>

vaba.asp. Acesso em 09 jan.2009.

REFERÊNCIAS

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Modificació del PGM per la renovació de les zones industrials del Poblenou – districte d'activitats 22@BCN - TEXT REFÓS. Barcelona: Sector d'Urbanisme, setembre 2000.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Barcelona una ciudad abierta a la nueva economía. Barcelona: Dirección de Promoción de la Actividad Económica Exterior, diciembre 2000.

Almanach Illustrado de Sorocaba 1914. Repositorio historico, literário e recreativo, com ilustrações. Sorocaba: Typographia Werneck, 1914.

ALMEIDA, A. Sorocaba 3 séculos de história. Itu:Ottoni, 2002.

CARRERAS, C – Geografia Urbana de Barcelona – Espai mediterrani, temps europeu. Oikos tau: Barcelona, 1993.

DELGADO, M. La ciudad Mentirosa. Fraude y miséria del modelo Barcelona. Madrid:Catarata, 2007. FORNET-BETANCOURT, R. Lo intercultural: El problema de su definición. Barcelona: Fundació CIDOB, 2001.

LIE, R. Spaces of intercultural communication IN An Interdisciplinary Introduction to Communication, Culture and Globalizing/Localizing Identities. I Cresskill, New Jersey: Hampton Press, 2002.

LIE, R. Culture, Communication, Globalization and In: International Doctoral Summer School Public Access and Interactivity in the Digital Age, Londen, 2002. - [S.l.] : [s.n.], 2002

LIE, R.; WITTEVEEN, L.M. Spaces of Intercultural Learning In: IAMCR: Media, Communication, Information: Celebrating 50 Years of Theories and Practices, Paris, France, 23 - 25 July, 2007. - Paris : IAMCR.

PINTO JR. , A. A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba (1903 1914). Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PUIG, T. La comunicació municipal cómplice con los ciudadanos. Barcelona:Paidós, 2004.

Revista Estimats Poblenou. El passat d'un barri de futur.Barcelona:Ajuntament de Barcelona i Districte de Sant Martí, 1991.

Revista ICÀRIA. Barcelona: Arxiu Històric del Poblenou, n.5, 2000.

Revista ICÀRIA. Barcelona: Arxiu Històric del Poblenou, n.1, 1996.

Revista Barcelona Metròpolis Mediterrànea no 44 - 2004 los Escenarios del nuevo Milenio. Edicion Especial da série Barcelona, novembre/Enero 1999. Ajuntament de Barcelona.

Revista Barcelona Metròpolis Mediterrànea no 54 - Ciutat digital ciutat Connectada. Barcelona gener- març 2001. Ajuntament de Barcelona.

SANTOS, M. A natureza do Espaço. Técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, P. C. da. De novelo de linha à Manchester Paulista. Cotidiano e fábrica têxtil no início do século XX em Sorocaba. Sorocaba: LINC, 2000.

SILVA, P. C. da & SILVA, N. M. P. POBLENOUTerritório @ de Barcelona. Projeto 22@BCN Estudos e Considerações. Itu (SP): Ottoni Editora, 2006 (edição bilíngüe Português-Castelhano).

VALLÈS, J. B. Uma aproximació a La interculturalitat. Barcelona:Fundació CIDOB, 2001.



Seja Criativo ou Morra! Setores Comunicacionais em Cidades Criativas. Os exemplos de Barcelona, Berlim, Milão e New York

Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de maior envergadura desenvolvida pela FUNDAP – Fundação do Desenvolvimento Administrativo de São Paulo, “Caracterização e Potencialidades das Principais Cadeias Produtivas baseadas na Criatividade”, na qual nossa tarefa consistiu neste ano de 2010 em apresentar estudos a partir de levantamento bibliográfico e de pesquisa em fontes secundárias sobre as principais políticas públicas praticadas por municipalidades ou governos locais nos setores econômicos integrantes da Economia Criativa em cidades mundiais, sendo as escolhidas Barcelona, Berlim, Milão e New York.

No caso de Barcelona, devemos acrescentar que, desde 2001, seguimos estudando o Projeto 22@BCN e suas implicações na cidade. Ainda no primeiro semestre deste ano, estivemos na Cidade Condal buscando novidades no tema que estávamos desenvolvendo sobre a economia criativa, portanto, nessa cidade, especificamente, as fontes podem ser consideradas também primárias.

Uma gama de conceitos — cidade criativa, indústria criativa, economia criativa, indústria cultural — foi introduzida para dar conta dessa forma de acumulação capitalista e da produção da cidade. Assim, a primeira providência ao estudarmos o tema é buscar conceituar e compreender, dentro de seu contexto, como esses conceitos são entendidos e trabalhados.

Cidade criativa é tema de estudos de Charles Landry, em que afirma em *Lineages of the Creative City*, de 2006, que “A criatividade da cidade criativa é sobre o pensamento lateral e horizontal, a capacidade de ver as partes e o todo simultaneamente, bem como as madeiras e árvores de uma só vez”.

A *Economia criativa* é aquela que, conforme Ana Carla Fonseca Reis, considerada uma das maiores autoridades em economia da cultura, economia criativa e cidades criativas, “se move ao redor de ativos intangíveis/simbólicos. De forma mais específica, costuma-se entender que compreende um núcleo cultural, indústrias culturais, as chamadas “indústrias criativas” (que bebem cultura para devolver funcionalidade, como moda, design, arquitetura, propaganda)”¹.

Já para a *indústria criativa* podemos considerar uma definição proposta por Chris Smith quando foi Ministro no Departamen-

to de Cultura, Mídia e Esportes do Reino Unido (Department of Culture, Media and Sport), que afirma serem “as atividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza através da geração e exploração da propriedade intelectual”².

A opção pelo conceito de *indústria cultural*, feito por economistas e entusiastas da economia criativa, indica o “lado positivo” dessa indústria, diferenciando assim, suas análises, daquelas efetuadas pela chamada Escola de Frankfurt. Nas palavras de Luísa Arroz Albuquerque:

Se, por um lado, esta nova designação amplia o conceito de indústria cultural, por outro, afasta da sua definição o lado negativo do modo de produção industrial da cultura, permitindo uma nova perspectiva teórica para além da Escola Crítica de Frankfurt de Adorno e Horkheimer [ADORNO, 1979]. Esta nova perspectiva permitirá acentuar o lado criativo de tais indústrias, afastando do seu espectro a tensão latente entre cultura e economia na cultura massificada para consumo rápido. O mesmo é observado por Münch, quando fala da cultura “mcdonaldizada”, na qual a criatividade não desaparece mas é cada vez mais incorporada e rapidamente absorvida por uma indústria cultural crescente [MÜNCH: 1999]. Assim, portanto, a uma mudança radical na promoção das “indústrias culturais” que, designando agora um espectro mais amplo de atividades, incorporam também a criatividade no seu modo de produção, reunindo num só conceito os termos chave da cultura mas também aqueles relacionados com a sociedade de informação e do conhecimento. É precisamente sob o signo da criatividade que se construirá a resposta das cidades inglesas no final da década de 80 (ALBUQUERQUE, 2006, p. 05).

Para compreensão do tema das cidades criativas, muitos estudiosos, com base nas pesquisas e propostas de Richard Florida (2004), indicam que as cidades que mais se desenvolvem são aquelas onde três fatores essenciais devem prevalecer, a saber: Talento, Tolerância e Tecnologia — ou os 3 Ts. Com relação ao primeiro T (Talentos), a cidade deve proporcionar oportunidades e espaços de qualificação e educação para os seus cidadãos;

o segundo T (Tolerância) é a busca de uma sociedade diversificada, heterogênea, em que o lema “live and let live” é a atitude esperada; por último (Tecnologia), a implantação da infraestrutura tecnológica necessária para o desenvolvimento da atividade empresarial.

No interior desses três fatores podemos ainda incluir a educação como um todo, ou seja, uma formação de qualidade desde os primeiros anos de educação formal, o desenvolvimento das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), que sempre estão em renovação, o relacionamento em rede entre cidades do entorno e extra-entorno (relação local-global), ou o processo de glocalização onde uma possível autocomunicação de massa estaria em curso, visto que “é comunicação de massa porque potencialmente pode chegar a uma audiência global. É autocomunicação porque a própria pessoa gera a mensagem” (CASTELLS, 2009, p. 88).

Contudo, como se verá adiante, tais propostas não estão isentas de críticas. Antes, porém, apresentaremos alguns pontos e aspectos das cidades escolhidas para esta pesquisa.

BARCELONA

É bastante aceito pelo meio acadêmico que o salto de qualidade da cidade de Barcelona se deu em 1992, quando dos XXV Jogos Olímpicos (25/07 a 09/08). Os Jogos Olímpicos de 1992 são parte de um processo internacional que inclui, mas supera a cidade de Barcelona que, sorteada em 1986 para sediar os jogos, está imersa em uma crise do modelo industrial, portanto crise econômica, desde a década de 1970. As Olimpíadas de Barcelona foram mais uma etapa na desejada internacionalização de Barcelona pelos cidadãos, o poder e uma sinalização de novas potencialidades, agora não mais como a Manchester Catalã, modelo de cidade que se desenvolve através da indústria e sim de cidade turística, da economia criativa. Durante e depois dos jogos, Barcelona será vista por milhares de pessoas em todo o mundo. Para tanto, foram feitas grandes inversões com capital público e privado, dotando a cidade de infraestrutura para atender aos jogos e ao público que acompanhou em todo mundo, seja visitando a cidade ou assistindo as transmis-

sões televisivas.

A transmissão dos jogos veio acompanhada de uma grande campanha de divulgação da cidade. Basta lembrar a produção do desenho infantil Cobi, um cachorro Catalan Sheepdog estilizado por Xavier Mariscal e que retratava as aventuras do personagem e seus amigos por Barcelona, hoje exposto na Galeria Olímpica na Anella Olímpica de Montjuïc, uma das quatro áreas utilizadas nos jogos de 1992, onde está o Estadi Olímpic de Montjuïc. Além dessa área, temos o Port Olímpic, onde aconteceram as provas de vela, e a Vila Olímpica, um novo bairro, criado para alojar os atletas, com arquitetura moderna dos projetistas de Barcelona. Também por suas ruas, encontramos muitas esculturas e toda fachada marítima recuperada. Foi grande o entusiasmo entre os cidadãos, mesmo antes de saber se os jogos aconteceriam ou não na cidade, contingente que ultrapassou 100.000 pessoas entre tradutores, pessoas de apoio técnico, informações, auxiliares de competição e todo suporte para a travessia da tocha olímpica pelo país. Foram quatro as áreas olímpicas — Montjuïc, Diagonal, Vall d'Hebron e Parc de Mar — abrangendo uma superfície de 140 a 210 hectares, estrategicamente distribuídas para facilitar o transporte, alojamento, segurança e comodidade dos jogadores, equipe técnica e do público.

No bairro ao lado da Vila Olímpica encontramos o bairro do Poblenou, antigo bairro operário conhecido como a Manchester Catalã, onde um projeto de renovação e transformação urbanas está em curso desde 2000, o Projeto Poblenou 22@BCN. Na Calle Pellaies, 30, onde Xavier Mariscal montou seu *loft* no entusiasmo dos Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona, está em um dos extremos do bairro do Poblenou, próximo à Diagonal Mar e o prédio foi rebatizado de Palo Alto.

A Calle de Llull, 133, próxima ao centro do Poblenou, na Rambla Poblenou, tem outro conjunto de *lofts*. A antiga fábrica, o Vapor Llull, foi reabilitado pelos arquitetos Cristian Cirici e Carles Bassó, entre 1996 e 1997, ganhando os prêmios Ciutat de Barcelona de Arquitetura e Urbanismo, e o Prêmio Bonaplata de Reabilitação, em 1997. Constituem-se em 18 módulos para oficinas, escritórios, estudos e espaços habitáveis onde estão, por exemplo, Ana Coelho Llobet (arquiteta), Nous Espais Arqui-

tectònics SL (engenharia civil), Zindara Producciones SL (produtora de vídeo, cinema e espetáculos). Juntamente ao bairro do Poblenou, em 2004, será inaugurado o Fórum Mundial de Culturas de Barcelona, um espaço para eventos, conferências e grandes congressos construído na última área da cidade que ainda não havia sido reabilitada no litoral norte.

Dois edifícios são destaque: o Edifício Fórum, de forma triangular e uma cor exterior em azul com um auditório para 3.200 lugares, e o Centro de Convenções, com uma capacidade máxima de 15 mil lugares.

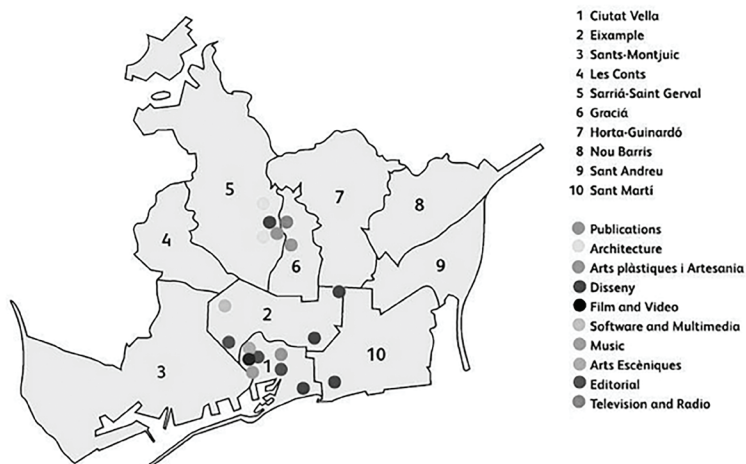
No tocante ao ensino superior, Barcelona conta com inúmeras escolas e institutos de *design* e arquitetura que atraem estudantes de todo o mundo. Isso também está relacionado com o projeto cultural de cidade referência na Europa, conforme deseja o poder público. Assim, Barcelona está presente em várias redes internacionais de cidades, como por exemplo, a *City Mayors Forum*, a *Global Cities Network* e a *Creative Cities Network - UNESCO*. Essa economia do conhecimento, que foi definida pela cidade como *cultural, comunicação, serviços profissionais e de design*, tem sido identificada como o motor do considerável crescimento do emprego em Barcelona.

Além do Poblenou, os bairros de Gràcia e Raval são considerados criativos na cidade, conforme explicitam Seixas e Costa em suas pesquisas sobre Barcelona, Lisboa e São Paulo, onde

Os “bairros criativos” são valorizados pelo seu elevado capital simbólico, pela forte componente cultural e ainda pelas vertentes do turismo e da boémia. Os espaços alternativos/emergentes são ocupados por classes sociais ou grupos que detêm uma elevada diferenciação (artistas, imigrantes), e na maioria das situações existem em espaços intersticiais/expectantes da cidade institucional e urbanística, com rendas baixas.

Apesar de tudo isso, verificamos que também existem “deficiências” na economia criativa de Barcelona. Ela não é suficientemente diversificada e apenas agora os setores de TV, cinema, rádio ao vivo e teatro estão conseguindo atingir o impacto e os valores que o *design* e a arquitetura já dispõem. Destaca-se

também a tensão que acontece na Cidade Velha (o Casco Antigo, bairros que formavam parte da cidade entre muralhas e são históricos) em termos de perda de habitação, *Gentrification* crescente, a criminalidade de rua endêmica, superlotação e congestionamento de tráfego. Abaixo uma ilustração da localização dos *clusters* em Barcelona e suas respectivas áreas de atuação.



BERLIM

Considerada pela UNESCO como a “Cidade do *Design*”, Berlim é também um local de encontro internacional de negócios. Com eventos como *The International Film Festival Berlinale*, *The International Design Festival DMY*, *The Berlin Fashion Week*, *The International Art Forum*, *The Popkomm* e o IFA, a cidade é sede de eventos da grande indústria, conhecidos festivais, exposições e grandes conferências a cada ano.

Com mais de 3,4 milhões de habitantes, a capital da Alemanha é a maior cidade do país e também o centro das indústrias criativas. Apenas em Berlim, há mais de 24 mil empresas com 170 mil empregados que trabalham neste setor ainda em crescimento rápido. Berlim foi subdividida em 12 distritos (*Bezi-rke*), que foram combinadas a partir de 23 bairros, com efeito

desde janeiro de 2001 no contexto da reforma do corpo administrativo.

Berlim passou por mais transformações recentes do que talvez qualquer outra cidade européia. Após a reunificação, a cidade recuperou o *status* de capital, mas o *déficit* financeiro e a incerteza política criaram tanto uma identidade como um vácuo nas políticas de investimentos, assim a cidade ainda está em andamento.

Estima-se que 8% da força de trabalho em Berlin estejam concentradas na Economia Criativa — 80 mil pessoas excluindo 20.000 a 30.000 artistas independentes, *designers* e empresários individuais — e produz 11% do PIB de Berlin, em comparação com 3,6% do PIB alemão. A criatividade tem sido apontada como um fator de grande produção. A nova mídia e os *clusters* industriais conexos fixaram-se no interior de Berlin Oriental, com empresas multimídia (por exemplo, Chausee-Strasse - ‘Silicon Allee’). As empresas líderes no setor de comunicação e mídia estão mudando juntamente com as empresas privadas e públicas, e Berlin é a localização privilegiada. São empresas de *software*/multimídia e cinema/vídeo em empresas. Berlin pretende construir neste agrupamento para se tornar metrópole da mídia na Alemanha, por meio de investimentos estratégicos principais e infra-estruturas nos *media city* de Adlershof no sudeste da cidade. Esta localização pioneira está desempenhando um papel cada vez mais importante no desenvolvimento deste *cluster* de produção orientada. Usando a tipologia de *clusters* criativos, o setor de mídia parece ser um emergente destes.

Há falta de fé e de confiança nos políticos locais. Isso foi motivado tanto do déficit e crises econômicas até de acusações de especulação imobiliária — e corrupção. A cidade está se dividindo entre os grupos sociais e étnicos, requerendo a introdução de novas questões de inclusão social para a administração. Não há quadro estratégico global para a cidade, portanto a capacidade da política liderada intervenção para influenciar o desenvolvimento econômico tem sido limitada no passado. A economia criativa de Berlin foi orgânica e anárquica, por isso a avaliação de “sucesso” e medição em escala é problemática. Berlin tem vantagens em relação à concorrência (localização, disponibilidade de instalações, realização educacional eleva-

do). No entanto, os problemas atuais sugerem que será mais uma década antes do seu papel de cidade criativa incorporar *status* e amadurecer.

Berlim tem grandes chances de ser um dos grandes centros da cultura na Europa, talvez não igual ao da “Mega cidade da Criatividade”, como recentemente um suplemento especial do jornal berlinense *Der Tagesspiegel* (Tagesspiegel, 31.10. 2007) encabeçou um pouco eufórico.

Nos bairros indicados, vamos encontrar, por sua parte, os vários tipos de espaços criativos, aqui divididos em sete indicadores, conforme descrição e ilustração abaixo:

1. Passeio turístico. Respectivamente: Áreas de entretenimento e cultura local (inter)nacionais de competitividade da indústria cultural.
2. Alojamento Turístico cena com produção em pequena escala – e o serviço da indústria cultural.
3. Bairros étnicos dominados pela produção em pequena escala – e o serviço da indústria cultural.
4. Locais de difusão de arte, música, design, cinema/media e faculdades onde se desenvolvem softwares.
5. Áreas estabelecidas de produção e empresas de serviços da indústria cultural com um “bom endereço”.
6. Sets de produção ou paisagens para TV, mídia e TI.
7. Conquista dos espaços das indústrias culturais.



NEW YORK

A New York Metropolitan Statistical Area (MSA) inclui, além de 31 municípios, a cidade de New York (NYC). No coração da maior região metropolitana está New York, composta de cinco distritos: Manhattan, Bronx, Queens, Brooklyn e Staten Island.

É sabido que New York esteve à beira da falência na década de 1970 quando praticamente um acordo nacional para salvar a cidade símbolo dos EUA reativou a economia através da liderança do setor financeiro além do surgimento de outros serviços profissionais especializados, incluindo *marketing*, contabilidade, jurídico, telecomunicações, seguros e consultoria de gestão. A cidade-região começou a recuperar a força econômica na década de 1980 e a expansão continuou durante a maior parte da década de 1990. No entanto, em 2001, as dificuldades reapareceram motivadas pelos impactos dos ataques de 11 de setembro.

Conforme os estudos do *Strategies for Creative Cities Project – New York City Case Study*, trabalhadores criativos sofreram perda de 46% da renda em 2002. Além disso, esse mesmo ano, o índice de desemprego dos trabalhadores criativos nas artes e entretenimento chegou a 22%, como resultado direto do 11/09.

Encontramos no *The New York Economic Development Corporation* novos relatos informando que 200 mil empresas estão localizadas em Nova York, entre elas 20.000 são organizações sem fins lucrativos. Os números de ambas as organizações, com e sem fins lucrativos, estão crescendo. Mais empresas da lista da *Fortune 500* estão sediadas em Nova York, incluindo a Time Warner, a Pfizer, a DC Comics, Estée Lauder, e Sony Music Entertainment. A taxa de desemprego de New York City foi de 5,8% no final de 2005, abaixo dos 7,0% do ano anterior.

No entanto, Nova York também continua a enfrentar muitos desafios. A cidade tem alta taxa de pobreza, chegando aos 20,3% em 2004, contra 19% em 2003. O Bronx teve a maior taxa de pobreza, ficando em quarto lugar no país em 2004.

As 309.142 pessoas que trabalham nas indústrias criativas representam 8,1% da força de trabalho da cidade de Nova York e, nos últimos anos, essas indústrias têm acrescentado empregos em um ritmo mais rápido do que a economia da cidade em

geral. Entre 1998 e 2002, o emprego em indústrias criativas na cidade cresceu 13% (somando 32 mil postos de trabalho). Existem 11.671 empresas e organizações sem fins lucrativos no núcleo criativo New York (5,7% de todas as empresas nos cinco municípios). Além de 79.761 empresas individuais, ao em torno de 29% da força de trabalho criativo de Nova York é auto-empregado.

Artistas e outras pessoas criativas são rotineiramente expulsas das áreas que se tornaram populares devido à atividade criativa que eles ajudaram a gerar. Como eles são deslocados, sua capacidade de continuar a exercer a atividade criativa em um ambiente que suporta uma estreita interação com os seus pares e à clientela local está ameaçada. Um exemplo extremo desta situação é a escalada dos aluguéis em Manhattan e os custos de propriedade, que levaram a uma severa escassez de espaço disponível, causando uma mudança no centro de gravidade criativa da cidade para outros bairros. A ilustração abaixo indica a localização dos museus da cidade, visando uma pequena amostra do papel da cultura nos vários lugares de New York.



MILÃO

Milão, capital da região da Lombardia, província de Milão, com 1.308.735 habitantes. É a maior e mais densa em população das regiões metropolitanas da Itália. A cidade também tem sido classificada como sendo uma das mais poderosas e influentes do mundo.

Assim como Berlim, Milão também é reconhecida mundialmente como a capital do *design* e é considerada uma das cidades mais influentes do mundo nesta área, influenciando o comércio global, na indústria, música, esporte, literatura, arte e mídia, tornando-se uma das cidades principais do mundo com seu rico patrimônio histórico, assim como conter museus importantes, universidades, academias, palácios, igrejas e bibliotecas (tais como a Academia de Brera e o Castello Sforzesco), e dois clubes de Futebol bastante conhecidos: Associazione Calcio Milan e Football Club Internazionale Milano. Isso faz de Milão um dos mais populares destinos turísticos da Europa, com mais de 1.914 milhão de turistas estrangeiros na cidade em 2008. A cidade sediou a Exposição Universal de 1906 e será a sede da Exposição Universal de 2015.

Milão organiza a *Fiera Milano*, a maior da Europa, e uma das mais conceituadas em *design* mobiliário do mundo. Milão acolhe também os mais conceituados eventos relacionados à arquitetura e *design*, tais como o *Fuori Salone* e o *Salone del Mobile*.

Um estudo intitulado *L'Italia nell'Era Creativa* desenvolvido pelo *Creativity Group Europe*, em 2005, analisando o potencial criativo nas localidades de Comune di Roma, Provincia di Milano, Torino Internazionale, Comune di Bari, Provincia autonoma di Trento, Biella Promotion e Comune di Capannori, indica alguns números relevantes para a compreensão de Milão como expoente na economia criativa, principalmente no *design*.

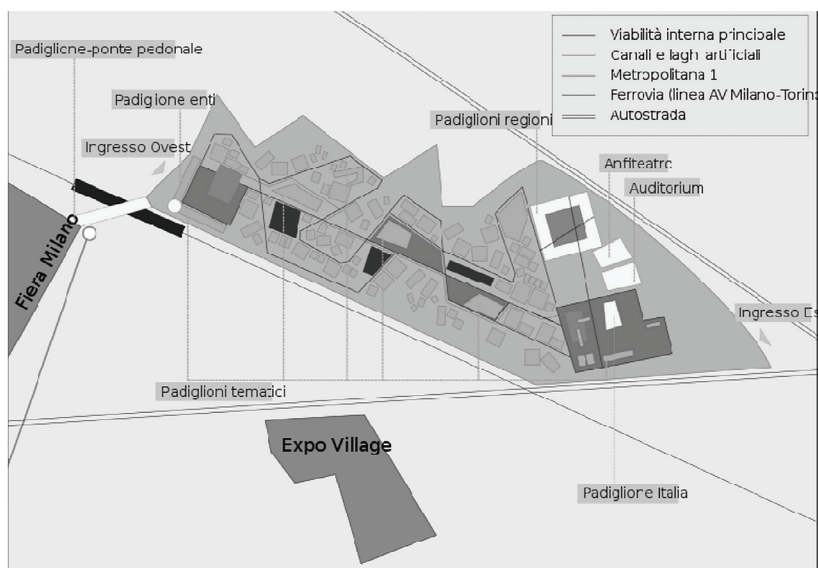
A cidade ocupa a oitava posição com um percentual de 22,87% na classe criativa, atrás de Roma 24.62%; Genova 23.99%, Trieste 23.63%, Napoli 23.38%, Bologna 23.26%, Pescara 23.24% e Firenze 22.87%.

Porém, Milão está em primeiro lugar na Itália em liderança tecnológica devido à grande presença de indústrias *high tech*

(semicondutores, computadores, medicamentos, fibras ópticas etc). Atividades como desenvolvimento de *software* ou banco de dados para serviços de consultoria técnica e seu reconhecimento potencial inovador (Elaborazioni Istat (2001); Unioncamere (2001-2003); Osservatorio Banda Larga (2004)). No cômputo geral, Milão coloca-se em segundo lugar, abaixo de Roma.

Um dos grandes eventos internacionais de Milão é a Zona Tortona, que aconteceu entre 14 e 19 de abril de 2010, onde a propaganda oficial indicava “Milão Zona Tortona Design: A Economia Criativa cresce em seu nono ano”, com participação de diversos setores, empresas³, de onde destacamos apenas alguns de uma lista de 113 expositores: Audi, Samsung, Smart & Rolf Sachs, China Design Market, Chiochinidegign, DMY Berlin, LAB_23 Spacciamocela, Daniela Maurer, Master Studio Design, Archinfo.

Considerada como uma plataforma baseada no território, Zona Tortona está comprometida com os negócios locais (restaurantes, hotéis, cinemas, estúdios e outros setores da economia local que gravitam no evento internacional) e, conforme a divulgação do evento, “estes serviços e atividades locais, em grande medida contribuem a criação de um acontecimento contemporâneo, metropolitano, sustentável e inovador”.



CONCLUSÃO

A pesquisa buscou apresentar como o tema da economia criativa foi abordado pelos diferentes autores que tratam desse assunto, assim como as características que determinam o *status* de cidades criativas para cada uma delas.

Contudo, quando atentamos menos apressadamente para o tema, verificamos que a “simplicidade” como o assunto é tratado deixa margem para muitas dúvidas. A primeira delas relaciona-se com a teoria ou a tese dos 3 Ts proposta por Florida. Da maneira como é exposto, a solução para as cidades está dada: apenas alcançar os níveis da Tolerância, Talento e Tecnologia. Parece-nos uma receita pronta que serve a todos os lugares e, se não servirem, seguramente não é pelo equívoco da receita, mas, da incompetência dos lugares em atingirem os Ts propostos. A receita neoliberal continua a mesma: cada um é responsável pela própria incompetência.

A *new wave* neoliberal do momento é ser criativo ao extremo e, conforme Christopher Dreher, em entrevista com Richard Florida, afirmou: “Seja criativo ou morra”. As cidades devem atrair a “nova classe” de criativos, com bairros de vizinhança, uma cena de artes e um ambiente *gay-friendly*... “Ou eles irão partir para Detroit” (Peck *apud* Dreher, 2002, p. 1). Não é o momento de uma resenha do livro de Florida, porém, não podemos deixar de registrar essas poucas impressões de sua obra.

Uma busca no *website* de Richard Florida⁴ e será possível encontrar e ler o Manifesto de Memphis⁵, o primeiro encontro da classe criativa, realizado em Memphis, entre 30 abril a 2 maio de 2003. A Creative 100 foi representada por profissionais de 48 cidades nos Estados Unidos, Canadá e Porto Rico. Foi patrocinada pelo Memphis Tomorrow, uma organização das maiores corporações de Memphis, e Memphis Mpact, uma organização para jovens profissionais. A proposta de criar o manifesto teve por base encontrar soluções para as próprias comunidades dos assinantes e a todas as comunidades que procuram competir na economia contemporânea. Os princípios do manifesto são (Creative 100: 2003: 2):

(1) Cultivar e premiar a criatividade. Todo mundo faz parte da cadeia de valor da criatividade. A criatividade pode acontecer a qualquer hora, em qualquer lugar, e isso está acontecendo em sua comunidade agora. Preste atenção.

(2) Investir no ecossistema criativo. O ecossistema criativo pode incluir as artes e a cultura, vida noturna, a cena musical, restaurantes, artistas e *designers*, inovadores, empreendedores, os espaços disponíveis, vizinhança animada, espiritualidade, educação, densidade, espaços públicos e terceiro lugares (*third places*)⁶.

(3) Abraçar a diversidade. Ela dá à luz a criatividade, inovação e impacto econômico positivo. Pessoas de diferentes origens e experiências podem contribuir com uma diversidade de ideias, expressões, talentos e perspectivas que enriquecem as comunidades. Trata-se de como as ideias florescem e constroem comunidades vigorosas.

(4) Alimentar os criativos. Apoiar aos conectores. Colabore para competir de uma maneira nova e colocando todos no jogo.

(5) Avaliar o risco. Converter um clima de “não” em um clima de “sim”. Investir em oportunidade de decisões, não apenas para resolver problemas. Toque no talento criativo, tecnologia e energia para sua comunidade. Desafiar a sabedoria convencional.

(6) Ser Autêntico. Identificar o valor que você acrescenta e focar nos bens onde você pode ser único. Ousar ser diferente, não ser simplesmente o clone de outra comunidade. Resista à monocultura e homogeneidade. Toda a comunidade pode ser única.

(7) Investir na construção e na qualidade do lugar. Enquanto herdou características importantes como o clima, recursos naturais e da população, outras características fundamentais, tais como artes e cultura, aberto e espaços verdes, centros de cidades vibrantes, e os centros de aprendizagem podem ser construídos e fortalecidos. Isso fará as comunidades mais competitivas do que nunca, porque vai criar mais oportunidades do que nunca para que as idéias tenham um impacto.

(8) Remover obstáculos à criatividade, como a mediocridade, a intolerância, a desconexão, a expansão suburbana, a pobreza, as escolas ruins, a exclusividade, e a degradação social e am-

biental.

(9) Assumir a responsabilidade da mudança em sua comunidade. Improvisar. Faça as coisas acontecerem. O desenvolvimento é um empreendimento do “faça você mesmo” (*do it yourself*).

(10) Assegurar que todas as pessoas, especialmente crianças, tenham o direito à criatividade. Maior qualidade da educação ao longo da vida é fundamental para desenvolver e reter as pessoas criativas como um recurso para as comunidades.

Percebe-se pelo manifesto que a comunidade joga um papel essencial para a implantação e sucesso da economia criativa, contudo, se isso parece ser um ponto positivo, surge outro problema: e as lideranças, como surgiram? Elas não seriam porque um pré-requisito para qualquer mudança cultural significativa?

Citando apenas o caso de Barcelona, para refletirmos e encerrarmos, o catalão Manuel Delgado, em suas análises do “Modelo Barcelona”, tão decantado internacionalmente, mostra-nos outro lado do processo de internacionalização que a cidade buscou durante o século XX. O autor acrescenta quando trata dos bairros “criativos” de Gràcia e Raval, citados anteriormente, que aos urbanistas, políticos e setor imobiliário “parece inaceitável que, justo no centro da cidade, vivam operários, inquilinos de baixa renda e outros elementos escassamente decorativos que possam assustar aos turistas e aos novos proprietários, que eles querem atrair a todo custo”. Entra um novo dado para as cidades criativas: “o processo inexorável de ilegalização da pobreza”.

¹ Disponível em <http://colunistas.ig.com.br/monadorf/2010/03/24/cidades-criativas-perspectivas/>. Acesso em 19.06.2010

² Disponível em <http://www.culture.gov.uk>. Acesso em 15.06.2010.

³ Conforme podemos constatar em sua web page <http://www.zonatortona.net/index.html>

⁴ Memphis Manifesto, Disponível em http://www.creative-class.com/creative_class/2007/12/06/the-memphis-manifeto. Acesso em 05.06.2010.

⁵ Também encontrado em http://www.norcrossga.net/user_files/The%20Memphis%20Manifesto.pdf , onde, inclusive pode-se conhecer a lista com os cem nomes.

⁶ O terceiro lugar ou Third Place é aquele fora do âmbito do trabalho ou da casa, é um espaço compartilhado socialmente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T., HORKHEIMER, M., “A Industria Cultural”, in: Adorno et al., Teoria da Cultura de Massas, São Paulo: Editora Saga, 1969.

ALBUQUERQUE, L. A.. Cidades e Criatividade: o desafio das políticas culturais municipais. Disponível em: www.cidadeimaginaria.org/cc/Cidadescriativas.pdf. Acesso em 20 mai. 2010.

BERLIN CASE STUDY: Strategies for Creative Cities Project. London-Toronto, 2006. Disponível em: http://www.utoronto.ca/progris/web_files/creativecities/index.htm. Acesso em 20 mai. 2010.

CAPPETTA, R. e SALVEMINI, S. (orgs). Le specificita' della classe creativa a milano: sfruttare i punti di forza della citta' per supportare i creativi. Ricerca dell'universita' Bocconi per Camera de Commercio di Milano, 2005. Disponível em <http://www.mi.camcom.it/show.jsp?page=641830> . Acesso em 10 mai. 2010.

CASTELLS, M. Comunicación y poder. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

DELGADO, M. La ciudad Mentirosa. Fraude y miseria del 'Modelo Barcelona'. Madrid: Catarata, 2007.

DREHER, C. Be creative — or die. Salon 6 June 2002. Disponível em www.salon.com, acesso em 02 jun. 2010.

FLORIDA, R. and TINAGLI, I. EUROPE IN THE CREATI-

VE AGE. Disponível em <http://www.institutumeni.cz/res/data/004/000573.pdf>. Acesso em 10 mai. 2010.

LANGE, B. Re-scaling Governance in Berlin's Creative Economy. Creative Encounters Working Paper #39. Copenhagen Bussiness School, December 2009.

MEMPHIS MANIFESTO. Disponível em http://www.creativeclass.com/creative_class/2007/12/06/the-memphis-manifesto. Acesso em 05 jun. 2010. Também encontrado em http://www.norcrossga.net/user_files/The%20Memphis%20Manifesto.pdf. Acesso em 05.06.2010.

MIGUEZ, P. Repertorio de fontes sobre economia criativa. Disponível em www.cult.ufba.br/arquivos/repertorio_economia_criativa.pdf Acesso em 20 mai. 2010.

NEW YORK CITY Case Study. Strategies for Creative Cities Project. London-Toronto, 2006. Disponível em: www.utoronto.ca/progris/pdf.../CC%20NY%20Case%20Study.pdf . or http://www.utoronto.ca/progris/web_files/creativecities/index.htm. Acesso em 20.05.2010.

PECK, J. Struggling with the Creative Class. Volume 29.4 December 2005 740–770 International Journal of Urban and Regional Research 2005. Disponível em http://www.boell-bw.de/fileadmin/Heinrich-Boell-tiftung/2008/city/Peck_Struggling_with_the_creative_class.pdf.

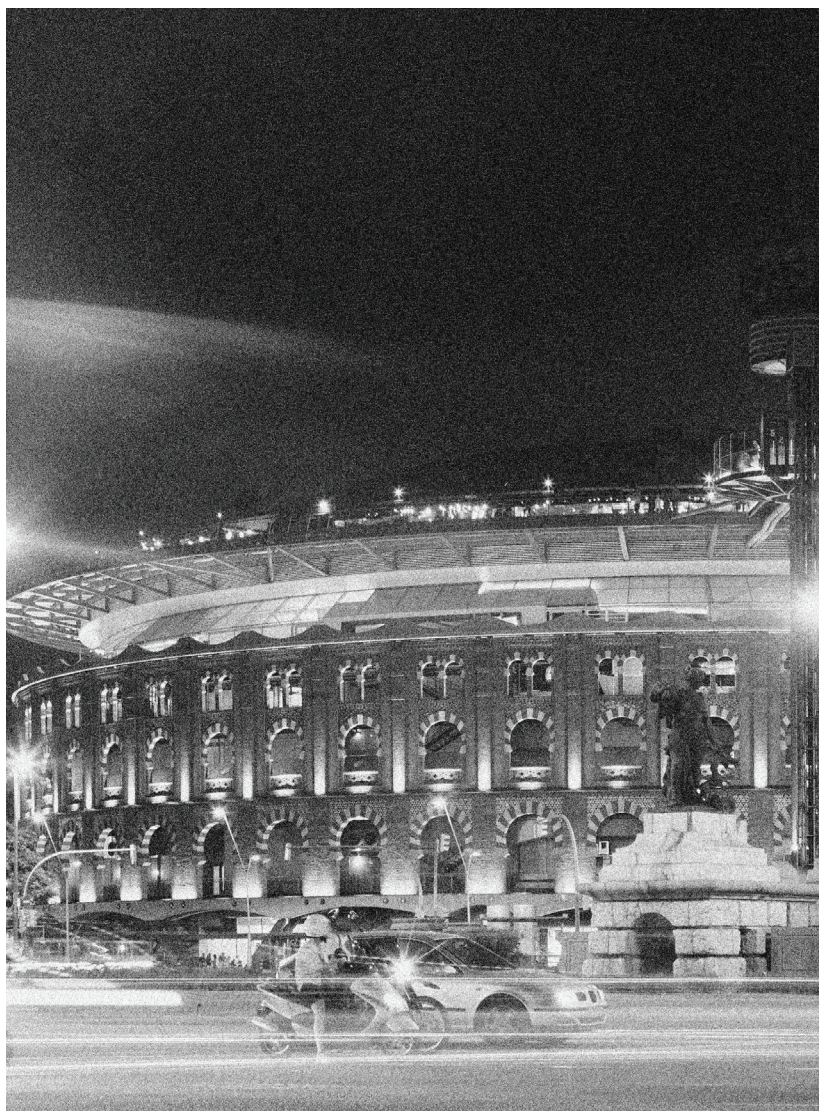
Acesso em 01.06.2010.

REIS, A. C. F. Livro digital: Cidades Criativas. disponível em Disponível em <http://colunistas.ig.com.br/monadorf/2010/03/24/cidades-criativas-perspectivas/>. Acesso em 19 jun.2010.

SEIXAS, J. e COSTA, P. Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana. Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea. 2o workshop de investigação “As Cidades”, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 25 de Fevereiro de 2010, Disponível

em: http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt/pdf/Artigo_JS_PC_FCG_Versao_Mini_18_Mar-rev.pdf. Acesso em 14 abr. 2010.

SILVA, P. C. e SILVA, N. P. POBLENOU: TERRITORIO @ DE BARCELONA. Proyecto 22 @ - BCN – Estudio y consideraciones. ITU: OTTONI, 2006.



**Smart cities:
Modelo de comunicação Global?
Uma abordagem da
Geografia da Comunicação**

Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Plataformas cidadinas capitalistas de alta tecnologia

Plataformas coletivas de desenvolvimento foram e continuam sendo criadas e aperfeiçoadas pelos atores envolvidos. Por exemplo, em 15 dezembro de 2015, a Cityzenith, companhia estadunidense com projetos para *Smart city* e *IoT* (*Internet of Things*, ou Internet das Coisas) anunciou sua participação na Microsoft CityNext, iniciativa global da Microsoft com a proposta para:

capacitar cidades, empresas e cidadãos a futuros re-imaginar o futuro e cultivar com vibração suas comunidades. Por meio da iniciativa Microsoft CityNext, Microsoft e Cityzenith ajudarão os líderes a fazer o “novo com menos”, combinando o poder da tecnologia com ideias inovadoras, para conectar os governos, empresas e cidadãos com os serviços oferecidos que aumentam a eficiência, reduzem custos, promovem mais um ambiente sustentável e cultivam comunidades onde as pessoas prosperam.

A mesma empresa também mantém convênio com a Global Smart Cities da Accenture, a maior empresa de consultoria do mundo e, conforme seu diretor, “5D Smart City™ da Cityzenith é a primeira plataforma e a mais desenvolvida no que respeita a *IoT* 5D dentro de sua classe, no mercado atual e proporciona o complemento ideal para o enorme grupo de atuações da Accenture”.

Em 11 de Novembro de 2015, a mesma Cityzenith apresentou a versão 3.0 da 5D Smart City™ com lançamento na Smart City Expo World Congress de Barcelona (17 a 19/11/2015), evento anual que congregou participantes dos setores público, acadêmico, privado.

Para termos uma ideia do funcionamento da plataforma, o 5D Smart City™ em seus módulos agregam, conectam e investigam os dados por intermédio de suas chaves de infraestrutura, segurança e meio ambiente, cabendo à empresa usuária selecionar e personalizar as análises dentro de suas necessidades. De maneira entusiástica, o responsável pelos dados em Chicago afirma as vantagens para a governança: “Em parte as cidades

podem caracterizar-se pelos sucessos que acontecem no seu cotidiano, desde responder as necessidades dos moradores até a água potável do subsolo” (PR NEWSWIRE, 2015b).

Todo esse entusiasmo não é compartilhado por alguns setores da população, que convivem com as mudanças propostas pela tecnologia. O documentário San Francisco 2.0, exibido pelo canal HBO em 28 de setembro de 2015, mostra como a cidade viu aumentar o ritmo do processo de gentrificação nos últimos anos. E, em 2014, a matéria de Dani Garcia abordando San Francisco, questionava:

Na série televisiva *Boss*, sob essa dura caricatura da política e com o pano de fundo de Chicago, se plasma perfeitamente absorção pelo sistema de gestão da cidade de hoje como um produto. As prefeituras permitem que empresas privadas (sob corrupções consentidas) invistam grandes somas de dinheiro, as que, evidentemente, saem beneficiadas. O fato é que a gentrificação pode afetar qualquer pessoa e quase sempre negativamente. Não resolve os problemas, simplesmente as expulsa, inclusive isso é uma questão de saúde pública, tal como reconhecido pelo Centro de Controle de Doenças Estadunidense (mais níveis de stress, violência, crime e doença mental). “É San Francisco New York?”, pergunta *New York Mag*. A avalanche gentrificadora fez com que a cidade californiana já tenha superado os números da Big Apple na categoria de “aluguéis exorbitantes”. Para onde estão indo os sanfranciscanos? A East Bay, Oakland, cidade da classe trabalhadora, do outro lado da Bay Bridge onde os aluguéis são mais baratos (GARCÍA, 2014).

Também o periódico *New York Times* não deixou de noticiar os problemas vividos em San Francisco, principalmente em bairros como The Mission, tradicionalmente ocupado por imigrantes hispânicos que viviam em pequenos apartamentos controlados pela municipalidade e agora deram lugar para condomínios de luxo e lojas de produtos importados. Sendo a quarta comunidade preferida dos trabalhadores de alta tecnologia de Silicon Valley, o bairro foi “invadido” por esses profissionais e a *Gentrification* teve suas consequências mais diretas e drásti-

cas (POGASH, 2015).

Entretanto, conforme matéria da revista Forbes de 15/08/2014, San Francisco era a cidade-líder em projetos *smart city* e destacava os vários pontos de Wi-fi gratuitos e as três milhas dessa conexão na Market Street, centro da cidade. Outra liderança de San Francisco é nos projetos de reciclagem, conservação e economia de energia, as cem estações de recarga para carros híbridos (REIS, 2014).

Outra iniciativa de San Francisco, iniciada em 2005 pela empresa Rebar, que se autodenomina entre arte, *design* e ativismo no espaço público, é o Parklest ou Vaga Viva, no Brasil. A ideia era ocupar espaços de estacionamento para uso das pessoas. O primeiro de San Francisco aconteceu nas ruas 1 e Mission. Afirma, Chen, arquiteta responsável em 2013 pelo setor que:

No começo as pessoas pareciam não aprovar tanto a ideia... Mas com o tempo outros estabelecimentos comerciais começaram a ver que todo mundo saía ganhando com os Parklets e queriam, também, construir os seus (GARCIA, 2013).

Em capítulo publicado no *e-book* ‘Midicidade’, editado pelo grupo de pesquisa MIDCID - UNISO e intitulado ‘*Gentrification e Rent Gap* em dois bairros tradicionais da indústria têxtil no Brasil e na Espanha: transformações urbanas no século XX e XXI’, Lanças, Santos & Silva analisam os bairros do Poblenou em Barcelona, na Espanha, e Santa Rosália, em sorocaba, Brasil, indicando o processo de *Gentrification* que, já na década de 1960 foi estudado pela socióloga inglesa Ruth Glass, entendendo por essa denominação o processo de expulsão de moradores de baixa renda de bairros centrais de Londres. Afirmava (1964, p. 20):

Um a um, muitos dos bairros da classe trabalhadora de Londres, foram invadidos por pessoas das classes médias superiores e inferiores. Casas degradadas, antigos estúbulos transformados em moradia e casas modestas com dois quartos encima e dois embaixo, foram ocupadas, quando os seus aluguéis venceram, e tornaram-se elegantes e caras residências [...]. Uma vez que este processo de “gentrification” começa em um distrito ele segue ra-

pidamente até que todos ou a maior parte dos ocupantes das classes trabalhadoras originais sejam deslocados e o caráter social inteiro do distrito é modificado.

Concluem os autores que os dois bairros foram alvo do mercado imobiliário que visava uma recolocação financeira para seus espaços. Entretanto, fixando-nos no bairro catalão, podemos afirmar que Barcelona, desde a I Exposição Universal, no século XIX, busca a internacionalização e o Poblenou serve, até o momento, de estímulo para atrair empresas, agora em atividades comunicacionais e artísticas.

Entretanto, algumas experiências e projetos, ainda que possam ser analisados pelo viés do processo de *Gentrification* clássico, quando incluídos os componentes comunicacionais e artísticos e os agentes deflagradores do processo, não apenas de ocupação espacial, mas também de agenciamentos socioculturais, informacionais e/ou comunicacionais/midiáticas, indicam possibilidades de análises diferentes. É o se pode verificar, por exemplo, na iniciativa do *Poblenou Urban District*, fundada em 2012 com o objetivo de promover o Poblenou como “Nuevo Distrito del Arte y la Creatividad de Barcelona”. A proposta baseia-se também em outros projetos e experiências internacionais como Wynwood Arts District (Miami), Meatpacking District (Nova York) e o distrito de Hackney, de Londres.

Retomando investigações anteriores (SILVA, 2012, 2014) no qual estudando Milton Santos refletíamos que “Mídia, antes de ser comunicação é espaço” (SANTOS, 2007, p. 74) dado que a percepção do espaço mantém relação com a velocidade das pessoas, das mensagens e das coisas, a contemporaneidade pode ser vivida e os lugares estão em todos os lugares, implicando novas formas de identidades não apenas cultural local, mas com outras assumidas no contato e imersão cotidianas. Com isso, modelos globais de comunicação urbana estão distribuídos pelas *smart cities* e podem proporcionar esses outros vínculos, ainda que a população não se dê conta que da mediação desses modelos globais. No caso de Barcelona, podemos adiantar neste momento, o *Poblenou Urban District* parece atender tal expectativa, como fica demonstrado no depoimento de Martin Noaksson, *designer* de móveis *vintages* escandinavos, afirmando

que seus vizinhos deram uma acolhida calorosa a ele e ao seu trabalho, e formam 90% dos clientes da Noak Room. Acredita, também, que os vizinhos apreciam o espírito criativo do bairro.

Dessa forma, podemos perceber que os processos comunicacionais, artísticos e urbanos estão em constante transformações em composições e recomposições que sugerem práticas passadas, como a *Gentrification* em seu sentido tradicional de expulsão dos moradores tradicionais pelas novas classes que chegam para compor os bairros; e outros processos, como na criação e formação de novas atividades e socialidades como as descritas no *Poblenou Urban District*.

Na escala macro, o governo central da Catalunha apresentou, no Smart City Expo 2015, propostas de intervenção regional, as quais já em 2014 haviam denominado de SmartCAT, com o objetivo de “transcender o conceito de ‘smart city’ e desenvolver um programa para integrar e coordenar as iniciativas locais e supralocais, dando suporte às empresas e impulsionar iniciativas ‘smart’ fundamentais para o país. O âmbito de atuação da SmartCAT ficou definido como os da economia inteligente, governo inteligente o do cidadão inteligente (ESTRATÉGIA smartCAT).

Outra consideração que podemos fazer, refere-se a “moda das *smart cities*”, ou seja, parece acertado considerar que, no último triênio de estudos (2014-2016), o tema das *smart cities*, como recorrente e significativo para as áreas de ciências sociais e humanas, pode ter perdido a força midiática que havia conquistado em anos anteriores. Um estudo por amostragem com 531 pessoas, feita em janeiro e publicado em maio de 2016 pelo *Institution of Engineering and Technology (IET)* do Reino Unido, indicou que apenas 1 em cada 5 pessoas sabiam o que era *smart city* e o número mais baixo entre pessoas com 65 ou mais anos.

É surpreendente, então, que a evidência mostrada neste relatório sugira que o público ainda tem que comprar a ideia das Smart cities - e ser convencido do valor e dos benefícios que a tecnologia, apresentada na escala da cidade, poderia trazer para suas vidas diárias. Novas tecnologias e aplicações disruptivas, tais como Uber (serviços de táxi on-demand) e Airbnb (serviço de alojamento

on-line) podem ajudar a mudar corações e mentes. Conforme esses serviços ‘bottom-up’ se tornem confiantes e populares com o público, a aprovação e aceitação de tecnologias Smart city podem tornar mais fáceis (IET, pág., 5).

Em entrevista com o Prof. Dr. Carles Carreras i Verdaguer, em janeiro de 2015, no prédio da Faculdade de Geografia da Universitat de Barcelona (Espanha), o geógrafo que tem Barcelona como seu objeto de estudos há mais de 40 anos afirma que “a cidade sempre foi inteligente. Os modelos globais propostos atualmente servem para justificar algumas intervenções do capital internacional que se quer global”. Por outro lado, José María de Lapuerta, catedrático da *Politécnica de Arquitectura de Madrid (UPM)*, afirmou em maio de 2016 que, com as possibilidades abertas pelas tecnologias das coisas e os dados disponíveis, se devidamente analisados, são fonte de conhecimento e intervenção na cidade: “esses milhões de dados coletados pelos sensores, devemos saber interpretá-los e tirar proveito. A bolha imobiliária, com estes níveis de análises, teria sido totalmente previsível”(OLEAGA, 2016).

Tais parâmetros, evidentemente, servem aos interesses internacionais financeiros e tecnológicos nos lugares, no sentido de delimitar onde esses setores terão maiores condições de desenvolver seus produtos e serviços com êxito e, no limite, uma fusão e conjunção dos interesses financeiros com os tecnológicos na cidade. A cidade cumprindo seu papel de objeto de consumo privilegiado, na qual as classes sociais têm acesso às partes, aparatos e aplicativos (*apps*) para maior consumo dos produtos inseridos e “obrigatórios” para sobreviver ao cotidiano.

Isso pode ser medido, por exemplo, pelo acordo firmado entre a Waze, o *Ayuntamiento de Barcelona* (prefeitura) e a *Generalitat de Catalunya* (Governo Central). Afirma o site do BCN CONECTA:

Hoje conhecemos que Waze, o *app* gratuito de tráfico e navegação baseado na maior comunidade do mundo (e agora do Google) firmou um acordo com o *Ayuntamiento*

de Barcelona e a Generalitat de Catalunya no marco do programa Cidadão Conectados para *smart cities*. Isto os converte em sócios estratégicos do Waze e se somam a outros 10 sócios em toda a Europa e no CCP (*Connected Citizen Program*) (BCN CONecta, 2016).

Não cabe dúvida de que essa demanda pela maior participação e “humanização” seja uma constante nos textos e nas falas dos que trabalham com o tema das *smart cities*. Rick Robinson, por exemplo, refletindo acerca dos mitos e equívocos do tema das *smart cities*, indica como mito ou equívoco a consideração de que Masdar e Songdo as cidades mais inteligentes do planeta e no outro extremo que as duas cidades são loucuras de tecnologias desumanas e complementa:

Em minha opinião, elas não são nem as cidades mais inteligentes do mundo, nem desumanas. Como em qualquer outro lugar, eles ficam entre esses dois extremos. Recentemente perguntei a um arquiteto respeitado o motivo de que tantos novos desenvolvimentos urbanos, pareciam não levar na devida medida o comportamento natural das pessoas que esperavam utilizar tais espaços. Ele respondeu que os novos projetos raramente funcionam de imediato: pois o nosso comportamento se adapta para tirar o melhor proveito do ambiente que nos rodeia; quando esse ambiente muda, é preciso tempo para que nos adaptemos a sua nova forma. Até que nós consigamos, parece que a nova forma não nos atende (ROBINSON, 2013).

Contudo, a criação de uma *smart city* não está isenta de contradições, conflitos e disputas entre os atores envolvidos. A pesquisadora da *Seoul National University*, Sofia T. Shwayri, acompanhou os desdobramentos de Songdo *in loco* e, pelos meios de comunicação, extraiu dos jornais os fatos e acontecimentos que compunham uma crônica diária do desenvolvimento do projeto, em especial os posicionamentos dos governos locais e nacionais, dos investidores e também dos moradores, incluindo opiniões de *sites* e *blogs* acerca de Songdo. Destaca a publicação da IFEZA - *Incheon Free Economic Zone Authority* (Coreia do Sul)

que publica, desde 2004 com uma média de cinco exemplares uma revista promovendo Songdo com o intuito de atingir potenciais investidores globais. A revista ainda informa os encontros, conferências empresariais e fóruns que acontecem para atrair a atenção do público profissional (2013, pp. 39-40).

O processo de criação da *u-eco-city* de Songdo pode ser reconhecido ainda no ano de 1988, quando o candidato à presidência da Coreia do Sul visitou a área de Incheon. Incluía também um acordo de cooperação entre a China e a Coreia do Sul que, em 1991, culminou na inauguração de escritórios comerciais nos dois países, sendo que o escritório chinês servia também como Consulado da República Popular da China, vindo a facilitar os negócios turísticos. O avanço nos relacionamentos e intercâmbios entre os dois países implicou em recolocar a China, nos anos iniciais do século XXI, como o segundo exportador mais importante da Coreia do Sul, e a nação como meta para investimentos coreanos.

O tema da criação de *Songdo New Town* (como era conhecida na época) volta a emergir em 1994, e a empresa vencedora para iniciar o projeto foi o *Office of Metropolitan Architecture* (OMA) associado à coreana Daewoo, tendo seu centro principal nas indústrias da informação e da comunicação, bem como de alta tecnologia. Entretanto, nesse intermeio, a sócia coreana teve dificuldades financeiras que a obrigaram a se retirar do projeto da cidade. A crise financeira de 1997 também obrigou o governo coreano a buscar reestruturar suas contas e priorizar suas ações.

Uma das ações com impacto internacional foi a criação de zonas de economia livre com legislação e apoios governamentais específicos para captar capital estrangeiro. Tais ações impulsionaram tanto local quanto globalmente o projeto de Songdo, tendo sido encabeçado pelo prefeito de Incheon, Sang-soo Ahn, no que tange à divulgação internacional e os acordos locais necessários ao desenvolvimento legal e social da cidade em construção. Foram muitas rodadas de negociações até que, por exemplo, a questão dos aterros para recuperar ao uso social, com 53,4 Km² de área marítima, fossem aprovados. O aterro e a reabilitação da área, e toda a consequência ambiental que essa ação trouxe, foi o problema principal dos conflitos e ele perdu-

ra. “Os pescadores de Songdo foram os primeiros a protestar e serem presos em 1995 e mais tarde vão reivindicar uma vitória, não em parar o aterro, mas em ganhar alguma participação na nova cidade” (H. Park, 1996 *apud* Shwayri, 2013, p. 45).

Um plano de ações mais racional, em termos ecológicos atuais, foi aprovado em 2006, depois de uma década de debates e embates entre os diversos atores que estavam envolvidos e os novos que se engajavam, cada nova etapa da reabilitação e aterro foram seguidas de confrontos entre os grupos. Conforme os trabalhos avançavam, a situação dos pescadores complicava-se mais e “quase 82 por cento deles adquiriu ações em Songdo, parte do qual se tornou conhecido *Fisherman’s Living Policy*, garantindo a cada um pedaço de terra medindo 165 metros quadrados para iniciar seus próprios negócios” (Shwayri, 2013, p. 45).

Acrescenta-se também que vários espécimes, algumas exclusivas da área, que tinham naquelas águas seu *habitat* migraram e outras foram extintas.

Entretanto, cabe aqui pensar relações da cidade como uma totalidade, a das pessoas em seu cotidiano imediato, difere da cidade financeira que acontece dentro dela, formando outras redes, fluxos e fixos em uma globalização visível espacialmente, na qual a hegemonia das empresas — Gale INTL, CISCO em Songdo, por exemplo — é a autoafirmação física, dessa globalização e da identidade das *smart cities*.

Pesquisando o “cotidiano de Songdo” em *blogs*, encontramos diversos depoimentos em diários de viagem, os quais podem dar uma dimensão, pouco precisa talvez, mas que serve para confrontar com o indicado em estudos, como o já citado de Sofia Shwayri. Escolhemos o *blog There’s She goes – Thoughts, obsessions and adventures of a crazy plant lady in the making*, organizado pela Filipina Caroline Javier ou Laline (pronuncia-se LUH-LINE), e iniciado em 2014, depois que viajou para a Coreia do Sul e fez os primeiros registros nesse formato. O *blog* registra a visita no dia 2 de novembro de 2014, então o quarto dia em que estava em Songdo. Laline assim descreve o dia em Songdo:

Fomos recebidas por uma rajada selvagem de vento, depa-
paramo-nos em puro espanto. Nós duas estávamos em

êxtase. Realmente. nós nunca pensamos que, literalmente, estaríamos aqui. Como... Lá, em Songdo, onde vimos os gêmeos [crianças coreanas de uma postagem caseira do Youtube que se tornou viral] e Song Il Gook (artista coreano) de bicicleta ao redor com sua carroça com assinatura e tudo. Era diferente. Um lugar onde todo mundo é uma família. Onde as crianças brincam muito livremente. As pessoas mais velhas podem caminhar ativamente. Um lugar onde um Segways [veículo elétrico] são uma forma familiar de transporte para as crianças. E há essa recanto super fofo no qual as crianças podem apenas ler e devolver livros! Mona e eu estávamos em nosso modo de alerta para detectar os amados trigêmeos, mas no final do dia, mesmo que não conseguindo, realmente vê-los, o dia acabou por ser grande. Songdo Central Park foi um lugar tão fascinante. Eu estava ansiosa para respirar toda a energia do lugar, eu infelizmente não fui capaz de tirar fotos da maioria das coisas vistas. Todo mundo parecia tão agradável e ativa na vida, é um lugar tão ideal para ter uma família (THERE'S SHE GOES... 2014).

Pelas postagens, depoimentos, fotos, deste e outros sites pesquisados, percebe-se que o cotidiano em uma *smart city* nova, como Songdo, é representado por uma linearidade e uma simplicidade que parece destoar de uma cidade globalizada, reconhecida como um distrito internacional de negócios, principalmente na qual as contradições impostas pela globalização não são visíveis, ao contrário, ao olhar do senso comum, a relação entre *smart city*, distrito financeiro internacional e vida cotidiana articulam-se no âmago da globalização contemporânea.

De forma análoga, quando analisa Londres, Massey afirma que “desse ponto de vista, certamente nem a City [financeira] nem a cidade em sentido mais amplo podem ser interpretadas como vítimas locais da globalização... Globalizado, certamente, mas não simplesmente aberto” (2008, pp. 268-269). Cabe considerar os limites impostos em Songdo para os próprios coreanos: “os moradores locais que trabalham para empresas estrangeiras seriam autorizados a viver em Songdo, mas apenas em pequenas percentagens” (Shwayri, 2013, p. 54), sem contar que, no hospital internacional, os coreanos podem buscar tratamen-

to de saúde, mas deverão arcar com 100% dos custos, pois o plano de saúde nacional não os cobre.

Assim, a “desumanidade” nas *smart cities* pode ser compreendida considerando essa relação dialética entre atores hegemônicos e não hegemônicos distribuídos e utilizando os territórios. Santos, nesse sentido, indica que, para os atores hegemônicos, o território usado é um recurso e para os atores não-hegemônicos é seu abrigo (SANTOS, 2000, p. 12). Os primeiros utilizando o território para os seus interesses particulares com investimentos específicos para cada parte do território, o que amplia ainda mais as divisões social e territorial do trabalho; já os segundos, para garantir a sua sobrevivência buscam adaptar-se aos locais criando a recriando estratégias nos lugares.

Ao seu modo, ambos atores recorrem às estratégias particulares para impor no território sua identidade, ou seja, quando a CISCO conclama a inteligência de Songdo ou a *Fast Company Magazine*, quando afirmou que:

Tanto quanto o papel de Deus (ou SimCity), New Songdo é a mais ambiciosa e eminente cidade desde Brasília há 50 anos. Brasília, é claro, foi um desastre instantâneo: grandiosa, monstruosamente em sobre escala, e imediatamente cercado por favelas... [Songdo] é um “distrito de negócios internacionais” e um “aerotrópolis” — ocidental — cidade orientada e mais focada no aeroporto e na China, muito além de Seul. E pode-se supor uma “cidade inteligente”, ornamentada com *chips* que falam entre si e como tal designados, anos antes a IBM lançou as bases de sua religião “Smarter Planet” (Lindsay, 2010).

Modelos Globais (possíveis!) de Comunicação Urbana? Encaminhando outro debate

É necessário relembrar uma questão importante: “o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido” (Dardel, 2011, p. 33). Com isso, as *smart cities* como modelos globais de comunicação, não “colorem” uma realidade posta, ao contrário: como participante da construção humana do espaço, reagrupam as possibilidades já existentes

pela via da comunicação abrindo caminhos para a interação, informação e também para o controle e monitoramento. A quantidade de câmeras, radares e vistas de satélite criam e recriam as cartografias cidadãs e as oficiais das empresas governamentais e suas parceiras na prestação dos serviços vinculados à comunicação, onde “a rota desfaz o espaço para recriá-lo, reagrupá-lo, dando-lhe um sentido na dupla acepção do termo: um significado expresso em uma direção” (Dardel, 2011, p. 29). No caso das *smart cities*, significados e direções que necessariamente precisam ser locais, graças aos aplicativos cidadãos e outros serviços, e globais, capazes de gerar produção e consumo da cidade e de seus espaços de forma compartilhada. Isso já estava sugerido, em 1999, pelo *Estudi Ciutat Digital* do *Institut Català de Tecnologia* - ICT, acerca da cidade digital para Barcelona quando afirmava:

os centros urbanos deverão investir nos 3C: conceitos, capacidades e conexões, isto é, investir em inovação e criatividade (conceitos), fomentar a aplicação e a difusão das experiências e os conhecimentos tácitos e garantir as capacidades de produção e de consumo (capacidades) e, finalmente, dispor das vias de comunicação e acesso aos outros polos mundiais de atividade para assegurar as relações com o resto do mundo (conexões) (1999, p. 40).

A parceria entre os governos e empresas foi fundamental para a implantação de processos de inovação, muitas vezes contrários aos interesses das populações em Barcelona e Songdo.

Nestes dois casos, as evidências sugerem que os governos locais, antes de parceiros, são os agentes que criam as condições políticas e sociais para que, em momento oportuno, quase sempre a médio e curto prazos, as empresas materializem suas intervenções nos territórios. Quando esse processo não pode ser deflagrado no tempo imposto pelo capital, graças à morosidade da burocracia estatal, ou mesmo, de novas demandas criadas pelas populações implicadas e não programadas no “calendário oficial” dos poderes econômicos e governamentais, é eminente o confronto de ideias, necessidades e posicionamentos das partes envolvidas.

As reclamações e demandas, em Songdo como em Barcelona, recaem na escolha de ser uma cidade internacional. Songdo, inclusive, já nasce como Distrito Internacional de Negócios e, portanto, com vistas ao atendimento do estrangeiro em detrimento ao coreano, algo como uma mistura de *ghetificação* (segregação e exclusão) com *Gentrification* (aburguesamento e valorização de áreas “degradadas”) - talvez *ghettrification/ guentrificação*. Ambos processos naturalizados ou dados como inevitáveis e necessários pelos meios de comunicação globais, chamados a compor com empresas de jornalísticas/televisivas, publicidade, empreiteiras, bancos etc.; um consórcio internacional, sem nenhum critério moral, na hora de transformar e recriar os territórios, apenas o lucro global, sempre conseguidos a custa dos locais, ou seja, o território vivido das pessoas no seu cotidiano.

O novo modelo de comunicação urbana que se pretende Global, se acaso inaugura um novo modo de participação, principalmente pelo volume de vendas e rendimento que geram, tratando a cidade como um *produto no mercado globalizado*, também apontam novas vulnerabilidades e estranhamentos. Vulnerabilidades na identidade ainda em formação, baseadas em regras, ordens, poder de uma marca fixada no imaginário local e que iria redimir todas das dificuldades existentes em uma “cidade normal”. Estranhamento também para aceitar e conviver com o outro e suas diferenças.

Nas cidades, a parceria entre o poder público e os poderes privados buscavam ser modelos para a vida no presente e paradigma para um futuro coletivo, entretanto, como afirmava Delgado para Barcelona, mas serve para as demais (2007, p. 12):

Na realidade, modelo de projeto alucinado e visionário de cidade, brinquedo nas mãos de planejadores que acreditaram que seus desígnios e a vontade ordenadora das instituições que serviam eram suficientes para superar e fazer desaparecer os conflitos, as desigualdades e os mal estares... Modelo de uma vocação fanática de transparência, o destino da qual foi constituir uma cidade legível e, portanto, obedecível e obediente. Modelo de simplificação identitária.

A estandardização da identidade e do modo de ver e viver a cidade não é exclusividade das que descrevemos. Atores hegemônicos buscam criar condições para que a opinião pública seja coesa com os interesses e valores políticos, econômicos, educacionais dos governos e empresas. A participação cidadã, por seu turno, não é linear, ainda que não podemos dizer que haja participação efetiva nas principais demandas que ocorrem nas cidades. No caso das cidades estudadas, a própria oferta da *Branding City* com seus espetáculos midiáticos, de cores, marcas, consumo, tecnologias, serve como anestesia para participar ou pensar mais criticamente e leva ao conformismo de uma parcela da população. Analisando o novo cidadão, afirmou Southerton acerca da proposta de construir Songdo,

reflete uma nova cultura global e não dominada por uma única nação ou região, mas um grupo diversificado de pessoas com gostos e necessidades semelhantes. Esta nova geração de moradores exige estado da arte da tecnologia, edifícios *eco-friendly Green*, uma linguagem de negócios universal (Inglês), uma classe de recreação mundial e alto padrão para as instalações médicas e educacionais (Southerton, 2009, p. 91).

Contudo, no plano do urbanismo contemporâneo, parece haver uma indicação de que o capital global está deslocando seu eixo, no século XXI, da América do Norte, mais especificamente os Estados Unidos, então a escolha do século XX, para a Ásia: Masdar City (Abu Dhabi), Dongtan (China), Songdo (Coreia do Sul), Mahindra World City (Índia), Zira Island (Azerbaijão). Isso traz consequências tanto econômicas, lembrando a posição geográfica privilegiada de Songdo para a circulação do capital financeiro e humano, quanto geopolítica, e aqui incluindo as grandes agências de notícias do mundo, reagrupando e atendendo demandas de *marketing* e mídia dos grandes empreendimentos. Em artigo para o *Le Monde*, Teis Hansen afirma:

Assim, no final, essas cidades parecem ser resultado do marketing e do ufanismo urbano, mais que qualquer outra coisa. Falando acerca da arquitetura, François Chas-

lin recentemente repetiu esses pensamentos, dizendo que “a arquitetura de hoje é muitas vezes sujeita ao dinheiro e ao marketing: é uma ferramenta que visa fazer coisas, pessoas e cidades brilharem (...)” (1). Os megaprojetos são versões do edifício mais alto do mundo do século XXI: gerador de atenção, mas com pouco impacto real, no longo prazo, em termos de desenvolvimento sustentável. Na verdade, eles podem até mesmo ser vistos como prejudiciais, pois desviam juros e fundos de medidas menos atrativas, mas eficazes, tais como a melhoria do isolamento das casas, a instalação de medidores inteligentes ou mesmo, apenas conectar essas áreas com a infraestrutura urbana existente. Infelizmente, os benefícios desses projetos são, em muitos casos, ainda considerados em termos de atenção da mídia ao invés de impacto ambiental puro.

A midiaticização desses empreendimentos, aliada à importância e necessidade de tecnologias de informação e comunicação para alcançar os eco-resultados esperados, oferece, em troca do conceito e das práticas cotidianas de pertencimento, o conceito e a adaptação para a resiliência. Talvez hoje um conceito da globalização neoliberal, na qual ocorreu uma troca, foi a de que no capitalismo industrial éramos culpados da própria incompetência; agora, no capitalismo 24/7 (vinte quatro horas por sete dias) somos chamados a desenvolver a capacidade de autossuperação e adaptação às intempéries, mudanças e pressões “naturalizadas” no mercado global.

A comunicação urbana nestes momentos de deslocamentos, em geral do sul para o norte geopolítico, pelos mais variados motivos, desde conflitos internos, guerras, busca de outro futuro imaginado, poderia ter nas cidades, nas *smart cities*, um destino no qual os diálogos estariam abertos e facilitados pelas tecnologias, das quais os agentes públicos e privados vangloriam-se de implantar e oferecer, favorecendo vidas e criando condições para um pertencimento solidário e humanista e na qual *as culturas* (sempre plurais) poderiam gerar um desenvolvimento sustentável e solidário em confronto com um economicismo, como sugeria o documento da *Eurocities*, desde sua fundação em 1986, com a proposta de coordenar as ações das

idades na Europa (hoje sediada em Bruxelas), e entre as quais encontra-se Barcelona. Poderíamos ter assim uma consciência global do lugar, como sugere Massey (2008). Contudo, como afirma Delgado (2007, p. 237) a cultura, por seu turno, tornou-se a nova religião dos Estados e de suas políticas de *ghettrificação* globais aplicadas nos locais.

Entretanto, o movimento dessa comunicação urbana, ao mesmo tempo global e local e talvez muito mais profunda glocal, pois esse conceito, travestido pelo rótulo do holismo, parece reduzir os processos antagônicos dessas duas escalas sociais da vida nos territórios, também inclui releituras de fenômenos globais que são feitos no local, criando no plano simbólico, outras identidades e trazendo novas formas expressões e visuais, além de poder de identidades surgidas nessa re-apropriação e re-leituras. Isso pode ser verificado em exemplos simples como a apropriação de um programa televisivo: Chaves no Brasil criou uma “cultura” na qual, artistas e dubladores tem *status* de estrelas do *show bizz*; músicas: Michel Teló fez grande sucesso internacional com a canção ‘Ai se eu te pego’, mesmo africanos, ingleses, holandeses não entendendo o que dizia ou que sentido tinha sua canção; artes visuais: quando o artista chinês Ai Weiwei leva um piano de cauda para um campo de refugiados; ou ainda em questões mais complexas como o movimento e a fixação/deportação de refugiados na Europa e suas imagens estandardizadas pelas agências noticiosas mas confrontada com corpos que insistem em viver desarticulando fronteiras legais e ilegais.

Isso cria uma dificuldade, que é, ao mesmo tempo, também um desafio de uma comunicação urbana que não seja apenas plural, mas que agregue múltiplas formas e formações locais, territoriais, globais em sua *performance* e atente para as realidades do Homem.

REFERÊNCIAS

BCN CONecta. Tráfico y movilidad. Waze, Ajuntament de Barcelona y Generalitat, socios estratégicos. Disponível em < <http://bcnconecta.com/2016/03/trafico-y-movilidad-waze-ajuntament-de-barcelona-y-generalitat-socios-estrategicos/> >

Acesso em 10 de abril de 2016.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra. Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELGADO, Manuel. La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del ‘modelo Barcelona’. Madrid: Catarata, 2007.

ESTRATÈGIA smartCAT. Disponível em <<http://web.gencat.cat/ca/actualitat/detall/Estrategia-smartCAT-00003>> Publicado em 20 Nov. 2014. Acesso em 20 Mai 2016.

GARCÍA, Dani. EL DERRUMBE EXISTENCIAL de San Francisco. Disponível em <<http://www.yorokobu.es/el-derrumbe-existencial-de-san-francisco/>> Publicado em 15 Dez. 2014. Acesso em 20 Jun. 2016.

GARCIA, Natália. Parklets: tomando espaço dos carros para as pessoas. Disponível em < <http://thisbigcity.net/pt-br/parklets-tomando-espaco-dos-carros-para-as-pessoas/>> Publicado em 22 jul. 2013. Acesso em 22 Mar. 2016. Ver ainda REBAR. Valuable urban real estate, reprogrammed. Disponível em < <http://rebargroup.org/parking/>> Acesso em 22 Mar. 2016.

HANSEN ,Teis. Eco-metropolises – the way towards sustainable urban living? Disponível em < <http://www.groupe-chronos.org/publications/blog/eco-metropolises-the-way-towards-sustainable-urban-living>> Publicado em 13 Out. 2010. Acesso em 20 Jun. 2016.

INSTITUTION OF ENGINEERING AND TECHNOLOGY (IET). Smart Cities Time t involve the people? An insight report from the Institution of Engineering and Technology. Disponível em < <http://www.theiet.org/sectors/thought-leadership/future-cities/articles/smart-cities-involve.cfm>> Acesso em 05 Mai 2016.

LINDSAY, Greg. Cisco’s Big Bet on New Songdo: Creating Cities From Scratch. Disponível em <<http://www.fastcompany.com/1514547/ciscos-big-bet-new-songdo-creating-cities-s>>

cratch> Publicado em 02 Jan. 2010. Acesso em 10 Mai 2016.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

POGASH, Carol. Gentrification Spreads an Upheaval in San Francisco's Mission District. Disponível em < http://www.ny-times.com/2015/05/23/us/high-rents-elbow-latinos-from-san-franciscos-mission-district.html?_r=0 > Publicado em 23 Mai. 2015. Acesso em 02 Mar. 2016.

PR Newswire Association LLC, a UBM plc company. Cityzenith joins Forces with Microsoft City Next to Bring Innovation to Cities across the Globe. Disponível em < <http://www.prnewswire.com/news-releases/cityzenith-joins-forces-with-microsoft-citynext-to-bring-innovation-to-cities-across-the-globe-300192666.html> > Publicado em 15 Dez. 2015. Acesso em 15 Dez. 2015.

PR Newswire Association LLC, a UBM plc company. Cityzenith lanza su plataforma de próxima generación 5D IoT en 10 destacadas ciudades inteligentes de todo el mundo. Disponível em <<http://www.prnewswire.com/news-releases/cityzenith-landa-su-plataforma-de-proxima-generacion-5d-iot-en-10-destacadas-ciudades-inteligentes-de-todo-el-mundo-545642302.html>> Publicado em 15 Dez. 2015b. Acesso em 15 Dez. 2015b.

LANÇAS, Sandra , SANTOS, Roger & SILVA, Paulo Celso da. Gentrification e rent gap em dois bairros tradicionais 68 da indústria têxtil no Brasil e na Espanha: transformações urbanas no século XX e XXI. In: Paulo Celso da Silva; Wilton Garcia; Mauro Maia Laruccia. (Org.). Midicidade. 1ed.Sorocaba: MIDICID PPGCC- Uniso, 2015, v. 1, p. 68-90.

LINDSAY, Greg. Cisco's Big Bet on New Songdo: Creating Cities From Scratch. Disponível em <<http://www.fastcompany.com/1514547/ciscos-big-bet-new-songdo-creating-cities-scratch>> Publicado em 02 Jan. 2010. Acesso em 10 Mai 2016.

OLEAGA, Jon. La burbuja inmobiliaria no hubiera sido posible en una Smart City. Disponível em < <http://abcblogs.abcs.es/jon-oleaga/2016/05/01/la-burbuja-inmobiliaria-no-hubiera-sido-posible-en-una-smart-city/>> Acesso em 04 Mai. 2016.

ROBINSON, Roy. Smarter City myths and misconceptions, Disponível em < <https://theurbantechnologist.com/2013/07/14/smarter-city-myths-and-misconceptions/>> Publicado em 14 Jul. 2103. Acesso em 10 de Mai. 2016

SANTOS, Milton. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade IN Milton Santos, Encontros. A arte da Entrevista. Organização Maria Angela P. Leite. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização. São Paulo: Record, 2000.

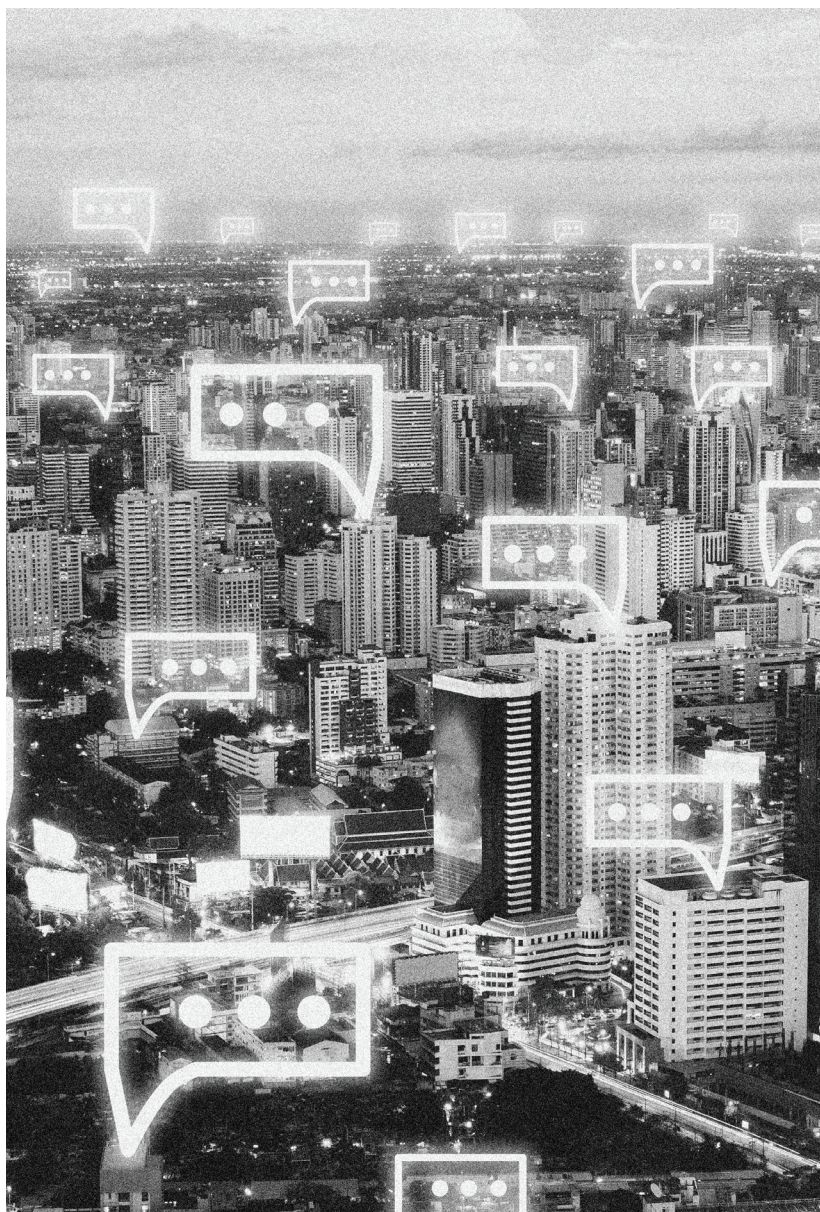
SILVA, Paulo Celso da. Análise da Produção Intelectual do Dr. Milton Santos e sua relação com a Comunicação. In: Sonia Virginia Moreira. (Org.). Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas. 1ed.São Paulo: Intercom, 2012, v. 3, p. 87-107.

SILVA, Paulo Celso da. Cidade. City. Cité. Smart city. O espaço contemporâneo do Período Técnico Científico Informacional. Duas experiências globais. In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. Anais do XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2014. v. 1. p. 1104-1115.

SOUTHERTON, Donald. Chemulpo to Songdo IBD: Korea's International Gateway. Library Congress Cataloging-in-Publication Data, 2009.

SHWAYRI, Sofia T. . A Model Korean Ubiquitous Eco-City? The Politics of Making Songdo, Journal of Urban Technology, 20:1, 2013.

THERE'S SHE GOES – Thoughts, obsessions and adventures of a crazy plant lady in the making. Disponível em <http://thelala-linemachine.blogspot.com.br/p/about.html>. Acesso em 12 Mai 2016.



Mídia territorial Resiliente. Aportes para um debate na Geografia da Comunicação

Publicado Revista Rua | Campinas | Número 23 – Volume 2 |
Novembro 2017 | p. 373 - 387.

Mídia Territorial Resiliente

Inicialmente temos que destacar que entendemos por Mídia Territorial Resiliente os processos urbanos contemporâneos que são baseados ou apoiados em tecnologias de comunicação, podendo ser fixos e móveis.

Assim, smartphones, tablets, drones (futuros *droids*!) redes inalâmbricas, sensores distribuídos pelos territórios apresentam-se como Mídias Territoriais. Porém, os aplicativos (*apps*) utilizados em smartphones, as redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, LinkedIn, WhatsApp e três centenas mais existentes) e seus usuários, também participam desse processo, aqui considerado sócioecológico e não apenas individual. Isso porque, a dimensão sócioecológica reconhece, de antemão, que “o uso que as pessoas fazem da natureza está embutido no sistema socioeconômico, [...] o conceito de “sistemas socioecológicos” está sendo usado para integrar os processos e componentes socioeconômicos e biofísicos (Machlis *et al.*, 1997; Pickett *et al.*, 1997, Berkes *apud* BUSCHBACHER, 2014, pp. 11-12)”, ao qual acrescentamos também os componentes biomaquínicos, os quais vão muito além da mecânica determinada por seus códigos de execução rígidos e os quais respondem exatamente da mesma maneira em todas as situações.

O biomaquínico, ao contrário, age e interage com outras máquinas, seres e situações naturais: conectar com Wi-fi, tirar/enviar fotos, prever o clima, aferir a pressão arterial, afinar um instrumento, utilizando os *apps* no *smartphone*, são exemplos simples dessas possibilidades abertas. Como afirmou Guattari, “elas engendram-se umas às outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo parecer novas linhas de potencialidades... Nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento (Guattari; Rolnick, 2008, p. 385)”.

Nesse conceito, também temos de pensar a questão dos territórios, tendo em vista que são sempre plurais quando ampliados para a escala da globalização. Essa escolha, em detrimento de outras, implica em reconhecer, como Milton Santos, como sinônimo de espaço, o espaço geográfico não como sinônimo de território, mas como território usado. Uma perspectiva do território usado conduz a ideia de espaço banal, o espaço de todos,

todo o espaço” (SANTOS, 2000, p. 2).

No bojo da reflexão teórica acerca dos conceitos que demarcam uma geografia da comunicação e as possibilidades de pensar a Mídia Territorial Resiliente, as tecnologias induziram teóricos de várias áreas a afirmar a existência dos não-lugares, aqueles que, grosso modo são pontos de passagem, de não-identificação. Entretanto, preferimos continuar com as colocações de Santos (2007, p. 157) para quem:

A palavra não-lugar, por exemplo, posso continuar utilizando, mas saberei que isso não existe, não há um não-lugar. Um não-lugar é uma metáfora boba e, quando eu a uso, estou suprimindo a capacidade de analisar o que se passa hoje. Porque a globalização é um período no qual os lugares têm um valor que nunca tiveram antes. Nada se faz sem ser em função de um lugar. E as coisas valem hoje, mais do que nunca, em função dos lugares. É por isso que os atores hegemônicos escolhem lugares: as empresas escolhem os seus e deixam os outros para os atores não-hegemônicos. Então a palavra não-lugar corresponde a uma moda, mas não a um modo, ela perturba o processo de análise da realidade.

Assim, o local também dialoga com os territórios nacionais e/ou internacionais muitas vezes conflitando seus interesses econômicos, culturais, sociais com aqueles que as empresas internacionais, normalmente, apoiadas pelos Estados querem impor nos territórios. Isso porque os agentes com interesses econômicos e financeiros (Estados e empresas internacionais) veem os territórios de maneira homogênea, com suas fronteiras, língua, povo, nacionalidade, direitos; desconsiderando a heterogeneidade do vivido na qual esses atributos políticos e sociais não acontecem de modo *standard* graças às práticas territoriais imaginárias, concretas, sonhadas pelos diversos agente.

As práticas territoriais vão sugerir também teorizações em torno da desterritorialização e reterritorialização. Guattari, por exemplo, lança mão desses conceitos para analisar a sociedade capitalista, afirmando que o capitalismo “é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização: as classes capitalistas estão sempre tentando “recapturar” os processos de des-

territorialização... das classes sociais” (Guattari; Rolnick, 2008, p. 388). Appadurai também analisa essas questões com relação aos Estados-nação e a soberania e os movimentos migratórios e afirma:

Na Europa contemporânea, de fato, o divórcio entre etnonacionalismo e território toma forma de um reverso perturbador que cada vez mais conforma os movimentos neofascistas da Alemanha, Hungria e outras regiões; seu argumento é simplista: onde quer que os alemães estejam, estamos na Alemanha. Aqui — longe do argumento romântico de que sangue, terra, língua e talvez raça sejam as fundações isomórficas do sentimento de nacionalidade — há o argumento especificamente invertido de que a afiliação étnica gera o território. Assim, o sentimento germânico cria a terra alemã, ao invés de ser seu produto. Esta inversão é uma patologia possível, mas não necessária, da diáspora porque envolve um processo de reterritorialização que antecede o processo de desterritorialização. Trata-se mais exatamente da patologia do nacionalismo territorial provocada pela especificidade histórica da ideologia nacional-socialista alemã, pela história particular da formação do Estado na Europa após o império Habsburgo e pela tentadora contiguidade dos alemães “étnicos” separados por fronteiras estatais relativamente recentes (Appadurai, 1997, p. 43).

Entretanto, parece-nos mais acertado considerar a existência da multiterritorialidade, dado que:

Multiterritorialidade aparece como uma resposta a esse processo identificado por muitos como “desterritorialização”: mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios, propomos discutir a complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade. Assim, a desterritorialização seria uma espécie de “mito”, incapaz de reconhecer o caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais (Haesbaert, 1994, 2001b, 2004).

Pensar a multiterritorialidade para a Mídia Territorial Resiliente é considerar, como também sugere Haesbaert, a presença de territórios-rede “... na medida em que podem conjugar territórios-zona (manifestados numa escala espacialmente mais restrita) através de redes de conexão (numa escala mais ampla)” (Haesbaert, 2004, p. 6788), uma vez que os *apps* são projetados para envio e troca de informações entre pessoas de uma mesma rede sem, contudo, excluir a possibilidade de intercâmbio entre redes. No caso dos aplicativos institucionais, desenvolvidos pelo poder público municipal, para “uso urbano”, os cidadãos que possuem *smartphones* e desejam participar postando informações que alimentam a rede com dados atualizados aos demais conectados, participam de uma rede social sem a necessidade de conhecer os demais usuários. A ligação entre eles dá-se em uma triangulação em movimento que coloca em um mesmo processo *app* - usuário - *apps* - cidade envolvidos pelas redes inalâmblicas. Um esquema possível poderia ser:



Importante frisar que *apps* são aplicações consideradas simples e podem ser baixadas de um servidor. *Google Play*, *App Store* da Apple, por exemplo, grátis ou com um preço baixo, eles estão disponíveis para *smartphones*, com sistemas operacionais *Android* ou *iOS*, e alguns para as *smart TVs*. No *Google Play* encontramos, para download gratuito, os seguintes aplicativos institucionais de *L'Ayuntamiento de Barcelona* (Prefeitura de Barcelona), aqui selecionados pelo critério da valoração dos *apps* a partir dos usuários:

Apps municipals

Al directori d'aplicacions municipals de l'Ajuntament de Barcelona trobaràs APPs d'utilitat al servei del ciutadà sobre temàtiques diverses com la cultura i l'oci, la mobilitat i els transports, la tecnologia, el turisme i altres serveis.

Per a més informació de la presència digital de l'Ajuntament de Barcelona, consulta el web Barcelona ciutat Digital

Filtra per temàtica
Totes les temàtiques

Ordena per
Més valorades

RUTES NOU BARRIS  Google Play App Store 5,0 ★ 3 Aplicació amb rutes a peu geolocalitzades per descobrir el districte de Nou Barris a través dels seus MOSTRAR MÉS	ZOO BARCELONA  Google Play App Store 5,0 ★ 6 L'aplicació del Zoo de Barcelona permet als visitants del Zoo conèixer la seva localització dins el recinte MOSTRAR MÉS	RUTES GRÀCIA  Google Play App Store 5,0 ★ 3 Aplicació amb rutes a peu geolocalitzades per descobrir el districte de Gràcia a través dels seus MOSTRAR MÉS	PALAU SANT JORDI  Google Play App Store 5,0 ★ 2 L'aplicació Palau Sant Jordi proporciona els següents serveis als visitants del Palau Sant Jordi de MOSTRAR MÉS
RUTES LES CORTS  Google Play App Store 4,8 ★ 5 Aplicació amb rutes a peu geolocalitzades per descobrir el MOSTRAR MÉS	MAPA BARCELONA + SOSTENIBLE  Google Play App Store 4,6 ★ 5 Mapa interactiu amb les iniciatives i llocs d'interès amb valor ambiental i MOSTRAR MÉS	RUTES SANT ANDREU  Google Play App Store 4,6 ★ 23 Aplicació amb rutes a peu geolocalitzades per descobrir el MOSTRAR MÉS	RUTES HORTA-GUINARDÓ  Google Play App Store 4,6 ★ 11 Aplicació amb rutes a peu geolocalitzades per descobrir el MOSTRAR MÉS
MOBILE ID - IDENTITAT DIGITAL AL MÒBIL  Google Play App Store 3,0 ★ 253 Identifica't de manera segura i accedeix als serveis i tràmits dels ajuntaments i les entitats adherides. MOSTRAR MÉS	MUSEU DE CULTURES DEL MÓN MCMB  Google Play App Store 2,8 ★ 9 Visita el Museu de Cultures del Món de Barcelona a través de quatre itineraris: un de 90 minuts, un de 45 minuts, un MOSTRAR MÉS	APPARKB  Google Play App Store 2,7 ★ 1297 Aplicació que et permet pagar l'estacionament a les zones blava i verda de forma fàcil i pràctica. MOSTRAR MÉS	LA MERCÈ - FESTA MAJOR DE BARCELONA  Google Play App Store 2,6 ★ 406 En aquesta aplicació trobaràs tota la programació de les festes de la Mercè que se celebren cada any al voltant del MOSTRAR MÉS
ÀREA DUM  Google Play App Store 1,6 ★ 758 Servei de B:SM i l'Ajuntament de Barcelona per estacionar a les àrees de distribució urbana de mercaderies MOSTRAR MÉS	RUTES SANTS-MONTJUÏC  Google Play App Store 1,6 ★ 758 Aplicació amb rutes a peu geolocalitzades per descobrir el districte de Sants-Montjuïc a través dels seus MOSTRAR MÉS	VINCLES BCN  Google Play App Store 1,6 ★ 758 Aplicació per mantenir-nos en contacte amb les nostres persones grans. Permet fer videocrucades, enviar MOSTRAR MÉS	PUNTS D'INTERÈS DE LA CIUTAT  Web App 1,6 ★ 758 Descobreix la ciutat i els seus barris amb aquesta nova aplicació web que mostra els principals punts d'interès de MOSTRAR MÉS

Dos aplicativos, destacamos a Bústia Ciutadana/Buzón Ciudadano (versão Catalã e Versão Castelhana), um aplicativo para o cidadão relatar o que está acontecendo em sua cidade, solicitar providências para algum problema.



Un usuario de Google
14 de julio de 2011
★★★★★
Que bien!!!! Va de lujo en nexus S, la
recomiendo!

 20 de febrero de 2017
★★★★★
Nomès pots enviar una fotografia.
Tampoc pots fer la consulta de l'estat
de les incidències que han creat.

 5 de febrero de 2017
★★★★★
No hay seguimiento de las
incidencias. No te responde nadie.
Una buena idea con una mala gestión.

intuito de “corrigir erros”, entre eles “ler o conteúdo de fotos, multimídia e arquivos armazenados em USB, realizar fotos e vídeos” e as descargas estavam entre 5.000 e 10.000.

Solicitamos na *Oficina d’Atenció Ciutadana*, responsável pelo aplicativo, dados mais detalhados do uso, mas ainda não obtivemos a resposta. Contudo, a leitura dos comentários parece indicar que existe uma preocupação da Prefeitura em responder às questões indicadas pelos cidadãos. É o que também indica o *Mensura de Govern*, o *Pla Barcelona Ciutat Digital*, lançado em outubro de 2016, com o intuito de “ir além da mera construção de *smart city*” e sugere um plano de ação:

Estas Medidas incluem as diretrizes governamentais que sustentam o Plano Municipal de Barcelona Digital, um plano vivo que será moldado e detalhado em seu curso. Este Plano transversal tem como objetivo ser um guarda-chuva que pretende fazer uma política de tecnologia coerente e consistente na cidade, com uma visão que inclui iniciativas e estratégias implementadas em diferentes áreas. Ela é organizada sob os seguintes prismas: Governo, Cidade, Tecido sócio econômico e digital e ecossistema de inovação local, Cidadania (MESURA DE GOVERN... pp. 3-4).

Em termos de políticas públicas para a cidade digital, percebe-se uma transformação nos parâmetros de comunicação urbana. Em 2001, quando dos primeiros passos do projeto de inovação tecnológica 22@BCN, a proposta conceitual da cidade era ser multifuncional, heterogênea e diversa, compacta e densa (SILVA, p. 55). A proposta para 2017-2020 amplia os conceitos para “...uma cidade aberta, equitativa, democrática e circular, que aproveita as oportunidades da inovação com base em dados para melhorar a cidade e a vida dos cidadãos” (*Mensura de Govern*, p. 3). O conceito de circular refere-se à proposta de um modelo urbano sustentável e eficiente, encarando “..os problemas mais urgentes no ambiente urbano: gestão de resíduos, energia, mobilidade, habitação, a luta contra a exclusão social, o emprego e o envelhecimento da população, para garantir uma melhor qualidade de vida e mais equitativa” (*Barcelona Ciutat*

Digital). Tudo isso com base no aperfeiçoamento das tecnologias de uso cidadão.

Estudo feito, em 2016, pela *Fundació Mobile (Mobile World Capital)*, contratada pela prefeitura de Barcelona, vai indicar as Brechas Digitais na cidade. Contudo, antes dos dados, cabe uma rápida explanação no método de análise aqui utilizado.

Mixed Methods

A metodologia utilizada está baseada no Método Misto (*Mixed Methods*) proposto por John Creswell (2007). Entendemos que para trabalhar com dados qualitativos e quantitativos configura-se como uma opção satisfatória para a comunicação, também pelas possibilidades que o enriquecimento qualitativo e quantitativo nos oferecem.

Creswell desenvolve diversas estratégias alternativas e modelos gráficos, a saber: Estratégia explanatória sequencial, Estratégia exploratória sequencial, Estratégia transformadora sequencial, Estratégia de triangulação concomitante, Estratégia aninhada concomitante, Estratégia transformadora concomitante (2007, pp. 211-225). Aqui vamos desenvolver a que nos parece mais satisfatória: a Estratégia Transformadora Concomitante.

Tal estratégia é norteada nos estudos em que objetivos se sobrepõem ao uso dos métodos e ocorre com a coleta dos dados (2007, p. 32):

...a técnica transformadora concomitante é guiada pelo uso que o pesquisador faz de uma perspectiva teórica específica. Essa perspectiva pode ser baseada em ideologias como teoria crítica, reivindicatória, pesquisa participatória ou em uma estrutura conceitual ou teórica. Essa perspectiva é refletida no objetivo ou nas questões de pesquisa do estudo. É a força condutora por trás de todas as escolhas metodológicas, como definição do problema, identificação do projeto e das fontes de dados, análise, interpretação e comunicação de resultados durante todo o processo de pesquisa. A escolha de um modelo concomitante (seja de triangulação, seja de projeto aninhado) é feita para facilitar essa perspectiva. Por

exemplo, o projeto pode ser aninhado para que diversos participantes tenham voz no processo de mudança de uma organização que esteja sendo estudada principalmente de forma quantitativa. Isso pode envolver a triangulação de dados quantitativos e qualitativos para melhor convergir as informações para gerar evidência para uma desigualdade de políticas em uma organização. Assim, o modelo transformador concomitante pode assumir as características de projeto de uma triangulação ou de um método aninhado. Ou seja, os dois tipos de dados são coletados ao mesmo tempo durante uma fase de coleta de dados e podem ter prioridade igual ou desigual. A integração desses dados diferentes ocorre mais frequentemente durante a fase de análise, embora a integração durante a fase de interpretação seja uma variação possível. Como o modelo transformador concomitante compartilha características com as técnicas de triangulação e aninhada, ele também compartilha seus pontos fortes e pontos fracos específicos. No entanto, esse modelo tem a vantagem adicional de posicionar a pesquisa de métodos mistos dentro de uma estrutura transformadora, o que pode torná-la especialmente atraente para aqueles pesquisadores qualitativos ou quantitativos que já usam uma estrutura transformadora para guiar sua investigação.

Assim os dados quantitativos, aqueles que são mensuráveis, dedutíveis e objetivos, estariam relacionados à População, uso dos *apps*, mobilidade, pobreza, participação cidadã e serviços. Os dados qualitativos, ligados aos fenômenos sociais como algo construído, estariam relacionados aos levantamentos das políticas públicas voltadas ao meio ambiente e à cidadania, ao papel da organização de bairros nas decisões políticas e à qualidade dos *apps* de uso público (estas medidas e indicadas pelos usuários). Com isso os estudos atenderiam às três ordens da investigação: a 1ª Ordem, da descrição; 2ª Ordem, da reflexão; e 3ª Ordem, dos processos.

Barcelona Digital em dados

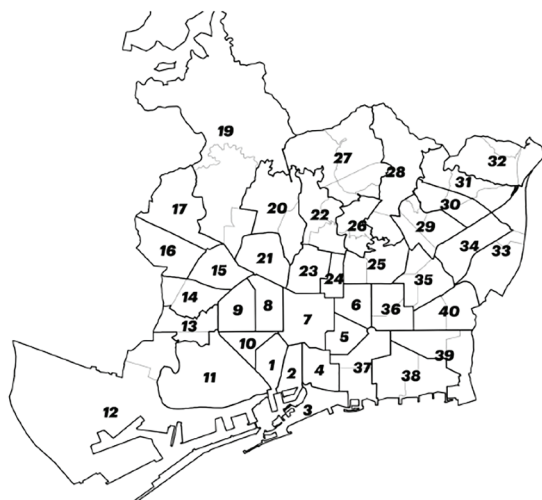
Dado a quantidade de dados no estudo das Brechas digitais

de Barcelona, aquí utilizaremos os levantamentos quantitativos referentes aos bairros e, quando necessário, cruzaremos com outras informações que sejam pertinentes para indicar a Mídia Territorial Resiliente. Assim, o primeiro dado significativo foi no tocante ao uso da internet, considerado para os 40 grandes bairros:

TAULA 3. DETALLE DE GRANDES BARRIOS Y BARRIOS DE LA CIUDAD DE BARCELONA

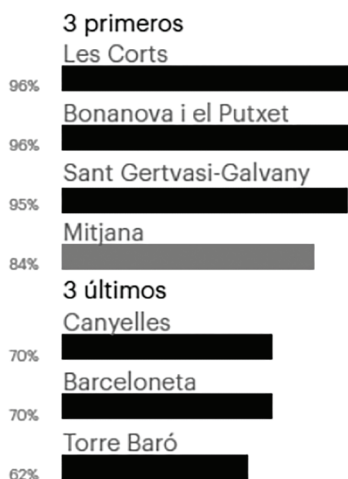
GRAN BARRIO		BARRIO	
1	el Raval	1	el Raval
2	el Barri Gòtic	2	el Barri Gòtic
3	la Barceloneta	3	la Barceloneta
4	Sant Pere, Santa Caterina i la Ribera	4	Sant Pere, Santa Caterina i la Ribera
5	el Fort Pienc	5	el Fort Pienc
6	la Sagrada Família	6	la Sagrada Família
7	la Dreta de l'Eixample	7	la Dreta de l'Eixample
8	l'Antiga Esquerra de l'Eixample	8	l'Antiga Esquerra de l'Eixample
9	la Nova Esquerra de l'Eixample	9	la Nova Esquerra de l'Eixample
10	Sant Antoni	10	Sant Antoni
11	el Poble Sec	11	el Poble Sec
12	la Marina	12	la Marina del Prat Vermell
		13	la Marina de Port
13	la Font de la Guatlla, Hostafrancs i la Bordeta	14	la Font de la Guatlla
		15	Hostafrancs
		16	la Bordeta
14	Sants i Sants-Badal	17	Sants - Badal
		18	Sants
15	les Corts	19	les Corts
16	la Maternitat i Sant Ramon	20	la Maternitat i Sant Ramon
17	Pedralbes	21	Pedralbes
19	Sarrià, les Tres Torres i Vallvidrera	22	Vallvidrera, el Tibidabo i les Planes
		23	Sarrià
		24	les Tres Torres
		25	Sant Gervasi - la Bonanova
20	Sant Gervasi-la Bonanova i el Putxet	27	el Putxet i el Farró
21	Sant Gervasi-Galvany	26	Sant Gervasi - Galvany
22	Vallcarca, el Coll i la Salut	28	Vallcarca i els Penitents
		29	el Coll
		30	la Salut
23	la Vila de Gràcia	31	la Vila de Gràcia
24	el Camp d'en Grassot i Gràcia Nova	32	el Camp d'en Grassot i Gràcia Nova
25	el Guinardó	33	el Baix Guinardó
		35	el Guinardó

26	el Carmel i Can Baró	34	Can Baró
		37	el Carmel
		38	la Teixonera
27	Los Barrios de la Vall d'Hebron	39	Sant Genís dels Agudells
		40	Montbau
		41	la Vall d'Hebron
		42	la Clota
28	Horta i la Font d'en Fargues	36	la Font d'en Fargues
		43	Horta
	GRAN BARRIO		BARRIO
29	Vilapicina, Porta, el Turó de la Peira i Can Peguera	44	Vilapicina i la Torre Llobeta
		45	Porta
		46	el Turó de la Peira
		47	Can Peguera
30	la Guineueta, Verdun i la Prosperitat	48	la Guineueta
		51	Verdun
		52	la Prosperitat
		49	Canyelles
31	Canyelles, les Roquetes i la Trinitat Nova	50	les Roquetes
		53	la Trinitat Nova
32	Torre Baró, Ciutat Meridiana i Vallbona	54	Torre Baró
		55	Ciutat Meridiana
		56	Vallbona
33	la Trinitat Vella, Baró de Viver i el Bon Pastor	57	la Trinitat Vella
		58	Baró de Viver
		59	el Bon Pastor
34	Sant Andreu	60	Sant Andreu
35	la Sagrera, el Congrés i Navas	61	la Sagrera
		62	el Congrés i els Indians
		63	Navas
36	el Clot i el Camp de l'Arpa	64	el Camp de l'Arpa del Clot
		65	el Clot
37	el Parc, la Llacuna i la Vila Olímpica	66	el Parc i la Llacuna del Poblenou
		67	la Vila Olímpica del Poblenou
38	el Poblenou i Diagonal Mar	68	el Poblenou
		69	Diagonal Mar i el Front Marítim del Poblenou
39	el Besòs, el Maresme i Provençals	70	el Besòs i el Maresme
		71	Provençals del Poblenou
40	Sant Martí, la Verneda i la Pau	72	Sant Martí de Provençals
		73	la Verneda i la Pau



O Estudo indica que, com base nos resultados de acesso e uso da internet, existe uma brecha territorial na Cidade Condal, com diferenças no item da conexão em casa, que chegam a 34 pontos: Les Corts, 96%; Torre Baró, 62%. Quando a conexão é feita por meio de *smartphones*, a diferença chega a 40 pontos: Dreta de l'Eixample, 94%; Torre Baró, 55%. As mesmas diferenças foram verificadas no uso de internet entre os grandes bairros, isso em uma cidade em que 9 em 10 barceloneses se conectam diariamente a rede (La Brecha Digital, 2016, p. 18). O estudo também aponta que a brecha digital é mais acentuada nos grupos com mais de 65 anos de idade e que, considerando gênero apenas masculino e feminino (como aconteceu no estudo), não determina acesso e uso visto que 77% de homens e mulheres possuem *smartphones*. Contudo, o uso é diferenciado com os homens acessando mais conteúdos de atividades comerciais e as mulheres as atividades ligadas à saúde. (La Brecha Digital, 2016, p. 17).

Ciudadanos con Internet en el hogar según grandes barrios. Fuente: MWCcapital

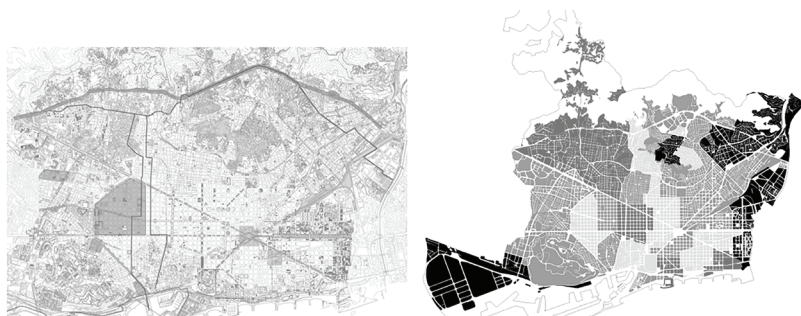


Mas, no item da renda dos bairros, a brecha digital aparece de maneira mais destacada e crítica. Nos bairros de renda mais alta, as pessoas utilizam a internet para encontrar notícias da atualidade, fazer gestões bancarias e compras online, com frequência muito maior que nos bairros de rendas baixas. No que respeita as variáveis, gênero, idade, nível educativo e emprego, nos bairros de baixa renda ocorre uma menor incidência no uso da internet pelas mulheres entre 65 e 74 anos, com baixo nível educativo, donas de casa, domésticas ou desempregadas. Nos bairros de baixa renda, 53% das pessoas de 65 a 74 anos não possuem internet em suas casas, já nos bairros de alta renda, 88% de pessoas com a mesma idade, contam com internet em suas casas.

O nível educativo é considerado pelo estudo como a brecha digital mais importante nos bairros, exceto nos de renda alta, tanto para o acesso quanto para o uso. Os números indicam que em bairros de baixa renda, 94% das pessoas com alto nível educacional têm conexão à internet em casa; esse número cai para 60% das pessoas com baixo nível de escolaridade; em bairros de alta renda 83% das pessoas com baixo nível de educação têm Internet em casa, o número chega a 95% para os de alto nível educacional (LA BRECHA DIGITAL..., 2016, p. 19).

Conclui o estudo:

Finalmente, a ocupação também demonstra ser uma brecha importante em bairros de nível de renda baixa. A exclusão digital é dada, especialmente entre os desempregados, ocupados em tarefas domésticas e aposentados; perfis menos digitais em bairros de baixa renda. Por outro lado, os alunos e ocupados mostram um alto nível de digitalização, independentemente da renda do bairro (La Brecha Digital, 2016, p. 19).



Para finalizar, os dois mapas acima indicam a Distribuição da Renda Familiar pelos bairros de Barcelona, sendo o vermelho (no original) mais forte (renda superior a 140 RDF), e a preta (no original) renda baixa (inferior a 60 RDF), sendo cada RDF equivalente a 100. Ao lado, o Plano, Projetos e Linhas de Trabalho com participação cidadã – Dezembro de 2015. O que se mostra imediatamente ao pesquisador é que as frentes de atuação estão nas áreas de renda média e a linha verde, que corresponde ao eixo Ronda de Dalt (liga uma área pobre e uma rica, assim como as linhas magenta (no original) que correspondem a quarta fase da nova rede de ônibus, a qual também liga o eixo mar – montanha. Assim, tanto as ações oficiais quanto a maior participação dos cidadãos, opinando nos planos e projetos estão relacionados com a renda, de média para alta.

Conclusão

Em virtude da dimensão do artigo, as informações e dados foram reduzidas ao essencial para indicarmos os aportes de

uma discussão maior, do tema da Mídia Territorial Resiliente, na Geografia da Comunicação.

Ainda assim, é possível afirmar que as *smart cities*, e Barcelona em especial, preparam-se para oferecer diferenciais para o mercado investidor, mas também para os cidadãos que ali vivem e convivem com as contradições que os modelos de gestão urbano-comunicacionais prometem e aplicam no cotidiano. Nesse sentido, o estudo acerca da Brecha Digital na cidade não aborda um problema ligado ao turismo e as ofertas de quartos na cidade, em casas e apartamentos das áreas centrais (bairro Gòtic, Raval) e beira mar (Barceloneta) postados no *site* e aplicativo do AirBnB, mesmo com as regras turísticas existentes.

O ponto positivo no universo da conexão e uso é Barcelona estar entre as principais cidades europeias, gerando um volume diário de atividade em rede que evidenciam o grau de penetração digital na cidadania (La Brecha Digital, 2016, p. 28), o que pode favorecer o desenvolvimento da cidadania e ampliação das possibilidades de resiliência dos moradores.

No que respeita à utilização do *Mixed Method* neste trabalho, entendemos que foi possível mostrar como a triangulação entre os dados qualitativos e quantitativos, coletados conforme a pesquisa se desenvolve e ambos com prioridades variáveis dependendo do momento em que as buscas e reflexões ocorrem.

Por fim, a Mídia Territorial Resiliente, enquanto processo sócioecológico e não apenas individual, amplia o papel dos meios, assim a sua responsabilidade na transformação necessária da comunicação urbana para um ambiente integrado de tecnologia/natureza não linear, em que as contradições colocam-se como obrigatórias para que o movimento social possa acontecer e avançar rumo a uma maior distribuição dos benefícios que as *smart cities* podem oferecer.

Analisar as *smart cities* pelo viés da Mídia Territorial Resiliente reforça ainda mais o fato de que não existem modelos prontos, estandardizados para todos os territórios ou cidades. O desafio continua sendo construir uma *smart city* adequada para aquele território e população.

REFERÊNCIAS

AJUNTAMENT DE BARCELONA . Aplicativos. Disponível em < <https://play.google.com/store/apps/developer?id=Ajuntament+de+Barcelona> > Acesso em 02 Jun. 2017.

APPADURAI, A. Soberania sem territorialidade. Notas para uma geografia pós-nacional. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 49, 1989, págs. 33-49. Também disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/363238/mod_resource/content/0/8-Appadurai-notas_para_uma_geografia.pdf > Acesso em 10 de Mai 2017.

BARCELONA CIUTAT DIGITAL. Disponível em < <http://ajuntament.barcelona.cat/estrategiadigital/es> > Acesso em 25 de Maio 2017.

BUSCHBACHER, R A teoria da resiliência e os sistemas socioecológicos: como se preparar para um futuro imprevisível? IPEA, Boletim Regional, Urbano e Ambiental | 09 | Jan.- Jun. 2014.

GUATTARI, F. & ROLNIK. Micropolítica. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2008.

HAESHAERT, R. O Mito da Desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESHAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade in Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, págs. 6774 – 6792.

MESURA DE GOVERN: Transició cap a la sobirania tenològica. Pla Barcelona Ciutat Digital, outubro de 2016. Disponível em <http://ajuntament.barcelona.cat/estrategiadigital/uploads/Pla_Ciutat_Digital_MdGovern.pdf > Acesso em 25 Mai 2017.

LA BRECHA DIGITAL en la ciudad de Barcelona. Disponível

em <www.mobileworldcapital.com/escletxa-digital> Acesso em 25 Mai. 2017.

MOBILE WORLD CAPITAL. Disponível em <http://www.mobileworldcapital.com/escletxa-digital/index_cas.php#8thPage> Acesso em 25 Mai 2017.

SANTOS, M. et. al . O papel da geografia. Um manifesto. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, julho, 2000.

SANTOS, M. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade IN Milton Santos, Encontros. A arte da Entrevista. Organização Maria Angela P. Leite Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SILVA, P. C. & SILVA, N.M.P. .POBLENOU: território @ de Barcelona. Projeto 22@BCN Estudos e considerações. Itu: Ottoni, 2006.



POBLENOU: TERRITORIO @ DE BARCELONA
Proyecto 22 @ - BCN - Estudio y
consideraciones

Paulo Celso da Silva
Neide Maria Pérez da Silva

Agradecimientos

Agradecer es, casi siempre, incurrir en olvidos. Esta búsqueda, con toda su historia, desde el Preproyecto hasta el desembarque en Brasil después de un año en Barcelona, debe mucho a los muchos participantes directos e indirectos.

Agradezco de manera muy especial a Neide, Guilherme y Cássia que creyeron y confiaron en mí para “aventurarse” en un viaje de búsqueda, sin poner obstáculos previos. Cuando llegamos, pues, a Barcelona, extraña para todos, en un primer momento, ya teníamos un lugar para fijar residencia. Ellos fueron esenciales para la buena marcha de los trabajos, viviendo y acompañando el desarrollo y las dificultades; buscando entender Barcelona, Poblenou, el Proyecto 22@. Y a mis padres que estuvieron siempre en la retaguardia en la ciudad Sorocaba.

Agradezco al Prof. Dr. Carles Carreras i Verdaguer que, siempre un *gentleman*, me enseñó mucho acerca de la ciudad y cómo hacer geografía. Él aceptó ser mi tutor en la Universitat de Barcelona para un postdoctorado durante el año de 2001. Recuerdo que esa decisión él la tomó en marzo de 2000 cuando estuvo aquí en Brasil. También a los profesores del Grup d'Estudis Territorials i Urbans – GETU de la Universitat de Barcelona, por la ayuda y simpatía en todos los momentos.

La posibilidad de este trabajo se debe a una beca postdoctoral de la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a la que agradezco también por la eficiencia y atención con que me atendieron en todas las solicitudes, por teléfono y correo electrónico.

En Brasil, debo agradecer al Prof. D. Aldo Vannucchi, Rector Magnífico de la Universidad de Sorocaba (UNISO) por el apoyo incondicional, así como el de la mantenedora, Fundación Don Aguirre la cual agradezco en nombre del Padre Tadeu Rocha Moraes y de la Prof^a. Elenice Yabiku.

A Renato Joaquim Mendes, que fue el puente entre Sorocaba y Barcelona, a fin de que pudiéramos encontrar un sitio en el que vivir y fue, precisamente, en su piso de Castelldefels en el cual fijamos residencia. Así que Renato, su esposa Montserrat y sus hijos Isaura, Aura y Juan Pablo, fueron nuestra familia en España.

Montserrat que, aunque estando embarazada, en aquel momento de Aura, que nació en junio de 2001, me acompañaba por las calles de Barcelona, buscando archivos, bibliotecas y documentos. A la Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Amorim Soares y al Prof. Armando Oliveira Lima, que fueron personas importantes las que eché de menos, sea para mostrar un paisaje, comentar algún descubrimiento o aprender con ellos los caminos.

A la Prof^a. Dr^a. Amália Inês Geraiges de Lemos que estuvo en Barcelona y, siempre optimista, me proporcionó momentos agradables y llenos de esperanza. Nuestro agradecimiento y cariño a Claudia y a Hanz Thielemann, que gentilmente nos enviaban mensualmente noticias de los principales periódicos de Brasil, debidamente comentados, facilitando mucho nuestra experiencia española. A mi amigo Reginaldo Gabriel que, con su buen humor y sabiduría, me apuntaba caminos cuando las situaciones parecían ser muy complicadas. También al Prof. Acassil José de Oliveira por la ayuda, necesaria, cuando estábamos comenzando la carrera universitaria.

Dejamos amigos en la Ciudad Condal; amigos merecedores de todo el respeto y la admiración por el sentido de humanidad y compañerismo. Arturo “TUDO” Blasco, Maribel, Lara y Alba, hijas de la pareja, hicieron con que ese año fuera inolvidable y trajera siempre muchas añoranzas, momentos alegres, divertidos y llenos de arte. Gema, nuestra profesora de castellano, catalán, historia de España etc., etc.; y su marido Jean, experto en vivir fuera de su país, ayudaron a mí y a mi familia a entender lo que se pasaba en nuestras cabezas.

El Ajuntament de Barcelona, a través de Vlademir de Semir y su equipo, por la paciencia y apoyo en la investigación a través

del sector de su calificación, el Reg. Ciutat del Coneixement, que trajo al trabajo datos oficiales y de interés general.

A los habitantes del Poblenou agradecemos en la persona de Antoni Oliva, del Instituto Catalán de Tecnología, por todo el apoyo y entusiasmo con la búsqueda, suministrando documentos de gran relevancia, además del testimonio de muchos. Las personas del Arxiu Históric del Poblenou y de la Llibre Etcétera, siempre disponibles para mis cuestiones, dudas y de libros sobre el barrio, que están fuera de catálogo y que nos regalaron.

En “nuestro pueblo”, Castelldefels, agradecemos las oportunidades que nos ofrecieron para participar de la vida local, del contacto humano y agradable de la gente.

Agradecimiento muy especial

Al Profesor Doctor Carles Carreras i Verdaguer por haber creído en mí y en la posibilidad de hacer un camino distinto en la construcción de la geografía.

Dedico este trabajo al Prof. Dr. Milton Santos, por su estudio en favor de una geografía más humana y, siempre pionero, por haber abierto la posibilidad de que otras generaciones puedan investigar junto a la Universitat de Barcelona.

Presentación

El 22@BCN es una obra que nos hace percibir como el simple placer de la observación y la perspicacia incondicional se transforman en piezas preciosas en el cotidiano de un pueblo en transformación. La comprensión de un proceso de transformación y la proyección para un futuro atemporal relativos a la calidad de vida, situación relativa e infraestructura, serán los cimientos para el acceso a los nuevos rumbos de conducta y para la elección de nuevos modos de vida, de toda una comunidad. Las intervenciones perspicaces, moderadas o radicales contribuyen casi que en la misma proporción, para las transformaciones dotadas de real importancia para el cotidiano de una población.

Aquellos que creen, entienden y perciben los grandes momentos de esta nuestra tan efímera historia, dejan para aquellos que, tal vez, nunca vengan a poseer esta conciencia, un legado de preguntas y propuestas que son descubrimientos aleatoriamente en un universo de endoso y de conformación.

Diseñar la apertura para la interferencia del proceso de la comunicación e información, definir modelos de estudios de organizaciones y optar por indicadores de transformación cultural y tecnológica de personas, llevó la construcción de esta obra bastante compleja.

Por opción vocacional de sus autores, 22@BCN captó momentos de definición de rumbos y de transformación de un pueblo, teniendo como foco la intersección entre “Territorio Informacional” y Ciudad “del Conocimiento”. El instrumento utilizado para la comprensión del término “tecnología de la información y comunicación” fue el Estudi Ciutat Digital – ECD.

La descripción minuciosa sobre El Poblenou y El Eixample detalla las necesidades, prioridades y actitudes para el desarrollo de una urbanización estratégicamente organizada.

El análisis de la internacionalización de Barcelona, promovida para acoger los Juegos Olímpicos de 1992, la utilización ECD para tratar y examinar la Ciudad “Mediterránea Compacta” y la observación crítica sobre “Objetivos y Propuestas Jurídico-Urbanísticas”, hacen con que los autores nos conduzcan a la comprensión sobre el área 22@.

El direccionamiento de la educación formado por la informacionalidad, enfocado en la inversión de la formación de masas críticas, en la cultura informacional y en el espíritu emprendedor es, en este contexto, el principal factor conductor para la construcción de la Ciudad del Conocimiento, para la cual las personas podrán ser atraídas en un futuro no atemporal.

Marli Gerenutti

INTRODUCCIÓN

Cuenta la leyenda que Cataluña surge en el año 732, cuando el rey de Francia, Carles Martell, para proteger sus tierras de la expansión musulmana, organiza una expedición de ataque al sur de los Pirineos para crear una ‘Marca’, un territorio independiente, sin embargo, leal al rey y que sirviera de barrera a los invasores.

El noble escogido para esa hazaña fue Otger Cataló. Guerrero fuerte, combatía cubierto por una piel de león y usando armas que otros no conseguirían. Los Nou Barons de la Fama marcharon con Otger para comenzar la reconquista de los territorios. Pero, el líder no sobrevive para ver el nacimiento de la Marca Hispánica, muere cuando el Barcino Romano está por conquistar. Otro noble, Dapifer de Montcada es quien finalmente establece la Marca. En homenaje al guerrero que lideró la conquista, el rey de Francia nombra la marca con el nombre de Catalunya. Esa y otras leyendas de Cataluña presentan la lucha histórica de un pueblo para garantizar su lugar en España.

Sin embargo, no es necesario reconstruir toda historia de Cataluña o, más específicamente, de la ciudad de Barcelona. Como su gran guerrero Cataló, Barcelona tendrá en su itinerario avances y retrocesos en la búsqueda de la internacionalización soñada. Uno de esos momentos es el de la industrialización. Pionera en España en la fabricación de tejidos, tendrá que superar el primer obstáculo: la falta de materia prima nativa, el algodón. Importado de Egipto y de los EUA, será aprovechado en las muchas fábricas de la ciudad. Tal proceso conoció varios momentos técnicos y sociales, de la artesanía a la industria capitalista, insistimos, con avances y retrocesos, marcando especialmente Barcelona, aún con sus murallas y el poblado de Sant Martí. Reduciendo un poco más nuestro foco, marcando el barrio del Poblenou, donde está nuestro objeto de estudio.

También con muchas historias, el barrio del Poblenou, inicialmente delimitado al sur de Sant Martí, tendría su comienzo en la Plaça de Prim. La literatura y la producción científica sobre la historia del Poblenou remiten siempre el paisaje natural que:

“L’espai que avui ocupa el barri barceloní del Poblenou fou durant molt segles una zona humida i pantanosa...Tòpònims con la Llacuna, el Joncar, la Granota el Prat de les Fiebres recorden prou bé les característiques de l’indret.”¹

Eso hasta el siglo XVIII cuando comienza la privatización de las tierras y, en la mitad de ese siglo, aparecen las primeras fábricas de indianes (tejidos de algodón estampados). El siglo XIX marca la revolución industrial con la sustitución del proceso de producción a través del vapor siendo Achon i Ricart la fábrica pionera en la década de 1830, dentro de las murallas de Barcelona. Es a partir de ese momento que, por vez primera, el nombre Pueblo Nuevo comienza a designar el núcleo humano al sur de Sant Martí. Con el crecimiento, en 1851, el Ayuntamiento de Sant Martí requiere la separación de Barcelona que, conseguida en 1870, dura sólo seis meses. En 1897 pasa definitivamente a ser más un barrio de Barcelona. Poblenou contaba entonces con ocho barrios diversificados: Llacuna, Taulat, Plata, Trullàs, França Xica, del Darrerera el Cementiri, Pequín y Somorrostro.

Cien años después, en 1997, vamos a encontrar el barrio industrial transformado. Las industrias textiles, metalúrgicas y otras que habían hecho la Manchester Catalana, o se mudaron para áreas y polos industriales determinados por el Ayuntamiento de Barcelona (Zona Franca, El Prat Llobregat, por ejemplo) o cerraron, interrumpiendo actividades tradicionales, como la textil, motivadas por el nuevo contexto nacional e internacional de la economía capitalista. La marca en el paisaje continúa. Los antiguos edificios industriales son ocupados por pequeños talleres, transportistas, otros son abandonados y se deterioran. En julio de 1998 el ayuntamiento de Barcelona presenta, a la exposición pública, el documento *Criteris, objectius i solucions generals de planejament de la renovació de les àrees industrials del Poble Nou*². Era el inicio de grandes modificacio-

1 El espacio que hoy ocupa el barri barcelonés del Poblenou fue durante muchos siglos una zona húmeda y pantanosa... Nombres como la Laguna, el Junco o el Prado de las Fiebras recuerdan muy bien las características del lugar. Los nombres de los lugares sólo fueron traducidos para facilitar la comprensión de lo que está siendo informado por el texto catalán.

2 Criterios, objetivos y soluciones generales de planificación de la renovación de las áreas industriales del Poblenou.

nes urbanas en el local. Modificaciones conectadas a un “nuevo concepto” para pensar y hacer la ciudad: las tecnologías de información y comunicación (TIC).

El proyecto barcelonés será denominado Poblenou – distrito de actividades 22@BCN. Entendiendo que aquella área industrial sería el mejor local para la implantación de alta tecnología, aprovechando, mejorando y/o transformando los inmuebles industriales ya existentes, pues en el Plan General Metropolitano de Barcelona de 1976, el barrio había sido considerado área de actividades industriales o 22a (su llave en el PGMB). Eso implicaba, entre otras cosas, la imposibilidad de la construcción de nuevas viviendas en el lugar y aún tornaba ilegal parte de las viviendas existentes.

De junio de 1998 a marzo de 2001 el proyecto fue alterado y modificado, siendo aprobado provisoriamente en septiembre de 2000. En marzo de 2001 se presentaban dos proyectos y en junio ocho más, para la efectivación del 22@BCN. Ese panorama presentado, de escalas tan diferentes, no finaliza el trabajo para el entendimiento de Barcelona. Al contrario, ahora comienza la búsqueda sobre un decantado “nuevo momento”. Cabe entender los procesos que actuaron y actúan sobre la ciudad. La delimitación en un barrio, el

Poblenou, sigue el Proyecto del Ayuntamiento de Barcelona, sin embargo, no es posible quedar sólo en el presente temporal y ni en el espacio demarcado. Hace falta superarlos como barreras impuestas por el visible concreto, caminando para el no aparente y abstracto que posibilite la comprensión propuesta. Para tanto, entendemos que sea necesario un primer momento descriptivo, marcando y demarcando la temporalidad y la espacialidad que componen las transformaciones del barrio. De ese momento descriptivo pasamos para la Barcelona industrial y postindustrial con el Proyecto 22@BCN y las conclusiones, analizadas a partir de los conceptos de territorio informacional y Ciudad del Conocimiento.

Teóricamente, los dos estudios serán analizados a partir del concepto de Territorio Informacional que está íntimamente conectado al de Ciudad del Conocimiento, pues entendemos que el primero es como el punto de partida para la concreción del segundo. Así, se parte de lo concreto, o sea, de dos momen-

tos legales, donde la vida en la ciudad comienza a tomar nuevos rumbos en sus aspectos socio – económicos, urbanísticos e incluso cotidianos para una reflexión, a partir de la geografía, sobre la posibilidad del proyecto barcelonés como “paradigma industrial”.

Para finalizar, esperamos que este estudio no retome la leyenda d’El Botxí de Barcelona que, siendo el verdugo de la ciudad, creó una discusión entre los miembros del Consell de Cent, se debería vivir fuera o dentro de las murallas de la ciudad. Del debate sin consenso, alguien encuentra la solución colocando su vivienda en la propia muralla y así, el verdugo no viviría ni dentro y ni fuera de la ciudad.

EL POBLENOU

Preguntando a unos y a otros averiguó que la dirección que Delfina le había dado, estaba en el Pueblo Nuevo, relativamente cerca de Barcelona. Un tranvía de mulas hacía el trayecto, pero costaba 20 céntimos y como Onofre Bouvilano los tenía, hubo que caminar siguiendo los rieles. La calle Musgo era una vía tétrica y solitaria, adosada a la tapia de un cementerio civil destinado a los suicidas.

*MENDOZA, Eduardo – La ciudad de los prodigios.
Barcelona: El Mundo, 2001, p.30*

Las primeras noticias utilizando el nombre ‘Pueblo Nuevo’, en los periódicos barceloneses, son de las décadas de 1840 -1850, sin embargo ya desde el siglo XVIII el núcleo habitacional al sur de Sant Martí de Provençals ya tiene sus tierras legalizadas para venta, por lo tanto, no era de todo desconocido. Con el crecimiento de la ciudad de Barcelona llegando a los 130.000 habitantes, a finales del siglo XVIII, aquellos que no conseguían un lugar dentro de las murallas de la ciudad, seguían para los suburbios rurales alrededor: Sants, Sant Andreu de Palomar o Sant Martí de Provençals. También en el siglo XVIII serán instaladas las primeras manifestaciones fabriles al sur de Sant Martí, que eran las productoras de indianes, un tejido de algodón con impresión colorida de motivos diversos con gran aceptación del público consumidor, probablemente también por el bajo coste

final.

Esas instalaciones grandes, pero precarias, son la génesis de la industrialización en el Poblenou, por lo tanto, necesarias para gestar un proceso, históricamente corto, de formación y desarrollo de la mano de obra, del mercado consumidor de productos industrializados y de una nueva clase para comandar la economía, la burguesía. Las grandes fábricas del siglo XIX tendrán en su comando ese personaje creado en una sociedad en transformación, una sociedad que sale del mundo medieval para el mundo moderno. Las fábricas marcan el paisaje con su gigantismo arquitectónico, pero es en el interior que el proceso social se está dando. Aunque, la separación del trabajador de su vivienda, la necesaria “separación” entre trabajar y vivir, creando así el sentido del trabajo, o sea, producción a ser alcanzada y horario a cumplir intercambiado por un salario estipulado anteriormente, tiene en el edificio industrial en sí, un factor importante. Es la ciudad, el barrio cumpliendo su papel en la segregación que se vuelve a la acumulación capitalista.

En 1859 la caída de las murallas de Barcelona se constituye en un factor importante para el crecimiento de la ciudad. En el pasado, el Ajuntament de Sant Martí de Provençals había solicitado su emancipación de Barcelona, hecho político que no se consolida antes de 1870 y, aún así, por sólo seis meses. En 1897, el poblamiento es definitivamente agregado a Barcelona. La ciudad oficializa un área industrial importante para su proyecto de internacionalización.

El poblamiento iniciado en la Plaça Prim y que tuvo en el Carrer Taulat su eje de crecimiento, va a aumentar su población que en 1860 era de 815 habitantes y Sant Martí 9.333 habitantes. Barcelona en 1881 cuenta con 455.000 habitantes. En ese momento el Poblenou era formado por ocho barrios: Llacuna, Taulat, Plata, Trullàs, França Xica, Darrera el Cementiri, Pequín y Somorrostro. Los dos últimos ligados a la inmigración de las Filipinas en 1870 y la inmigración provocada por las construcciones de los edificios de la I Exposición Universal, de 1888. Dos barrios pobres, siendo el de Somorrostro un barrio marítimo de barracas situado entre “...Barceloneta, el mar, los tanques del Hospital d’Infecciosos y de la fábrica de Gas de l’Arenal y al Bogatell. Va a existir entre una fecha incierta del último cuarto

del siglo XIX hasta el sábado 25 de junio de 1966”, cuando el dictador Francisco Franco debería presidir maniobras militares en el lugar. El total son de 600 barracas derrumbadas. En los últimos treinta años del siglo XIX el número de fábricas aumentó. El destaque queda por cuenta del sector textil con Can Araño, Can Saladrigas, Escocesa, Canem, Torelló, Can Jances, Muntadas, Casas i Jover, Can Forasté, Juncadella Ferrer i Vidal. También en el sector metalúrgico se destacan Can Girona y Can Torras i Riviere. La lista de sectores industriales aún incluye el químico, alimentación, aguardiente, chocolate, gas, fariñeras, tenería, jabón, ladrillos, pequeñas y medios talleres y fábricas.

Es importante decir que es de 1848 la primera línea férrea española conectando Barcelona a Mataró y pasando por las playas del Poblenou. De esa manera, el barrio quedó aislado en su extremo, principalmente después de la inauguración de la Estación de Francia y la línea Granollers. Los varios pasajes de nivel atestiguan el hecho. En el carrer La Jonquera quedaba el pasaje de nivel para la playa de Mar Bella, siendo el único acceso para alcanzar esa playa. La estación ferroviaria del Poblenou fue construida en 1886 y, aún así, para servir la metalúrgica Can Girona, de ahí que, fue construida, no en el área central del barrio, sino al extremo, donde hoy está la torre d'agua en la Plaça de Ramon Calsina. El transporte para el barrio, ofrecido a partir de 1874, era el tranvía de caballos, del puerto al Poblenou por el Passeig del Cementeri. En 1880 la línea expande conectando Poblenou al Clot.

De un lado industrias, transporte ferroviario y tranvía, maquinaria, agua en buena cantidad, el vapor, marcando una segunda revolución industrial, cien años después de la primera, en 1735. Del otro lado, el capital. Representado por muchos sectores económicos, en el Poblenou es el industrial el más importante. Más importante para los habitantes y trabajadores de los varios segmentos, pues en ese momento fábrica y empresario están metamorfoseados en un solo: Can Girona, Can L'Aranyó, Can Felipa, José Canela y Hijos, Juan Ribas y Cia (Palo Alto hoy), Can Ricart. Todos teniendo, como nombre fantasía, el nombre del industrial fundador y propietario. Durante un periodo, el industrial capitalista dividirá el barrio con los obreros, sin embargo, eso no representó una “mezcla social”. A los pro-

pietarios cabían las mejores edificaciones y una relación con sus pares en fiestas religiosas o sólo misas, fiestas familiares y otros encuentros sociales.

Decíamos que la fábrica trajo una nueva situación, la separación casa-trabajo. El hecho del propietario vivir, inicialmente, en el barrio no altera el aprendizaje por el cual todos los actores pasaron. También tener una casa dentro del recinto de la fábrica no era raro en Barcelona, es el caso de la Editorial Salvat que, en 1916, construyó su complejo editorial en el Eixample, teniendo su residencia con entrada independiente y jardín.

También los trabajadores vivían cerca de la fábrica, en casas de la propia empresa o edificadas en terrenos adquiridos de agricultores y campesinos. Con el crecimiento del barrio, casas y fábricas dividen los espacios. Antes de ser un problema, las altas torres, la polución y el ruido son símbolos de la modernidad urbana e industrial en todo el mundo y modelo para aquellos lugares que aún no se industrializaron. El siglo XIX es el de Manchester Catalana. Apodo conocido en muchos lugares que, adjetivando el nombre Manchester, aluden a la importancia de la ciudad industrial inglesa, para su realidad. De ese modo, barrios y hasta ciudades se “enorgullecerán” del hecho, es el caso del barrio Poblenou, Manchester Catalana; y la ciudad de Sorocaba como Manchester Paulista (Brasil), por ejemplo.

Vivir cerca de la fábrica no altera la situación de los trabajadores en el plano socio-económico, estos continúan sujetos, cada vez más, al capital para su supervivencia y la de sus familiares. Cuando los propietarios se mudan para áreas más “adecuadas a la su condición social”, vivir en el barrio obrero pasa a ser sinónimo de pobreza. La separación espacial entre áreas de prestigio para los propietarios y áreas de empleados, segrega aún más los trabajadores y altera el valor del suelo urbano. Las mejoras y equipamientos urbanos en el barrio estaban relacionados al mantenimiento de la fuerza de trabajo, así es que en 1886 un eje importante para las relaciones sociales y comerciales del Poblenou es pavimentado, la Rambla Poblenou.

En el año siguiente serán construidos los mercados de La Unió y Del Clot, la red de clavegueres es de 1876, las instalaciones de baño marítimas de 1886. Las cooperativas L'Artesana, 1876, La Flor de Maig, 1897 y Pau i Justícia, 1895, son ejemplos

del cooperativismo en el barrio y servían para organizar los trabajadores, ofrecer productos básicos más baratos y auxiliarlos en momentos de crisis.

En el comercio y servicios entre los años de 1870 y 1898 tenemos aún, entre otros:

Restaurant Hermanos Gómez – 1897
La Pubilla del Taulat – 1886 (restaurante)
Bar La Riba – 1880
Colmado Masjuan – 1889 (Botiga)
La Violeta – 1895 (Botiga)
Farmacia Almirall – 1861
Farmacia Audet – 1897
Farmacia Tarré Saforcada – 1888
Balius – 1870 (Ferretería)
Coral – 1860 (Ferretería)
Forn Cal Mingo - 1880 (Panadería)
Pâtisserie Ticó – 1898
Calçats Villarroya – 1870
Instal·lacions Ubach – 1898 (Fontanería y Electricidad)

El número de tabernas que en 1869 era de 99 sube para 149 en 1884; lo mismo ocurre con los cafés que de 16 en 1877 suman 39 en 1884. Evidente que el barrio sigue creciendo en población, servicios y comercio, fábricas, sin embargo, en 1907 tendremos inicio de las obras del Pla Cerdá, oficializado desde 1860. La caída de las murallas y el Pla Cerdá posibilitaron una nueva Barcelona, con consecuencias directas en todos los lugares que estaban fuera de las murallas, como es el caso del distrito de Sant Martí de Provençals.

EL EIXAMPLE³

Ildefons Cerdá i Sunyer (1815-1876) era ingeniero formado en Madrid y formaba parte de la burguesía catalana, sin embargo, progresista y liberal, presentará un proyecto de planificación

³ Para presentar el Eixample, utilizaremos las indicaciones de CARRERAS, Carles – Geografía Urbana de Barcelona – Espai mediterrani, temps europeu. Oikos tau: Barcelona, 1993

urbana muy innovador con el objetivo de hacer de Barcelona una ciudad racional y higiénica. Aprobado en 1860, el Pla Cerdà “(...) afectaba una superficie que era set vegades més grand que la Barcelona d’aleshores i previa transformacions que en el coneixia, pel fet que la revolució tècnica del m’n urbà tot just havia començat... **La trama de Cerdà eres encara avui con una illa de racionalitat i funcionalitat dintre del conjunt de la ciutat**”⁴. Realmente el Pla Cerdà era, para la época, muy avanzado y proyectaba una manera de vivir la ciudad diferente de aquella conocida, hasta entonces, con murallas.

El ingeniero catalán va a forjar el concepto de urbanización con dos sentidos. El primero como un conjunto de acciones para ordenar las ciudades y el otro como un conjunto de principios, de doctrinas y reglas necesarias, por lo tanto, la racionalidad ofreciendo la base para el hacer urbano. De esa necesaria racionalidad, la ciudad en expansión será dividida por vías anchas y intervías, que hacen la ligación entre ellas. La ciudad será compuesta de un núcleo, suburbios de diferentes tipos (viarios, industriales, de crecimiento) formando una región, que es el campo de acción de la ciudad. Eso implica un diseño cuadricular muy homogéneo, a primera vista, y que “engulle” la antigua área amurallada. Aunque en esa parte existente, estuvieran previstos cambios también. Las vías “formaban una X” en la Plaça Glòries Catalanes, con “un corte” al medio, hecho por la Gran Vía de Les Corts Catalanes. Las cuadrículas formaban áreas habitadas y áreas libres de modo que las críticas no faltaron al plan, por la monotonía del paisaje y por la pérdida de espacios: las intervías tenían 100x100 metros, con calles de 20 metros.

Como se ve, Cerdà no era un visionario o un soñador, sino un representante de la intelectualidad de su época. Su plan daba cuenta de los símbolos de la modernidad y del progreso de entonces, o sea, la velocidad, la racionalidad y funcionalismo, la máquina. El diseño del plan obedece a la racionalidad

⁴ Afectaba una superficie siete veces mayor que Barcelona antigua y preveía transformaciones que no conocía, por el hecho de que la revolución técnica del medio urbano solamente había comenzado... La trama de Cerdà es aún hoy como una isla de racionalidad y funcionalidad dentro del conjunto de la ciudad. p. 145. El destaque en negrita es nuestro.

dividiendo el Eixample en áreas distinguidas para habitaciones, parques, jardines, iglesias y mercados, todo direccionado para la satisfacción de las necesidades de las personas. La velocidad fue contemplada por las vías y intervías que facilitarían la comunicación rápida dentro de la ciudad y de esta con otras, eso se conectaba a otro símbolo: la máquina.

El plan preveía la continuidad y expansión de la ferrovía (como ya fue dicho, la primera línea férrea es de 1848 conectando Barcelona a Mataró) que debería atravesar toda ciudad. Por extensión, facilitará la circulación de los futuros vehículos a motor del final del siglo XIX, impulsados por pioneros como la marca inglesa Morris: el automóvil. Sin embargo, es el propio Cerdá, en 1863, quien hará las primeras alteraciones en el plan original, aumentando el área de edificaciones y en 1870, en la parte izquierda del Eixample, será construida la fábrica Batlló que después sería rodeada por otras empresas. También Sant Martí de Provençals será alcanzado por las cuadrículas del Pla Cerdá, sin embargo las industrias en el Poblenou construyeron muchos pasajes, sesenta en total, que alteraron la ocupación prevista por el ingeniero, aumentando la concentración de personas.

Del plan original y después de las modificaciones del propio Cerdá y otras autorizadas, sobraba aún hoy el Hospital de la Santa Creu i de Sant Pau (el más antiguo de España). Ocurre que a partir de 1997 se inicia el proyecto para modernización del hospital y el 12 de diciembre de 2000 es colocada la primera piedra del nuevo edificio en la Ronda del Guinardá, con un total de 80.000m². De esa manera, del Pla Cerdá original sobraron las cuadrículas – aunque modificadas – llaman la atención de quien pasea por la ciudad, principalmente caminando. Sobró una forma que fue revolucionaria, ya que no había nada conocido comprendiendo un área tan grande. Cerdá propuso mucho más que una forma, como ya dijimos, es un proyecto de vida libre de las murallas, que impedían el desarrollo de la ciudad, de las personas y de la economía. Aún, Cerdá responde a las inquietudes de su época mezclando, en el mismo plan teórico del proyecto, idealizaciones socialistas, como la ayuda mutua que creía ser posible en la ciudad o la designación, en 1855, de Avinguda Icària para el recorrido abierto en 1839 del Cementeri

del Poblenou hasta el Parc Ciutadella, con las presiones de una sociedad española, entonces periférica en el capitalismo de la época, con la hegemonía inglesa y la primera crisis capitalista: el crash de la Bolsa de Viena, en 1873. El ingeniero precisa, no reformar, pero crear una ciudad a la altura de su época en ebullición.

Otro hecho, con reflejos en la ciudad, es la I Exposición Universal de 1888. Carreras distingue tres niveles de peso de ese evento, son ellos (p.91):

Nivel urbano – por la urbanización de la Ciutadella.

Nivel nacional – afirma la capacidad económica y organizativa de Barcelona.

Nivel internacional – supone la primera salida a escena de la ciudad, que desde entonces ha intentado mantener el papel, intercambiando el guía y las decoraciones, conforme las diferentes coyunturas.

De hecho, la I Exposición Universal va a mover la ciudad, atraer una onda de inmigrantes para la construcción de los pabellones de la exposición, invertir una importante suma de dinero y contraer muchas deudas. Parte de los trabajadores crearán uno de los barrios conectados al Poblenou, el Somorrostro, que como ya dijimos, termina en 1966 con la visita del dictador Franco al local. Hoy lo que era el Somorrostro es la Platja Nueva Icària con su Passeig Marítim, Port Olímpic, Passeig Marítim Nueva Icària y Passeig Marítim Bogatell. El primer tramo del Passeig Marítim, inaugurado en febrero de 1959, paraba exactamente donde estaba el Somorrostro.

Sin embargo, observando el crecimiento urbano de Barcelona, vemos que en 1900 poco había aumentado de la Ciudad Condal, con la anexión del distrito de 1897. Eso puede ser explicado, de un lado por la propia dimensión del proyecto, además de las posibilidades económicas de Barcelona y de la prisa que la aprobación puede sugerir ya que, dependía también de desapropiación y negociaciones políticas ni siempre rápidas. Además, otras inversiones hechas por los gobernantes, visando la internacionalización de la ciudad, como por ejemplo la I Exposición Universal. Debemos aún recordar que la indus-

trialización se hacía en un proceso, ora liberal, ora proteccionista, lo que también envuelve inversiones gubernamentales. Veinticinco años después de la entrada del siglo XX, la ciudad prácticamente había doblado y ya era visible la ampliación de la Gran Vía, la Diagonal cortando el Eixample y el Passeig Sant Joan cruzando la Gran Vía en la Plaça Tetuan (conectando la Ciutadella al Eixample).

También la ligación del Distrito de Sant Martí con Barcelona estaba concluida en 1925. En los próximos veinticinco años, el crecimiento de Barcelona continuará rumbo a la metropolización que, en 1957, ya está completa. Barcelona presenta, en ese periodo:

Centro degradado,
Barrios residenciales y comerciantes desahogados,
Periferia sub. urbanizada y creciente,
Área metropolitana definida y, al mismo tiempo, inexistente jurídicamente (p.99)

El crecimiento demográfico de Barcelona en la década de 1950 – 1960, quedaba entre el 1% y el 2,5% mientras su área metropolitana (otros 25 municipios) presentaba del 10 al 15% en Cornellà de Llobregat y la mayoría de las áreas entre el 2,5% al 10%. En la década siguiente, 1960-1970, mientras la ciudad de Barcelona mantenía los mismos índices, en la región metropolitana aumentaba el crecimiento poblacional, llegando nueve municipios al 10% al 15%, Cerdanyola del Valles, Ripollet, Santa Coloma de Gramenet, Cornellà de Llobregat, Sant Joan Despí, Sant Boi de Llobregat, Viladecans, Castelldefels y Sant Vicenç dels Horts, mientras los demás quedaban entre el 2,5% al 10%.

En 1960, otra importante alteración ocurrió, la aprobación de la Carta Municipal o Ley de Régimen Especial del Municipio. Eso permitió intensificar la salida de las industrias de la ciudad de Barcelona para otra periferia y la recalifica para implementar el sector terciario y ampliar las funciones residenciales (p. 100). El hecho ayuda a explicar el aumento poblacional en algunos municipios del área metropolitana, al mismo tiempo que el “abandono” de las áreas tradicionales, como el Poblenou.

La década del 70 fue crucial para la industria tradicional en la ciudad de Barcelona y en España en general. El Pla General Metropolità de Barcelona de 1976 distribuyó el suelo urbano en zonas, clasificando las industrias y similares conforme los efectos nocivos para la salud – la salubridad y el incómodo al medio ambiente del entorno donde están situadas. El artículo 348 de las Normas Urbanísticas (NU PGM) define como área industrial:

“...es calificado de zona industrial el suelo destinado a localización de industrias y almacenes (depósitos) que por la naturaleza de la actividad o de los materiales o productos que traten, o de los elementos técnicos empleados, no generen situaciones de riesgo para la salubridad o la seguridad o no siguen susceptibles de medidas correctivas que eliminen todo riesgo a la salud y la seguridad, tanto personal como ambiental, o de degradación del medio ambiente.”

Definido el suelo para la zona industrial, también la divide en 6 categorías, basada en la utilización de KWS y 6 situaciones, conforme su localización. Esas dos divisiones están conectadas a la clasificación de las industrias arriba citadas e implican el permiso de las industrias en 7 zonas. Además del Pla General Metropolità de Barcelona, la industria tradicional se adentra en la crisis general de sector, que ya se anunciaba al mundo desde el final de la década del 60, y se agrava con “la crisis del petróleo” de 1973 y, en 1978 “la quiebra de la industria tradicional creaba desempleo, frenaba los crecimientos de las rentas y nublabla el horizonte económico de los ciudadanos. La bancarrota de la industria se presentó, pues, de manera general: el sector textil retrocedía en toda Cataluña, la SEAT bajaba la producción sin parar, la línea blanca de electrodomésticos casi desapareció” (CARRERAS, 1993:103).

Cataluña, juntamente al País Vasco, que en 1950 ya eran regiones totalmente industrializadas, diferenciándose del resto de España, ahora necesitaban buscar otros caminos para la crisis instalada. Es importante destacar también que la tecnología de la información estaba en pleno desarrollo en la década del 70, con importantes inventos en la microelectrónica, el desarrollo de softwares y hardwares, menores y más rápidos, principalmente en los EE.UU.. Ese hecho, aparentemente, sin ligación con la crisis mundial de la década del 70 será, a corto plazo, un

de los ingredientes para la reestructuración de las economías y de las ciudades, como veremos más adelante.

Retomando Pla General Metropolità de Barcelona y la situación de la industria barcelonesa, la redefinición de las áreas industriales va a posibilitar el desplazamiento de las empresas, una posterior “especialización” y un proceso de desindustrialización de la ciudad entre las décadas de 1980 y 1990, más específicamente entre 1986 -1995, que puede ser destacada para las siguientes áreas:

Energía – Sant Adrià del Besòs

Extracción Mineral – Gavà, Montcada y Reixach

Química – Rubí, El Prat, Martorell

Maquinaria – Rubí, Barberà

Material de Transporte – Martorell, El Prat

Alimentación – Vilafranca, S. J. Despí, Martorell, Granollers

Textil – Mataró, Terrassa, Sabadell

Fusta – L’ Hospitalet

Artes Gráficas – Esplugues, Sant Adrià

Plástico – Cerdanyola, Montcada, Cornellà, Barberà

Transporte – El Prat

Educación – Cerdanyola, Sant Cugat

Salud – Hospitalet, San Cugat.

La ciudad de Barcelona, en ese período, presenta elevados índices en los sectores de prestación de servicios, seguridad, comunicación, administración pública, material de transporte, salud, comercio, hostelería, edición y artes gráficos (ECD, p. 68-9). Sin embargo, es necesario aún presentar otro momento, de igual importancia que el Pla Cerdà de 1860, para el desarrollo y la transformación urbana de Barcelona: los Juegos Olímpicos de 1992.

BARCELONA Y LOS JUEGOS OLÍMPICOS

Para el estudio que estamos haciendo, el hecho de haber construido la Villa Olímpica, el Port Olímpic, Parc Port Olímpic, situados al lado izquierdo del límite del Poblenou, ya sería suficiente para destacar la importancia urbana de los juegos, sin

embargo, los Juegos Olímpicos de 1992 son parte de un proceso internacional que incluye, pero supera la ciudad de Barcelona que, sorteada en 1986 para ser sede los juegos, está inmersa en una crisis del modelo industrial, por lo tanto, la crisis económica, desde la década de 1970. Las Olimpiadas de Barcelona fueron más una etapa en la deseada internacionalización de Barcelona por los ciudadanos y el poder y una señalización de nuevas potencialidades, ahora no más como Manchester Catalana, modelo de ciudad que se desarrolla a través de la industria y sí, de ciudad turística. Durante y después de los juegos, Barcelona será vista por miles de personas en todo el mundo. Para tanto, fueron hechas grandes inversiones con capital público y privado, dotando a la ciudad de infraestructura para atender a los juegos y al público que acompañó en todo el mundo, sea visitando la ciudad o viendo las transmisiones televisivas.

La transmisión de los juegos vino acompañada de una gran campaña de divulgación de la ciudad, basta recordar la producción del diseño infantil Cobi, un perro estilizado por Xavier Mariscal y que retrataba las aventuras del personaje y sus amigos por Barcelona, hoy expuesto en la Galería Olímpica en la Anella Olímpica de Montjuïc, una de las cuatro áreas utilizadas en los juegos de 1992, donde está el Estadi Olímpic de Montjuïc. Además de esa área, tenemos el Port Olímpic donde acontecieron las pruebas de vela y la Villa Olímpica, un nuevo barrio, creado para alojar a los atletas, con arquitectura moderna de los proyectistas de Barcelona. También por sus calles, encontramos muchas esculturas y toda la fachada marítima recuperada. Fue grande el entusiasmo entre los ciudadanos, aunque sin saber si los juegos se realizarían o no en la ciudad, contingente que ultrapasó 100.000 personas entre traductores, personas de apoyo técnico, informaciones, auxiliares de competición y todo el soporte para la travesía de la antorcha olímpica por el país. Fueron cuatro las áreas olímpicas – Montjuïc, Diagonal, Vall d'Hebron y Parc de Mar – comprendiendo una superficie de 140 a 210 ha, estratégicamente distribuidas para facilitar el transporte, alojamiento, seguridad y comodidad de los jugadores, equipo técnico y público.

Siguiendo el esquema del Guía de Barcelona'92 editado por el Comitè Organitzador dels XXV Jocs Olímpics (COOB'92 S.A.)

tenemos:

Área de Montjuïc – Centro neurálgico de los juegos, con El Anillo Olímpico compuesto por el Estadi Olímpic, Palau Sant Jordi, las Piscines Picornell y la Universitat de l'esport, en la cual fueron disputados 12 deportes. Próximo de allí estaban el Centre Principal de Premsa y el Centre Internacional de Radio-televisió.

Área de la Diagonal – En la parte alta de la ciudad, con las instalaciones del Futbol Club Barcelona y El Reial Club de Polo, fueron disputadas 5 modalidades deportivas.

Área de Vall d'Hebron – En esa área están el Velòdrom Municipal, Camps de Tir amb Arc, manzanas de tenis de teixonera, un Pavelló d'Esports y el Frontó de Pilota Vasca, donde fueron disputados 5 deportes.

Área de Parc de Mar – Es el local de la Villa Olímpica, con capacidad para 15.000 personas, fue donde se alojaron los atletas y jueces. Anteriormente esa área era un área industrial que fue transformada en viviendas y equipamientos sociales. En ella fueron disputadas las competiciones de vela en la Base Náutica de Nueva Icària, El Mercat del Peix para el Bádminton y l'Estació del Nord para el tenis de mesa.

La Villa Olímpica, después de los juegos, fue comercializada, transformándose en un barrio de clase media, muy diferente del antiguo barrio obrero del Poblenou, a su lado. De todas formas, los Juegos Olímpicos de 1992 se celebraron en un momento importante para Barcelona y para toda España.

En el plan internacional, es la entrada de los países en la unificación del mercado europeo (España y Portugal habían sido incluidos en 1981 en la CEE, después CE) hacia la moneda única, el euro, que entra en circulación en enero del 2002. También las inversiones públicas y privadas en el ramo tecnológico, para atender la demanda de los juegos, posibilitó el desarrollo de los proyectos de alta tecnología futuros en un momento de revisión del papel de Barcelona en el bloque de la Comunidad Europea. Un bloque preocupado con la expansión tecnológica y informacional de los EE.UU. y el segundo puesto que Europa pasó a ocupar, o podemos decir, tercer lugar, pues la tecnolo-

gía y el desarrollo alcanzado por Japón estaba al frente de CE. Así, Europa como un todo, buscaba, por lo menos, una equiparación del desarrollo tecnológico americano. El nacimiento de áreas destinadas exclusivamente a la búsqueda y desarrollo de las tecnologías de información y comunicación se esparcen por el continente, donde podemos citar las ciudades de Cambridge (1970) y Londres (1995) en Inglaterra; Estolcomo y Ronneby (1996) en Suecia; Baden Württemberg (1996) en Alemania, Oulu (1993) en Finlandia; Torino (1993) en Italia. Era la respuesta europea al predominio americano.

En 1992, Barcelona se convirtió en la capital mundial del deporte por muchos meses del año, antes y después de los juegos, con todo que eso trae de marketing, inversiones, turismo, circulación de personas e ideas, mejoras urbanas etc. El proceso de transformación para la nueva economía estaba iniciado, sin embargo, aún esperaría más algunos años para la concretización. En decreto del Ajuntament de Barcelona, de 9 de junio de 1998, será presentado al público, por 30 días, el documento “Criteris, objectius i solucions generals de planejament de la renovació de les àrees industrials del Poble Nou” que, después de una prórroga, recibió 26 sugerencias y, el día 25 de marzo de 1999, el alcalde aprobó provisoriamente el documento. Después de los trámites legales obligatorios, el Consell Plenari de l’Ajuntament también aprueba provisoriamente y, finalmente, el 27 de julio de 2000, la Subcomisión de urbanismo del municipio de Barcelona aprueba la MPGM – Modificació del Pla General Metropolità a la Renovació de les àrees industrials del Poble Nou – Poble Nou. Districte d’activitats 22 @ BCN – Text Refós. Es la entrada de Barcelona en el selecto grupo de las ciudades europeas que están invirtiendo en la búsqueda y desarrollo de la alta tecnología.

Como afirma Carreras, es el espacio mediterráneo y el tiempo europeo. Eso porque, a pesar de cierta semejanza en la elección del lugar (el barrio del Poblenou, antigua zona industrial de Barcelona) como otras ciudades europeas ya hicieron, Torino, Londres, Ronneby, por ejemplo; el nuevo está en la manera como el espacio mediterráneo será aprovechado, o sea, como los varios actores se apropiarán de los flujos que allí estarán disponibles.

ESPACIOS DE FLUJOS EN EL MEDITERRÁNEO

La fluidez, hoy necesaria para la garantía del papel de ciudad contemporánea, se encuentra en las redes telemáticas. Partiendo de esa premisa, que es mundial, Barcelona, a partir de 1998, inicia un proceso de transformar un espacio, antes industrial, con la tecnología exigida para las llamadas ciudades del conocimiento. La génesis de ese proceso puede ser buscada ya en 1992 cuando el COOB'92 percibe, acertadamente, la necesidad de dotar a la ciudad con la más avanzada tecnología de comunicación existente, para la eficiente transmisión de los juegos por los medios de comunicación. Percibió que era necesario “procesar la felicidad” como una información que estaría contenida en el flujo de personas e ideas, o sea, “la felicidad construida” para ser distribuida por el mundo a través de los muchos turistas y profesionales que aquí estuvieron.

En ese sentido, el soporte fijo fue construido visando la flexibilización de los usos, o sea, que después de los juegos, los edificios, Villa Olímpica, hoteles, etc. pudieron ser aprovechados para otras actividades. La desindustrialización de la ciudad y las inversiones en el sector terciario, principalmente en el turismo internacional, fueron la tónica de los últimos años. Las informaciones contenidas en el MPGM – Text Refós indican que entre 1993/1998 el sector de servicios creció un 20% mientras el industrial redujo un 17%, eso con relación a la cantidad de m^2 utilizados. Así tenemos: Industria, $5.000.821m^2$ en 1993 y $4.166.545m^2$ en 1998 y Servicios, $9.473.953m^2$ en 1993 y $11.413.221m^2$ en 1998. Dentro de ese sector, las actividades que presentaron mayor crecimiento en ocupación territorial fueron: de servicios culturales, ocio y ferias con un total de un 57%, de $771.820m^2$ en 1993 para $1.210.853m^2$ en 1998; servicios de promoción inmobiliaria de $52.804m^2$ en 1993 para 90.633 en 1998, indicando un crecimiento de un 72%.

Por otro lado, los servicios de enseñanza e investigación sufrieron un aumento de un 9%, pasando de $1.228.850m^2$ en 1993 para $1.341.578m^2$ en 1998, estando sólo al frente de los servicios de seguridad, alquiler de bienes inmobiliarios y servicios financieros. Este último con un descenso de un 5%, de $805.422m^2$ para $768.766m^2$ en 1993 y 1998, respectivamente.

Con relación a los puestos de trabajo, los números indican que en 1999, Barcelona tenía un 78% de los locales de trabajo en la ciudad en el sector terciario, cuando en 1991 era un 66%. La flexibilidad y el direccionamiento para los servicios, trajeron también una “nueva forma de vivir” en Barcelona: los *Lofts*.

LOS LOFTS EN BARCELONA

Grosso modo, los lofts son viejas edificaciones, fábricas principalmente, que se transforman en estudio y casa conjugados para artistas plásticos, fotógrafos y otros profesionales que reaprovechan el gran espacio dejado por las instalaciones fabriles anteriores.

En Barcelona, Xavier Mariscal – proyectista valenciano – ya a fines de la década del 80, compró parte de una antigua construcción fabril del siglo XIX para su taller y casa, rebautizando el edificio de la Calle Pellaires, 30, en el Poblenou, de Palo Alto, copiando el modelo de los estadounidenses. Otras empresas siguieron el ejemplo del valenciano, la Winchester Art School, el interiorista Fernando Sala, la XYZ, empresa fotográfica, el cineasta Bigas Luna, fueron algunos de esos profesionales liberales a buscar una alternativa para vivir y trabajar juntos. Otra iniciativa en 1997, ahora en la Calle Trafalgar fue de la empresa Rustic Corner que transformó un viejo edificio en edificio de lofts ya totalmente comercializados con un precio de 240.404,85 € por 80m². Conforme esa misma empresa, las áreas escogidas para los lofts son Poblenou, Gràcia y Raval, pero apunta que en Barcelona existen alrededor de 300 lofts y, se atreve a decir que hoy ya no existen espacios para nuevos lofts. A pesar de esa apuesta, podemos ver, caminando por la ciudad, anuncios inmobiliarios ofreciendo ese tipo de taller/estudio-vivienda.

Ocurre que esa transformación en el modo de vivir y trabajar no alcanza, de inmediato, todos los segmentos sociales que pueden de él utilizarse. Hoy el perfil apuntado para un comprador de loft es el/la profesional liberal entre 32 y 42 años y sin hijos. Exactamente el segmento productivo que puede ser colocado en un sector cuaternario o, aumentando la complejidad, los que no pueden ser colocados en la clásica división sectorial primario, secundario, terciario. Muchos de esos profesionales

liberales están alocados en áreas intermediarias entre la producción y el consumo, que es el caso de los softwares y hardwares. O entre la producción y la distribución, en el caso de la logística del CIS, desarrollados por muchas empresas internamente o a través de la contratación de servicios, direccionados a la mejoría de la calidad de la entrega y plazos. Es la situación que el geógrafo Armando Corrêa da Silva, ya en la década de 80, cuestionaba existencialmente, llamando a ese trabajador de tecnólogo: ¿Quién es ese nuevo trabajador?

Tras dos décadas, ese nuevo trabajador ya tiene un perfil y podemos visualizarlo, sin los estereotipos de los *nerds* o de los *hackers*, aún existentes y folclóricos en su “formato original”. Cada momento intenta definir su personaje naciente: hippie, hyppies, yuppies, nerds, bobos, etc. Lo que pasa es que, lejos de esos sociologismos, el espacio de las ciudades se va transformando y transforma el modo de vivir en la ciudad. Planos y proyectos intentan dar cuenta de las necesidades de los nuevos habitantes, ni siempre teniendo en cuenta las necesidades de los viejos habitantes. El secular enfrentamiento entre el nuevo y el viejo en la ciudad, hoy no tiene más la imagen del tractor destruyendo el viejo paisaje para construir el rascacielos nuevo y brillante. Eso es literatura infantil⁵. La sutileza del momento informacional viene “cableada en fibra óptica”. Más que una simple materialidad técnica, es también un aparato. Y esa fluidez es una “entidad sociotécnica” (SANTOS, 1996:219).

La fluidez que la informacionalidad permite, transforma la manera como las acciones pueden ocurrir en el espacio y viene acompañada de una desregulación que es mundial, así como de una información y un discurso también universales (Ídem, ídem). De esa manera, esa entidad sociotécnica, que es la fluidez, debe ser incorporada en el discurso local como una posibilidad del lugar transformarse en universal. (¿)Esa sutileza (?) del cambio de papeles entre el local y el universal no deberá ser percibida de inmediato por la población, principalmente del local que será transformado.

5 Estamos refiriéndonos al personaje del Castillo Rá-tim-bum, Dr. Calabacin, que quiere destruir el Castillo para construir el mayor rascacielos de Brasil, en la historia y serie creada por Cao Hamburger para la Radio y Televisión Cultura.

La falta de comprensión o la falta de percepción de la inversión discursiva descaracteriza las luchas por necesidades que el barrio, o aquellos que lo representan en asociaciones de vecinos, creen que sean, principalmente cuando esas luchas aparecen conectadas a la historia de las personas con y en el barrio. Algunos pueden percibir la oportunidad de transformación como algo positivo para todos, asumiendo el discurso universal como local. El éxito de las transformaciones en el barrio depende también de los moradores, pues ellos pueden ser formadores de opinión. Percibimos que esas personas son las que, en las reuniones reclaman cuando algún habitante pregunta – y se pregunta – en qué medida será afectado por las modificaciones. En el caso de los lofts y del Poblenou, estamos delante de esa situación, si no de enfrentamiento, por lo menos de encuentro entre el local y el universal.

LA TRANSFORMACIÓN DEL POBLENOU

Nadie hablará de nosotras cuando hayamos muerto...

Augustín Díaz Yanes

(Citado IN Revista Icaria n. 5, 2000, p. 3)

La Calle Pellaires, 30 es donde Xavier Mariscal montó su loft en el entusiasmo de los Juegos Olímpicos de 1992 en Barcelona. Esa vivienda está en uno de los extremos del Poblenou, próximo a la Diagonal Mar. Rebautizado de Palo Alto, el discurso universal, desreglando un uso, pudo preservar el antiguo edificio fabril.

En la Calle de Llull, 133 próxima al centro del Poblenou en la Rambla Poblenou tiene otro conjunto de lofts. La antigua fábrica, el Vapor Llull fue rehabilitada por los arquitectos Cristian Cirici y Carles Bassó, entre 1996-1997, ganando los premios Ciutat de Barcelona de arquitectura y urbanismo y el Premio Bonaplata de rehabilitación en 1997. Se constituye en 18 módulos para talleres, oficinas, estudios y espacios habitables donde están, por ejemplo, Ana Coelho Llobet (arquitecta), Nous Espais Arquitectònics SL (ingeniería civil), Zindara Producciones SL (productora de vídeo, cine y espectáculos). Esos nuevos flujos y fijos en el Poblenou, que anteriormente era identificado

como Manchester Catalana, por sus industrias, forman parte del esfuerzo de dotar a la ciudad con espacios de tecnología y al mismo tiempo garantizar la tradición. De esa forma, para la necesaria modificación del PGM de Barcelona, ya que el Poble nou era considerado zona industrial, o 22la en la simbología del PGM, la dirección del Ajuntament contó con un estudio del Institut Català de Tecnologia intitulado Estudi Ciutat Digital (s/d). El estudio está así dividido:

Introducción a los principales conceptos.

La nueva ciudad del conocimiento.

Análisis Territorial.

El nuevo sector productivo: espacio y actividades.

Conclusiones.

Anexos.

Merece la pena hacer un análisis más detallado de esos cinco capítulos, ya que sirvieron de base para la Modificación del PGM, definiendo una postura teórica importante para el futuro del Poble nou como materialidad a ser modificada y, también, como universalidad a ser adoptada.

INTRODUCCIÓN. JUSTIFICACIÓN Y OBJETIVOS DEL ESTUDIO

La introducción inicia con dos frases que sirven como indicadores de la línea maestra del trabajo. La primera es de la obra de Drucker, *La sociedad postcapitalista*, donde solamente por el título de la obra ya podríamos preguntar si el estudio parte del presupuesto de la economía postcapitalista. La frase citada indica la transformación de los valores básicos de la sociedad, de la estructura política y social, de la visión de mundo etc. Y sería precipitado afirmar las presuposiciones sin presentar el trabajo. La segunda frase es una palabra del Diccionari General de la Llengua Catalana: *Revolució, canvi total, radical*.

Ambas, sugieren que el grupo elaborador del estudio cree que realmente estamos viviendo un momento de cambio total, de cambios en la raíz de la sociedad, en aquello que la forma para el presente y el futuro, distinto del momento próximo an-

terior. De esa forma, el estudio explica que el primer capítulo “aborda los elementos que modelan el cambio”... comenzando con el primero y más importante: el estudio de la nueva sociedad de la información y conocimiento (SIC), sobre tres puntos de vista: la explicación del proceso y sus implicaciones (tópico 1.1), la infraestructura necesaria (tópico 1.2) y las nuevas actividades productivas (tópico 1.3). Con eso, del primer concepto – sociedad de la información y conocimiento – el próximo es la sustentabilidad (tópico 1.4) para abordar en el tópico siguiente (1.5) la planificación urbana y la arquitectura adaptable al siglo XXI.

El capítulo dos estudia la ciudad del conocimiento en un abordaje de la producción del conocimiento local, “esta es la base de la ciudad del conocimiento”, razón de ser de la economía y de localización. Apunta la importancia del cambio del paradigma educativo – de enciclopédico para analítico – y el papel de las universidades y de las empresas interrelacionadas en ese proceso. El tercer capítulo hace el análisis territorial presentando dos conceptos para tratar la ciudad: ciudad difusa X ciudad compacta. La propuesta es de una Barcelona como ciudad mediterránea compacta y densa, heterogénea en su extensión. En el cuarto capítulo, finalizando el estudio, las propuestas concretas para Barcelona (Región Metropolitana) y el barrio Poblenou.

En su conjunto, el estudio tiene como objeto la definición del conjunto de condiciones urbanas de la Región Metropolitana de Barcelona que pueda unir:

Desarrollo sustentable y mejoría de calidad de vida.

Las ventajas y necesidades de la tecnología de información.

Que actúen como catalizadores de los nuevos sectores productivos y modelo para la nueva sociedad del conocimiento.

Por la definición del objeto de estudios, el Institut Català de Tecnología reafirma lo que dijimos sobre su contribución fundamental en el direccionamiento de las Modificaciones del PGM. Pasemos entonces a los puntos más esclarecedores o críticos del estudio.

1. INTRODUCCIÓN A LOS PRINCIPALES CONCEPTOS

1.1 LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN CONOCIMIENTO: ELEMENTOS Y OBJETIVOS

El primer capítulo es teórico, porque es la base teórica que va a permitir la consideración del barrio Poblenou como paradigma de un nuevo suelo industrial de Cataluña (p.88).

Siendo paradigma la serie de conceptos, formulaciones y métodos aceptados por las comunidades científicas (cada cual en su área de actuación), la definición del objeto de estudio debe posibilitar el pasaje del modelo industrial para un modelo postindustrial, basado en las tecnologías de la información, por lo tanto, informacional. Sin embargo, sin que se constituya un dualismo con el modelo industrial vigente, aunque en transformación también. El estudio, que denominaremos con la sigla ECD (Estudi Ciutat Digital) define, basado en algunos autores como Castells, Mayó, Drucker, lo que es y como debe ser entendido el término tecnología de la información y comunicación o TIC simplemente: “ el conjunto convergente de tecnologías de la microelectrónica, informática (máquinas y software), telecomunicaciones/radio/televisión y óptico-electrónica. Algunos autores también incluyen la ingeniería genética en el grupo de las TIC...” Y, más importante, *al voltant*⁶ de las tecnologías de la información, una revolución que se está procesando:

Por la propia naturaleza de la tecnología y su implantación.
Por implicaciones sociales.

En el caso del ítem a, apunta aún dos características intrínsecas de las TIC que contribuyen para la revolución:

Su capacidad de portar cualquier tipo de información en el formato digital.

La posibilidad de interacción con el resto de los sectores productivos.

⁶ La traducción de *al voltant* es alrededor, sin embargo, falta en la traducción el peso de la palabra catalana. Aunque el término castellano *al derredor* no consigue, desde nuestro punto de vista, ofrecer la acepción de “sin estar dentro”, únicamente de las TIC.

Con relación a la característica 1, el hecho posibilitó el intercambio de varios lenguajes y el surgimiento del sector de multimedia y, la característica 2 posibilitó un mejor aprovechamiento de los sectores productivos tradicionales racionalizando aún más los servicios rutinarios a través de la automatización. Se cierra el Ítem 1 con cinco características más que, conforme Castells (1996) “constituyen el núcleo del nuevo paradigma tecnológico”:

Son tecnologías por actuar sobre la información, no más información para actuar sobre la tecnología como era el caso de las revoluciones anteriores.

La capacidad de penetración de los efectos de las nuevas tecnologías.

La lógica de la interconexión.

La flexibilidad.

La convergencia creciente de tecnologías específicas en un sistema altamente integrado.

El ítem b, sobre las implicaciones en los diferentes ámbitos de la sociedad, presenta algunas afirmaciones generales y muy difundidas cuando el tema es el mundo interconectado: la innecesaria presencia física en tiempo real y que desde cualquier punto se puede tener acceso a los datos. Internet es el ejemplo más claro de una red mundial, o como afirma el texto, “la red de las redes”, lo que la definición de Esther Dyson citada refuerza, “Internet es sobre todo un entorno donde miles de pequeños hogares y comunidades se forman y se autodefinen” (1997). Otra novedad es el lenguaje, el hipertexto, que conforme Millán (1998) “exige nuevas formas de interpretación y también nuevas formas de enseñanza y aprendizaje”. Eso culmina en la Era de la Información que, para Castells (1997) “en que la generación, el procesamiento y la transmisión de la información se convirtieron en las fuentes fundamentales de productividad y del poder”. Y Joan Mayó (1997) completa: “la era de la información implica que esta no es solamente un factor de producción sino también un factor directo de consumo, con todas las implicaciones que eso comporta. Además, como factor de producción tiene características que lo diferencian de los clásicos”.

sicos tierra, trabajo y capital: la información no es escasa y es compartible”. Esa primera parte se finaliza con la ecuación de Alfons Cornella donde Sociedad de la Información = (Economía de la Información) * (Cultura de la Información), con los siguientes aspectos:

Economía de la Información;

- desregulación de las telecomunicaciones;
- Infraestructura;
- coste de acceso a la Internet;
- ambiente regulatório (nacional y de la UE);

Cultura de la Información.

- Actitud ante la tecnología;
- Formación;
- Cultura multilingüe;
- Capacidad de buscar y ordenar información.

Tras la definición de Economía de la Información y de la Cultura de la Información , se hace necesario que esos dos términos de la ecuación tengan condiciones de crecer de manera igualitaria con el fin de que la sociedad del conocimiento llegue a todos sin exclusiones y que los diferentes agentes sociales estén implicados. Esos son los objetivos que se deben alcanzar para que la información pueda mejorar la calidad de vida de todos. El cuadro abajo resume y apunta eso: (p.7):

ELEMENTOS	OBJETIVOS
TIC	TIC
Aportación creciente del PIB	Activar el mercado (masa crítica)
Convergencia de formatos	Evitar la integración vertical
Influencia a los otros sectores	Cambio de actitud tecnológica de las empresas y personas
REDE(interconexión)	REDE(interconexión)
Internet	Estimular el consumo (con políticas de precios y infra-estructura)

Globalización de la Economía	Conseguir posición de competitividad al nuevo modelo
Modelo de organización flexible	Cambio en las organizaciones
Interacción	Participación

Los ítems 1.2 y 1.3, El sector de las tecnologías de la información y comunicación y las nuevas actividades productivas, respectivamente, dan cuenta del crecimiento del sector relacionado a las TIC, destacando como ejemplo principal el caso norteamericano y apuntan las nuevas actividades y las dificultades inherentes a las clasificaciones, y la propuesta hecha por los profesores de la Universitat Politècnica de Catalunya (p.21) para los servicios avanzados es la que sigue abajo:

Serveis per la creació...

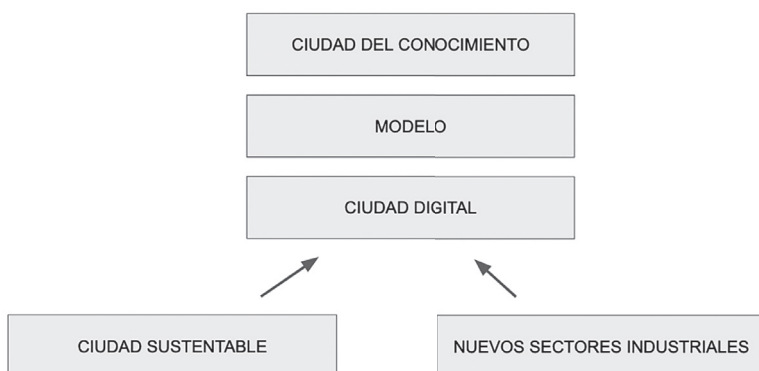
Además de los servicios avanzados, tendremos los Centros de Saber y los relacionados a las TIC, en la tentativa de relacionar las nuevas actividades. Como Centro de Saber, además de aquellos conectados a la enseñanza y a la búsqueda, también los que actúan como procesadores, receptores y difusores del conocimiento (museos, bibliotecas, editoriales, empresas de creación y audiovisual, asociaciones profesionales). La misión es formar y ofrecer medios para el desarrollo de las personas.

En los campos relacionados con las TIC están destacados el sector multimedia, desarrollo de software, redes, servicios de telecomunicaciones.

El ítem 1.4, Desarrollo sustentable y calidad de vida adentra al tema de la urbanización proponiendo una definición de ese concepto para el ítem 1.5 hacer una reflexión sobre el urbanismo y proponer un cambio del modelo actual. Esos dos ítems finalizan el capítulo 1 y el que se sigue es un abordaje sobre la nueva ciudad del conocimiento en el capítulo 2. Sin embargo, es interesante demarcar como el ECD va a entender el desarrollo sustentable pues, es un concepto que permea todo el estudio. En la búsqueda del concepto a ser utilizado, el ECD cita una gama muy extensa de autores que trabajaron ese concepto y sus diferentes usos y también los encuentros internacionales sobre

la relación entre ciudad y sustentabilidad, comenzando en 1987 con el proyecto Ciudades Saludables de la Organización Mundial de la Salud, la ECO 92 en Río de Janeiro, el HABITAT II en Estambul de 1996, la Red de Ciudades y Poblaciones Sustentables de Barcelona en 1997, la conferencia Euro-Mediterránea de Ciudades Sustentables en Sevilla de 1999.

Después de eso todo, el modelo urbanístico propuesto sigue el esquema:



Ciudad Sustentable – con mínimo impacto ambiental y riesgos en los soportes. Un nuevo modelo de desarrollo: racional y coherente, compacta y diversa, máximo contacto e intercambio de información y también su transformación en conocimiento aplicable a todas las actividades que tiene lugar al ecosistema urbano. Al mismo tiempo con la ciudad del conocimiento receptora, generadora y transmisora. De esa forma es posible dotar a las personas de más y mayor calidad de vida, que serán ciudadanos competitivos y aportarán competitividad al territorio.

Nuevos sectores industriales – sectores típicamente urbanos con necesidad de espacio y localización y tampoco contaminantes, necesitan de espacios urbanos con infraestructura para su desarrollo.

2. LA CIUDAD DEL CONOCIMIENTO (p. 33-49)

El segundo capítulo se divide en cuatro tópicos: 2.1 Intro-

ducción, 2.2 La sociedad del conocimiento, 2.3 La función de las ciudades en la sociedad del conocimiento, 2.4 Elementos esenciales de la nueva ciudad. Con base en los conceptos ya presentados el ECD parte para una caracterización de la ciudad y de la sociedad del conocimiento basada en las TIC.

La información pasa a tener un papel destacado en la constitución de la ciudad, si antes la cantidad y calidad de la información eran secundarias o parecían estar en segundo plano, hoy la materia prima y el producto con que se elabora el conocimiento es justamente la información (p.34). No nos parece correcta esa afirmación del papel secundario de la información en la era “industrial”. La información y el conocimiento, incluyendo el conocimiento espacial y temporal, siempre fueron factores de diferenciación entre personas, países, empresas, etc. Lo que ocurre hoy es que la información y, consecuentemente, el conocimiento que de ella puede ser extraído o adquirido, tomó un impulso muy grande a través de la mayor distribución que ahora tenemos. Aún así, debemos relativizar ese acceso total tan difundido. En la misma afirmación de que la información es materia prima y producto con que se elabora el conocimiento está el “secreto”. O sea, si es materia y producto, tiene precio. Y se tiene precio, el acceso es restringido.

La experiencia de cualquier internauta un poco más experto o deberíamos decir con más horas frente al ordenador conectado a la red, confirma que Internet comercial es una red de banalidades en su mayor parte. Facilitando el lenguaje, a través del HTML a World Wide Web facilitó el uso de la red a través de una apariencia más atractiva e interactiva, con imágenes, sonidos, movimientos, aliados a las máquinas, placas, cables, ondas de radio, cada vez más rápidos y eficientes. De un lado, esa “banalización” de la ciencia de la computación ayudó a desmitificar y desmistificar máquina y red y, rápidamente, desaparecieron puestos de trabajo que llegaron, en cierto momento, a tener una remuneración razonable, como fue el caso del digítador. Imprescindible en los comienzos, la misma industria que lo creó, también lo extinguió con el desarrollo de los programas basados en iconos cada vez más interactivos. En este momento parece que es el camino de los llamados Web designers. Programas muy simples que ayudan a los usuarios en la construcción

“de páginas” personales o empresariales, hasta con cierto grado de sofisticación, sin que el usuario domine todas las líneas que están siendo impresas. Las líneas que el usuario no tenía, pues ya están transformadas en imágenes, frases, textos, por el propio programa.

Por otro lado es necesario reconocer las muchas facilidades que la red ofrece en el intercambio, principalmente de mensajes. Así, es en el secreto que está la materia “prima y el producto” con que se elabora el conocimiento y, por más contradictorio que parezca, un secreto es “estar en red para existir”. De esa forma, la sociedad del conocimiento parte de algunas demandas necesarias: capacidad de comprensión, recursos de adaptación, responsabilidad para mensurar los procesos y comprender su funcionamiento. El ejemplo utilizado por el ECD para el fin de la enseñanza enciclopédica es cuando “un ejemplar dominical aporta más información que podía conocer a lo largo de su vida un estudioso monje medieval; la enseñanza enciclopédica deja de tener sentido” (p.37). Creemos que esa conclusión no está muy coincidente con el ejemplo dado, no con esa lógica. La cantidad de información posible para un estudioso monje medieval no implica nada en la derrocada de la enseñanza enciclopédica, por más que no estemos de acuerdo con él. La premisa es verdadera, sin embargo el predicado es falso, eso es una tautología. La formación permanente y continuada pasa a ser el ideal de enseñanza-aprendizaje como relación importante en la constitución de la ciudad del conocimiento.

Emergen con eso también otras formas de conocer, además de la forma intelectual (reflexión, creatividad, imaginación), de las habilidades de gestión (personales, organizacionales, trabajo) aceptando también las capacidades emocionales (afectividad, convenciones personales). El cambio es tan grande que el ECD afirma que:

“Los individuos hacen frente a un importante cambio cultural con la desaparición del Status quo, a cualquier nivel. Nadie definitivamente asciende a un nivel más elevado en la sociedad. La única norma es el cambio permanente y la de la adaptación constante cada nuevo momento (p.37)”.

¿El ECD hasta aquí está sugiriendo que la sociedad del conocimiento será siempre proceso? Veamos la política del conocimiento:

“El respeto a la pluralidad informativa y al intercambio real de la información sin imposiciones dogmáticas y de forma plural es el único que puede garantizar la plena realización de la sociedad del conocimiento (p. 38)”.

Y,

“La creciente importancia que adquieren las interrelaciones entre diversos elementos hará que los poderes públicos centren, en buena parte, su actuación en propiciar el establecimiento de estas relaciones y velar por su equilibrio (p. 38)”.

Ese ítem 2.2 encierra levantando cuestiones y haciendo afirmaciones contradictorias, por el posicionamiento político que defiende. Veamos. Primero la desaparición “del Status quo”. Literalmente Status quo significa el estado en que, y está relacionado a la diplomacia para designar el estado de cosas en determinado momento y en la sociología, a las relaciones sociales o a la cultura en un momento determinado. Por la propia definición del término ya vemos la imposibilidad de la desaparición de una situación de cosas o relaciones sociales en momento determinado, ¡y ese momento es hoy! Profundizando aún más, la afirmación hablada de individuos. En latín *individuum* significa el indiviso, denotando una unidad esencialmente indivisa y indivisible porque es uno, mientras tal, nunca puede existir multiplicado y, así pues, varias veces⁷.

Para un proyecto que debe buscar la unidad social, optar por el uno se presenta como una elección dudosa o incluso equivocada cuando la propuesta es un “cambio permanente y la adaptación constante cada momento”. ¿Cambio entre individuos? Parece difícil. La siguiente propuesta refuerza nuestra impresión de que hablaba, o debería hablar, en sujetos y no individuos. Aquí las tesis libertarias (?) defendidas sobre el respeto a

⁷ BRUGGER, Walter – Diccionario de Filosofía. Barcelona: Herder, 14ª ed, España, 2000, p. 306

la pluralidad se vacían cuando el “Estado es llamado a velar por el equilibrio”. Aún más, si el ECD “pone fin” al Status quo, ¿a quién el Estado va a defender? ¿qué demandas sociales serían esas en la nueva sociedad sin Status quo? Aún queda responder o, por lo menos, reflejar sobre la pregunta propuesta anteriormente sobre la sociedad del conocimiento como en proceso permanente. Claro está que no estamos pensando en comienzo-medio-fin. Pero el propio ECD, por todo el texto, visto hasta ahora, insiste en cambios y revolución. ¿Es de suponer una revolución dentro de otra?

El proceso hegemónico que el ECD intenta pasar como posibilidad para la población del Poblenou y de Barcelona en el general, es resultado de la homogeneización por sobre otros procesos, o sea, la posición del ECD implica aceptar un pensamiento único que es la lógica de la tecnología de la información sin tener en cuenta los demás procesos, incluso el industrial que, para el ECD, está superado. No percibe el estudio que la alta tecnología no irá a amoldar el barrio, al contrario, es el Poblenou quien está posibilitando su implantación en Barcelona. Con eso, la constancia del proceso, o el Poblenou como paradigma del nuevo suelo industrial de Cataluña, será hegemónico y aceptado hasta que un nuevo paradigma lo sustituya y, será interpenetrado también por la lógica del espacio banal, el espacio del cotidiano, que no puede ser medido por el mismo tiempo del tiempo hegemónico de la sociedad informacional. Como ya intentamos mostrar, el secreto no está accesible a todos y, una vez más, la materia prima del conocimiento no alcanzará a todos en el barrio y en Barcelona.

Dos son los tipos de conocimiento presentados por el ECD (p.36). Como codificado, aquel que se puede estructurar como un mensaje y tratar posteriormente como una información y posible de ser colocado en un soporte externo, posible de convertirse en producto, y el conocimiento tácito o el que es implícito y no formal, que difícilmente puede ser configurado en un soporte y transmitido como información pues ‘saben más que son capaces de expresar’, habiendo como ejemplo el know how. Esos “dos conocimientos” están interrelacionados en la realidad vivida, desde que podamos ampliar el conocimiento tácito para ir más allá del know how y que el conocimiento co-

dificado incluya el soporte humano, pleno de experiencias, el único – aún – posible de transmitir emociones y que el producto final gestiona otras maneras de conocimiento tácito. En esa dialéctica puede estar la generación de valor, sin embargo valor agregado y en la interacción entre el espacio transformado y las personas que en él viven. También puede ser una manera de integrar el espacio banal en la lógica del “espacio único”, que el MPGM de Barcelona espera.

El tópico 2.3 trata de la función de las ciudades en la sociedad con conocimiento, teniendo la ciudad como el “ámbito de referencia de la ciudad del conocimiento” (p.39). Esa afirmación, casi una definición de ciudad, pues ámbito implica un conjunto de circunstancias, relaciones y conocimientos relacionados por un punto en común, aquí el conocimiento y, al mismo tiempo, puede ser un espacio determinado, Barcelona. No es un proceso nuevo elegir la ciudad como el local ideal para desarrollo de las actividades productivas y de conocimiento. Ya en la primera fase de la revolución industrial en Inglaterra, entre 1760 y 1860, la ciudad fue el escenario de la concentración de la actividad industrial, de la aglomeración de personas y de las transformaciones tecnológicas como, por ejemplo, la ferrovía, en 1825. Ese proceso que comprometió el orden social, entonces vigente, se extendió, entre crisis y superaciones por todo el globo como el modo de producción capitalista, evidente que los tiempos no fueron los mismos para todos los espacios.

Volviendo al ECD, elegir la ciudad no constituye algo excepcional, sin embargo, la forma de elegir es lo que realmente interesa. Aceptando lo que se dijo anteriormente como una definición de ciudad, el estudio prosigue para llegar a sus funciones, considerando el nuevo contexto que las TIC abrieron para el mundo. Esa internacionalización “genera una interdependencia cada vez mayor entre las áreas urbanas y convierten la calificación entre las ciudades en un juego que tiene lugar en el tablero de la economía internacional” (p.39).

Y lo más importante:

La ciudad deja de ser una mera localización geográfica para venir a ser una estructura dinámica y compleja⁸ que

8 El destaque en negrita es nuestro.

participa activamente en la creación de recursos y calificaciones... **La ciudad funciona como un gran engranaje**⁹ difícil de construir y que demanda una constante atención y un servicio permanente de renovación (p. 40).

Dos puntos necesitan ser destacados por su importante posición teórica en el estudio. El primero es una simplificación y es lo que fue destacado sobre la mera “localización geográfica”. La ciudad siempre fue compleja. Entendida como estructura (Escuela de Chicago), sistema (Milton Santos), palimpsesto (Carles Carreras), interacción (Paul Claval), punto de concentración (Lewis Mumford), forma (Marcel Roncayolo), signo (Lucrécia D’Ambrósio), subjetiva (Felix Guattari), informacional (Manuel Castells), sólo para citemos algunos ejemplos, la ciudad siempre exigió un abordaje complejo para que pueda ser analizada. En los momentos cruciales de transformaciones tecnológicas, y ese es solamente un aspecto, la ciudad es el escenario donde la posibilidad está abierta. Así, cuando más adelante, el estudio afirma que la sociedad “del conocimiento puede tener en las ciudades su punta de lanza...y...la primera condición indispensable, impuesta por la globalidad, es existir en el mapa, ser un punto de referencia y atracción” (p.40), en la verdad está reproduciendo el discurso universal del cual hablábamos anteriormente y eso solamente tiene lugar en las ciudades.

Existir en el mapa representa estar en la ruta del capital internacional y con las adecuaciones que ese capital necesita: flexibilidad, redes, inversiones en infraestructura. Es lo que sugiere el ECD utilizando los 3C de Kanter, afirmando que: “los centros urbanos deberán invertir en los 3C: conceptos, capacidades y conexiones, esto es, invertir en innovación y creatividad (conceptos), fomentar la aplicación y la difusión de las experiencias y los conocimientos tácitos y garantizar las capacidades de producción y de consumo (capacidades) y, finalmente, disponer de las vías de comunicación y acceso a los otros polos mundiales de actividad para asegurar las relaciones con el resto del mundo (conexiones). Esa “bonita idea” es compatible con la desregulación de la economía; y las consecuencias sociales de ello son la disminución o el fin del Estado de bien estar; y esa “bonita idea” está muy cerca de la gestión empre-

sarial nipona, con los 5S, que visan alcanzar un nivel y índice productivo alto a través de objetivos previamente estipulados para los sectores productivos en las fábricas. Eso queda claro cuando se afirma que “la ciudad funciona como una engranaje difícil de construir”, que es una metáfora industrial y, lo más grave es que va a contradecir lo que se tratará a continuación, afirmando que la ciudad es como un ecosistema (p.51). La ciudad es más que un engranaje, podríamos decir que es parte y todo al mismo tiempo, dialogando constantemente en esas dos escalas, conforme el movimiento social.

Más adelante se va a afirmar que la ciudad “del conocimiento está en proceso evolutivo” (p.40). Un engranaje, pues, sugiere algo acabado, mecánico, funcionando dentro de una máquina, parte de un todo, retroalimentado por factor externo. ¿Cómo puede estar en proceso? Y aún, ¿proceso evolutivo? Las metáforas usadas son, como afirma Milton Santos, flashes aislados y no permiten teorizar... El proceso evolutivo está relacionado a la aparición de una cosa, entendiendo cosa en el sentido filosófico amplio del objeto del cual podemos hablar, pensar o emitir juicios, como el Ding que tiene conexión con El Denken (pensar, en alemán) y significa lo pensado para que evitemos una discusión existencial sin fin sobre el ser. Esa cosa tiene un comienzo, medio y un fin. En el caso aquí estudiado, de la ciudad del conocimiento, ¿el fin es la propia ciudad del conocimiento implantada?

Nos parece un dualismo entre ciudad industrial X ciudad del conocimiento, como si el modelo industrial estuviera encerrado o, como si el modelo basado en el conocimiento fuera la rendición para la ciudad de Barcelona. Lo que ocurre es que la sugerencia del ECD es para un barrio, con plazo de 10 años para su efectivación y en la verdad es un proceso que ya viene en curso desde 1992 (para que fijemos una fecha) y culmina hoy en el MPGM. Incluso cuando el ECD afirma que “el nuevo cambio que conduce a un tipo de desarrollo basado en el conocimiento también puede generar secuelas en forma de desequilibrios entre sectores de la población (los que tienen acceso y los que pueden quedar marginados en la sociedad del conocimiento) y entre actividades productivas. La estrategia global de la ciudad debe basarse en su capacidad de inteligencia, es decir, en

aprovechamiento de recursos que proporcionen un amalgama de conocimientos y sus interrelaciones, previamente identificadas”. Retomemos la cuestión evolutiva: ¿Hay que proveer condiciones para que todos evolucionen?

La respuesta, a buen seguro, es afirmativa. Pero debemos tener claro que el capitalismo no es distributivo pero acumulativo. De esa forma, la flexibilización, el postfordismo de que trata Harvey, fue la manera encontrada por el capital para continuar acumulando y no para propiciar la distribución. En el caso del barrio Poblenou, ¿toda la transformación en curso ofrecerá a la población más envejecidas las condiciones de aprovechar su potencial? Tal vez la pregunta inicial sea, ¿todo eso concierne a las generaciones de edades más avanzadas? Cuando vemos los elementos esenciales de la nueva ciudad, que es el ítem 2.4, del cual el ECD destaca tres que más se relacionan con el proyecto, tenemos:

- a) el sistema educativo y de formación permanente.
- b) el sistema R+D.
- c) los servicios avanzados (p.42).

De manera simplificada podemos decir que los tres elementos destacados tienen en su centro la empresa. El gráfico de la página 46 confirma eso. Ese esquema evidencia lo que ya fue dicho hasta aquí. En el ítem A, la formación permanente, o utilizando la propuesta de la UNESCO con el Aprender a aprender, es lo que está en juego. Los centros de enseñanza deben capacitar a sus alumnos (¿o clientes?) para lo que será esencial en tecnología y humanidades, en una relación directa con la sociedad donde está insertada y dentro de la especialización donde se obtienen mejores resultados: “Siendo muy realista para saber que no se puede ser bueno en todo, debería concentrar los esfuerzos en aquellas asignaturas en que la especialización tiene más sentido, y donde se concentren las mejores condiciones”. ¿Cómo elegir criterios para saber dónde las especializaciones tengan más sentido? Al final, públicos o privados los centros de enseñanza son empresas y las inversiones son hechas a partir de la demanda de mercado, ahí la ocurrencia de algunos cursos de moda. La alteración en la forma de acceso a la universidad

viene al encuentro de ese ejemplo propuesto por el gráfico, al menos teóricamente. De igual manera los cambios que dificultan o imposibilitan la reprobación escolar, partiendo de la premisa de que no existe conocimiento cero o nulo, siguen en la misma dirección.

Aquí entra el papel relevante de la formación permanente, o sea, el de ser competente para el capital. El ECD informa que es posible hacer dentro de la empresa, sin embargo es preciso ampliar para la importancia del capital cultural doméstico, o el equipaje de conocimiento e información que capacitan a los niños y a los jóvenes para que sean competentes para el capital en el futuro. En Dewey ya veamos la importancia de la escuela en la socialización, para vivir en sociedad, pues la escuela repite todas, o la mayoría de las situaciones que los niños encuentran cuando crecen: disputas, peleas, victorias y fracasos, negociaciones para alcanzar objetivos, selección de personas por jerarquía, por temperamento, clase social, etc.

El ítem C, de los servicios avanzados, aborda la aplicación de la tecnología desarrollada en la producción y circulación de mercancías e ideas, reduciendo costes y tamaño de las empresas con la tercerización y la creación de pequeñas empresas prestadoras de servicios. De esa manera, “aunque definidos como generadores de conocimiento y flujos e información (Norman, 1993) y por lo tanto independientes, a priori, del territorio que ocupan, estudios demuestran que siguen un modelo de concentración en las áreas urbanas. Estos servicios están en el centro de todos los procesos económicos y son un de los actores más rentables de la ciudad del conocimiento” (p.49). La ciudad pasa a ser el lugar del desarrollo del conocimiento por excelencia. El capítulo 3 – Análisis Territorial – va a definir a qué ciudad el estudio se está refiriendo: “la ciudad que es un ecosistema” (p.51), ese es el título que abre el tópico 3.1, sobre la necesidad de un modelo territorial de usos compartidos.

Comienza definiendo el ser de la ciudad:

“La ciudad es, sobre todo contacto, regulación, intercambio y comunicación”¹⁰.

10 El destaque en negrita es nuestro.

Esta es la base epistemológica sobre la cual se sostiene después el resto de los componentes que acaban por constituir la. La estructura, la forma de producir la ciudad, el paisaje urbano, su monumentalidad, la movilidad y todo el mercado son aspectos secundarios o parciales en relación con aquello que es esencial en la ciudad, que es la interacción entre los ciudadanos y sus actividades e instituciones. Y como sistema define:

“En esencia el contacto, la regulación, el intercambio y la comunicación están en el marco de la relación entre personas, colectivos e instituciones, que son portadores principales de información de ciudad diferente que se alimenten, regulen y controlen por la transmisión de información entre ellos. Es lo que denominamos sistema” (p.51)

Finalmente, ecosistema:

“Efectivamente, un sistema es formado por elementos y por interacciones que pongan en relación unos elementos con los otros. Cuando un sistema cuenta con organismos vivos, decimos ecosistema. En el caso de que nos ocupamos, al sistema le dicen ciudad y dado que el principal componente de la ciudad es el hombre (un organismo vivo) queda claro que los sistemas urbanos también son un ecosistema” (p.51).

A pesar de largos, nos parece importante y oportuno citar todos esos conceptos textualmente para que podamos verificarlos con más precisión.

Las tres citas indican lo siguiente:

- La ciudad.
- La base epistemológica seguida.
- Un ecosistema.

Y aún incluyen otros conceptos no definidos:

- Estructura.
- Forma de producir la ciudad.
- Paisaje urbano.
- Monumentalidad.
- Territorio (ese en el propio título del tópico).

Por la definición de ciudad y también de las otras definiciones, queda claro que no se retoma la visión naturalista de la ciudad. Al contrario, el estudio busca una teorización para pensar la nueva “ciudad del conocimiento”. Esa visión ecosistémica permite abordar la ciudad a partir del concepto de sustentabilidad que será presentado más adelante y se muestra, prácticamente, central en el nuevo sector productivo de las TIC, una sinergia entre desarrollo sustentable y sociedad del conocimiento.

Conforme presentado por Castells en su trilogía sobre la Era de la información, el discurso ecologista puede ser resumido en esto:

Una relación estrecha y al mismo tiempo ambiguo con la ciencia y tecnología.

El ambientalismo es un movimiento con base en la ciencia.

Los conflictos sobre la transformación estructural son sinónimos de la lucha por la redefinición histórica de las dos expresiones fundamentales y materiales de la sociedad: el tiempo y el espacio.

De la misma forma que el espacio, el control sobre el tiempo está en juego en la sociedad en red, y el movimiento ecologista es probablemente el protagonista del proyecto de una temporalidad nueva y revolucionaria (CASTELLS, Vol.2, p. 155-7).

Los conceptos definidos, de modo general, se ensamblan en esas cuatro líneas citadas por el autor español, a partir de la concepción de ciudad y de ecosistema. Esos Conceptos parten de la relación entre ciudadanos y sus actividades y las instituciones, lo que sería la esencia de la ciudad y en la ciudad. Eso va a implicar, para los expertos que prepararon el MPGM de Barcelona, superar el enfrentamiento entre el tiempo y espacios locales y globales. Prevaleciendo el primero, que es la esencia, el segundo queda comprometido en su funcionalidad productiva, pues controla los flujos que definen el territorio de actuación y generación de más valía, basada en las TIC. Si prevalece el segundo, se desplaza la esencia de la ciudad para las actividades que allí están siendo desarrolladas y compromete la visión ecosistémica.

La base epistemológica: contacto, regulación, intercambio y comunicación implican, a su vez, la manera como el conocimiento de la ciudad va a ser posible y sus categorías o los modos de ser de la ciudad. El sistema, como conocimientos articulados y múltiples, busca una totalización. Es ese sistema articulado que va a permitir reconocer la ciudad como un ecosistema, o sea, la categoría analítica interna que, junto a las otras, debe posibilitar las modificaciones en el PGM de Barcelona. Al considerar el hombre como un organismo vivo y principal en la ciudad, lo que implica reconocer la ciudad como un ecosistema, el ECD evita recaer en la ciudad “como un organismo vivo”, una visión naturalista de la ciudad y puede, a partir del Poblenuou, articular la sustentabilidad sin contrariar la forma de acumulación que se dará en la ciudad. Eso sostiene la tesis del Poblenuou como el “nuevo suelo industrial de Cataluña” que, aquí, es el territorio.

De esa manera, se entiende el territorio como una “porción del espacio” donde las muchas relaciones se están procesando en la dirección determinada por los cambios en la ciudad – la regulación, intercambio y comunicación. Siendo que esta última situación trae, con el aumento cuantitativo y cualitativo, mayor complejidad al sistema con menor gasto de energía. Dos formas de hacer la ciudad son citadas: la ciudad difusa actual y la ciudad compacta y diversa mediterránea.

La ciudad difusa actual, conforme el ECD, es aquella que “aumenta la complejidad del conjunto de la ciudad y simplifica la complejidad de las partes, consumiendo gran cantidad de energía y otros recursos materiales como suelo, materiales, etc. Sin obtener un aumento de la complejidad equivalente la cantidad de recursos consumidos” (p.52). La ciudad difusa es aquella que expande sin la preocupación del uso racional del suelo, aumentando en tamaño sin que haya condiciones estructurales para tanto. Eso compromete el espacio rural y productor de alimento directamente. Resaltamos que hace tiempo que la relación campo-ciudad ya se modificó para la ciudad al campo, y no al contrario, por la difusión de información, ciencia y tecnología ya citados. No es el caso, entonces, de segregar al hombre al campo idílico, una vez que ese hombre y el campo idílico ya no existen más. Lo que vemos en la ciudad difusa actual es

la expansión en tamaño sin posibilitar que la ganancia urbana en comodidad y servicios alcance a todos y, de eso resulta, la dilución de la complejidad por la mono funcionalidad de los espacios dificultando los contactos entre los diversos usos y los ciudadanos que de ellos y en ellos participan. Como ejemplo tenemos áreas industriales, áreas residenciales, áreas universitarias, bancarias, hipermercados, separados físicamente por la ciudad.

Los gastos son mucho mayores para conseguir la complejidad, en los términos propuestos aquí. Gastos en tiempo de desplazamiento, energía, infraestructura, priorizando lo privado en detrimento de lo público. Es común ver personas desplazándose de las residencias solitarias en sus automóviles, así como es común el resultado de eso en grandes atascos en las ciudades de mayor porte. Los contactos personales también pierden en calidad en esa situación, ya que los barrios residenciales pasan a ser refugios y la casa es la fortaleza mayor.

“La ejecución del modelo funcionalista revela profundas disfunciones no resueltas y así los espacios con una función predominante quedan desiertos y sin vida en períodos temporales determinados (ciertas horas del día, vacaciones, etc.). Otros espacios, por ejemplo el centro o algunas periferias ven como su población envejece, al mismo tiempo que se degrada el parque edificado y el espacio público. La degradación física es precursora de la ocupación de esa áreas por personas con pocos recursos y en situaciones marginales con pocas posibilidades de crecer individual y colectivamente” (p.56).

El resultado de eso es:

“La concentración de ciudadanos con estas características tanto en el centro como en la periferia puede crear graves problemas de inestabilidad, violencia e inseguridad, actividades marginales y delitos y en situaciones de desobediencia civil. Cuando eso ocurre es fácil que las calles estén dominadas por grupos con intereses no regulados por el estado de derecho y que los derechos democráticos se resientan” (ídem).

El modelo propuesto por el ECD para la modificación del PGM es la ciudad mediterránea compacta.

LA CIUDAD MEDITERRÁNEA COMPACTA

La ciudad mediterránea compacta es un modelo urbano que posibilita la sustentabilidad social, económica y ambiental: “compacta y densa, con continuidad formal, multifuncional, heterogénea y diversa en toda su extensión” (ibídem), pues contempla lo esencial de la ciudad – regulación, intercambio y comunicación. El ECD utiliza seis puntos para tratar y examinar ese modelo:

- a. Proximidad y economía de recursos.
- b. La ciudad compacta aprovecha mejor los recursos para mantener y hacer más compleja la ciudad.
- c. Estabilidad y aumento de la complejidad en todo territorio urbano.
- d. Lentitud y calidad en el crecimiento de los sistemas urbanos.
- y. Competitividad, explotación y sustentabilidad de la ciudad compacta y diversa: un modelo para la nueva ciudad del conocimiento.
- f. Calidad urbana y calidad de vida.

Con esos puntos, el ECD retoma la máxima de que no es necesaria una ciudad grande, pero una gran ciudad.

El ítem a responde a la cuestión de la distancia entre el ocio y el vivir, el trabajar y el vivir que son facilitadas por la mejor distribución de los equipamientos sociales y el mejoramiento de las vías de acceso, que pueden ser vencidas caminando, incluso mejorando las áreas verdes, no necesariamente grandes, “no es necesario que sean grandes plazas ni grandes parques, pequeñas plazas y perspectivas con puntos de verde entrelazados son suficientes” (p.58). Con esa posibilidad, el número de coches particulares disminuye en las calles y, en consecuencia, disminuye la concentración de CO₂, mejorando la calidad de aire y de vida.

Otras redes de transporte son pasibles de mejora para ga-

garantizar la calidad deseada, son las redes de energía, agua, teléfono, saneamiento y también la red de fibra óptica. El ECD informa que la red de alto voltaje ocupa hoy 100 km², lo que equivale a todo municipio de Barcelona, utilizando en espacio que podría ser mejor aprovechado si fuera subterráneo, tanto por el impacto visual (estético) como por la seguridad (técnico) de los 66.000 voltios al aire libre. La última afirmación de ese ítem es categórica:

“En otro orden de cosas, el acceso a las redes de servicios telemáticos debe ser un derecho de todos los ciudadanos como uno de los derechos básicos que ofrece la ciudad cuando se hace uso del principio de igualdad” (p.58).

Eso es importante para garantizar la no segregación tecnológica de las personas, tanto en el momento de transición como después de su implantación. Retoma la banalización de que decíamos anteriormente, o sea, que la tecnología no sea sólo para una minoría de iniciados.

El ítem b, sobre el mejor aprovechamiento de la energía en la ciudad compacta y, consecuentemente, aumento de la complejidad, indica una fórmula donde H = diversidad e Y = energía consumida. Así, por medio del cociente Y/H , su aumento o disminución en un espacio puede convertirse en energía para todo el sistema. Aumentando el H tenemos idea de mayor proximidad, con una diversidad espacial mayor. Esto es importante cuando el mayor dispendio de energía en la ciudad es el transporte mecanizado y, reduciendo la distancia por medio de las TIC, la economía pasa a ser mayor. Concluye que la planificación “del territorio, base de las acciones, que disminuyeran el cociente Y/H /permitirían corregir, en parte, las disfunciones del sistema actual y hacer flexibles algunas de las variables que hoy más condicionan el funcionamiento del ecosistema urbano y su entorno. Su lógica interna incluye:

- Aumento de la complejidad en espacios relativamente reducidos;
- Disminución en ocupación del suelo, realizando las mismas funciones;
- Reducción del tiempo para el contacto entre los diversos;
- Reducción de energía consumida para mantener y hacer

más complejo el sistema;

- Reducir la inestabilidad por qué proporciona un número mayor de circuitos reguladores (p.59).

En este punto (ítem c) el estudio ya comienza a direccionar sus afirmaciones para la aplicación del modelo propuesto en un barrio, pues este posibilita un análisis más purificado de las ventajas y desventajas. Aumentando la diversidad de usos en el barrio, en un mix de residencias, actividades económicas, servicios y equipamientos, proporciona mayor complejidad y sustentabilidad. El hecho de existir informaciones anteriores materializadas en el paisaje – las rugosidades – no dificulta la implantación del modelo propuesto ya que la complejidad sin aumento del suelo urbano utilizado es factor de desarrollo y competitividad de las ciudades, utilizando menos y mejor la energía disponible. La justificación utilizada por el ECD es que no convence mucho, pues busca en las ciencias naturales aquello que es socio-cultural, ejemplificando que varios árboles pueden mezclarse aunque una especie domine “gran parte del espacio de un territorio” (p.64). Desde nuestro punto de vista, el hecho de que una actividad económica domine un espacio, no perjudica las otras, al contrario, lo que tenemos son varias actividades dividiendo el mismo espacio. Esto no implica que todas las actividades sean hegemónicas. En ese punto, la industrialización en el Poblenou fue garantizando gradualmente su hegemonía, en aquel territorio y en la ciudad de Barcelona, junto a las otras áreas (Sants, Gràcia, Raval).

La cuestión principal es la teórica. La búsqueda de un naturalismo, aunque haya sido “sólo una manera de expresarse” o de hacerse entender. El estudio, como recordamos varias veces, fue una de las bases para el MPGM de Barcelona y, en ese sentido, no es posible admitir un ejemplo de esos, pues implica naturalizar aquello que es sociocultural y, a su vez, puede llevar a una simplificación del proceso por parte de aquellos que lo dirigen. Eso facilitaría acciones de especulación inmobiliaria, segregación tecnológica, desmovilización de vecinos, contrario a todo que el ECD viene afirmando hasta el momento y lo que aún vendrá. También debemos recordar que anteriormente fue colocada la ciudad como ecosistema debido al hombre ser un cuerpo vivo. En el caso de la especulación inmobiliaria, la sim-

plificación del proceso de la ciudad del conocimiento puede ser entendida como posibilitar un área con edificaciones de determinada infraestructura para vivir y o/trabajar (los lofts) o generar una carrera en nuevas construcciones, conforme las normas aprobadas permitieran. Si es cierto que en Barcelona los PGM no destruyen la ciudad para construir otra, también es cierto que el suelo urbano es mercancía y ese movimiento es internacional. La segregación tecnológica ya fue tratada aquí cuando hablamos del secreto. Esa y la cuestión sobre la desmovilización de los vecinos y, claro, la especulación, están todas imbricadas. En todo ese proceso no es posible y ni deseable la simplificación, pues la complejidad debe ser uno de los objetivos a ser alcanzado a través de una nueva forma de hacer urbano.

El ítem f trata de calidad urbana y calidad de vida enlazando lo que estábamos diciendo anteriormente. Ambas calidades dependen de factores socio-económicos y físico-espaciales y para eso se hace necesario orientar la forma, la gestión, la salud pública, fomentar el contacto, el intercambio y la comunicación, la seguridad, preservando en los barrios los espacios públicos y edificios con significados históricos y culturales. Por lo expuesto, se ve la dura tarea de promoverlos, pues es necesario aliar los objetivos físico-espaciales y los socio-económicos. Esos son los primeros objetivos que el MPGM debe adecuar en sus proyectos de modificación territorial de modo que el suelo urbano alcance el esperado, sin daños mayores a largo plazo. Eso puede desbarrar en problemas políticos de continuidad administrativa (elecciones, liberación de presupuesto, atrasos, etc.) Tampoco los objetivos socioeconómicos no andan con menos problemas, ya que, al mismo tiempo que necesitan responder a las demandas inmediatas, necesitan también prever y proveer las de medio y largo plazos. Así, los objetivos más técnicos (físico-espaciales) necesitan estar evolucionando y respondiendo a otros dos (socioeconómicos). Eso representa un movimiento de responder, ofrecer y volver la preguntar por las demandas. De esa manera, la calidad se torna un constructo permanente, sin el cual arriesgaríamos aprisionar la calidad en patrones temporales que estarían rápidamente superados y sólo idealizados. Al alcanzar un objetivo en la calidad urbana y de vida, otro se presenta de inmediato.

Aún buscando justificación para ese ítem, el ECD cita Quim Larrea y Juli Capela, para quienes los objetos del futuro o en los próximos 15 años – ellos escribieron en 1996 – serán “pequeños, leves, perdurables, reparables, desmontables, portátiles, biodegradables, eficientes, multiusos, reciclables, reutilizables, com-partidos y afectivos, no tóxicos y ni peligrosos” (p.67).

Estamos de acuerdo con todo eso y añadimos: rentables y producibles en escala industrial...

Sin ironías, desde que el diseño industrial es estudiado y proyectado dentro de criterios más científicos, eso es lo que todos los designers buscan. Una mirada en el Museo del Design de New York comprueba las raras veces en que eso fue alcanzado hasta hoy.

¿Será que en esa primera década del siglo, finalmente, alcanzaremos?

Era sobre ese tipo de idealización de que hablábamos anteriormente... El papel de la ciencia no es prever el futuro, pero anticipar. Sin embargo, nos importa la calidad de vida y la calidad urbana discurrida en el ítem f. Por lo expuesto, se ve la dura tarea de promoverlos, pues es necesario aliar objetivos físico-espaciales y socioeconómicos.

El próximo ítem – 3.6 – es importante porque ofrece los objetivos y propuestas jurídico urbanísticas y, destaca el Poble-nou, como paradigma del nuevo suelo urbano (en el ítem 3.7) dejando otras áreas posibles para las pocas páginas finales del estudio. Así, Mataró, Sabadell y Terrasa, áreas industriales de la región metropolitana, son tratadas en conjunto sólo en el ítem 3.8. Eso refuerza más la propuesta y posición del ECD con relación al Poble-nou como la mejor opción para el 22@ BCN.

Objetivos y Propuestas Jurídico-urbanísticas a desarrollar. La teoría urbanística del suelo urbano. El 22@.

El texto comienza con la reafirmación de que las actividades del sector de las TIC afectan todos los sectores económicos y de ahí que requieren una nueva definición en el MPGM como una subzona del 22a, la zona industrial. Sin embargo, eso ya había sido abordado anteriormente, lo que ese ítem refuerza (ya que el texto viene subrayado) es una nueva visión del hacer urbano;

el ECD afirma que:

“... hay que partir de la realidad socio-económica que el urbanismo actual oculta. Así, conectado al aprovechamiento de más valía por la comunidad, uno de los principios cardinales y básicos que inspira y estructura el urbanismo es el equilibrio de costes y beneficios tal como se ha recogido y recoge en la legislación provincial y autónoma.

Este principio jurídico es hoy voz superada por la realidad socioeconómica. Este binomio (coste-beneficio) está claramente decantado por los beneficios que obtienen los propietarios y promotores de la acción urbanística... lejos del equilibrio y lejos de desear el aprovechamiento de más valía por la comunidad.

...Hay que sustituir su dinámica por una dinámica productiva” (p.82).

El punto de partida propone, realmente, que las modificaciones del PGM dificulten la especulación inmobiliaria en el Poblenou a través de la implantación de las TIC. La definición de una subzona de la zona industrial o 22a es una forma de garantizar la continuidad de las empresas que están en el local, modificadas sólo para adecuarse a las calidades ambientales exigidas y a las nuevas empresas. Aún flexibiliza el uso del área 22@ para las viviendas. Eso garantiza la legalidad de varias viviendas que, en el PGM de 1976 quedaron ilegales, por el uso de suelo industrial del lugar. El PGM acepta la subzona 22@ “pues se trata de una evolución del uso industrial tradicional” (p.82), siendo 22@ porque sería establecido el destino del suelo urbano principalmente las empresas vinculadas al nuevo sector informacional. Y, “conceptualmente, es mejor utilizar el término subzona que zona industrial” (p.82). Con eso, el ECD presenta la definición (22@) y el concepto (subzona) para el área que será modificada por el PGM y que, de antemano, está siendo pensada para un barrio y no ciudades.

Otro concepto “adecuado al carácter industrial de la subzona”, son los lofts, que el ECD afirma sean innovadoras *ha-*

*bitages-tallers*¹¹. Las definiciones y conceptos tienen la ventaja de evitar alteraciones profundas en las áreas industriales ya existentes, mejor dicho, en la legislación que rige esas áreas, añadiendo como subzona la actividad de las TIC. Aunque no estemos de acuerdo con la citada “evolución del uso industrial tradicional”, para la nueva subzona, pues entendimos que, mientras técnica, las TIC son distinguidas de las tecnologías industriales en su proceso de producción y en la apropiación de más valía que no acontece de forma tan clara, como en la industrial. O sea, la fluidez y la flexibilidad “encubren” el producto, diferenciando el modo como ese producto debe ser analizado. Sin embargo, se puede forzar un poco la comprensión y entender la afirmación para el espacio escogido – el Poblenou – con su uso industrial anterior. En ese punto, la aplicación del Proyecto 22@ sería una “evolución del uso industrial”.

Lo que tenemos no son sólo meras técnicas, pues todas las transformaciones que las tecnologías de la información y comunicación operan hoy, generan profundas consecuencias sociales. Si esa afirmación del ECD tiene la ventaja de evitar una discusión mayor sobre las áreas industriales en actividad, parte de un pensamiento industrial para proponer el informacional, o sea, el anterior para proponer el inexistente en el lugar, por lo tanto, nuevo. Con respecto a los Lofts como “revolucionarias *habitages-tallers*”, por lo que ya fue presentado sobre ellos y sus usuarios, queda deducido que se espera un cambio en el perfil de las personas del barrio, con nuevos habitantes. Repetimos, si las actividades conectadas a las TIC son revolucionarias, ídem para la forma de habitar, entender el área como subzona del área industrial es retardar un debate para el cambio de la legislación de las áreas industriales que tendrá que acontecer, a la corta o a la larga. Cuando el Poblenou esté con las transformaciones ya en marcha y otras siendo instaladas, pues se prevé un plazo de diez años para eso, las contradicciones serán aparentes y exigirán soluciones más inmediatas. Aunque se hable de realidad socio-económica, no es preocupación del ECD profundizar el debate. Queda la pregunta sobre la identidad del Poblenou pues el estudio no define qué es y ni cómo se está

11 Viviendas-talleres o viviendas-atelier

entendiendo la tradición y la innovación y, con eso, los lofts pueden ser “adecuados al carácter industrial de la subzona”, sin mayores implicaciones sociales. ¿Cómo pueden ser revolucionarios y adecuados al carácter industrial, al mismo tiempo?

La otra “propuesta concreta” es lo que el ECD llama de Migración “de usos existentes”. En la práctica, la migración es la remodelación de los edificios existentes, modernizando, notando, etc., sin ampliación del edificio y ni del valor de la m². Los sistemas están subdivididos en La y B, Espacios libres y Equipamientos, respectivamente. El primero contradice lo que ya fue dicho anteriormente sobre las áreas verdes, “cabría prever también las grandes zonas verdes en su sentido cualitativo y cuantitativo” (p.84), lo que beneficiaría la población del barrio y de la ciudad en general. En Equipamientos, insiste en la necesidad de pensar la Universidad como un equipamiento comunitario de búsqueda y necesario al progreso del sector. En la elección y efectivación de los equipamientos se debe llevar en consideración el desarrollo de la personalidad de los ciudadanos y la complejidad de usos.

El próximo ítem – 3.7 – tiene el sugestivo título de Poblenou como el paradigma del suelo industrial de Cataluña (p.88). Sin embargo, reafirma todo lo que ya fue dicho anteriormente, en sólo una hoja y no da cuenta del propuesto: firmar un paradigma. Decir que el barrio del Poblenou tiene potencial no lo califica como paradigma. Aún más cuando se afirma que:

“...hoy, cuando una gran parte de aquellas industrias dejaron espacios desocupados, y componen un proceso de desindustrialización progresiva,(SIC) se impone la necesidad de aprovechar este patrimonio histórico y de reutilizar, en consecuencia, este espacio para desarrollar aquello que le es propio, la industria, **para hacer lo que constantemente hizo el Poblenou, adaptarse al cambio tecnológico**¹², incidir en la innovación del concepto industrial, y permitir así un desarrollo equilibrado del territorio donde son posibles las actividades productivas de la industria competitiva con sus servicios asociados con el nuevo sector de las TIC”.

Las propuestas concretas se presentan en cuatro grandes líneas del que deberá ser hecho en el barrio, definiendo es-

12 El destaque en negrita es nuestro.

pacio público, espacio privado de uso comunitario y espacio privado de uso público. Esos tres niveles comprenden desde suelo y subsuelo hasta conexiones de redes infraestructurales y preocupación con el medio ambiente. La infraestructura va a detallar algunos aspectos básicos – agua, energía, residuos, frío/calor – proponiendo algunas actuaciones avanzadas para el barrio, “...la zona de Barcelona con el mayor déficit infraestructural” y la zona menos avanzada, en relación a los servicios (p.90). En el Mobiliario Urbano hay, por ejemplo, un centro de cargamento de batería para vehículos eléctricos y sistemas de información online; para las Redes telemáticas son diez las posibilidades citadas con lo que hoy puede ser considerado como lo más avanzado en tecnología informática.

CONCLUSIONES

La conclusión del estudio refuerza los puntos y los conceptos centrales aplicados al caso de la región metropolitana de Barcelona:

- Calidad de vida;
- Situación relativa;
- Infraestructuras (p.151).

Esos factores son comunes en las veintiuna ciudades citadas por el ECD, siendo el factor decisivo, para la implantación de empresas del sector de las TIC, la infraestructura. Una característica bien definida, en todas ellas, es el entorno urbano, por el tipo de trabajador y por estar más cerca de los centros de decisión que de los centros de producción. Como conclusión general presenta cinco puntos que no añaden nada además del que ya había sido expuesto y parece que la sustentabilidad es la principal garantía de la ciudad del conocimiento. El conocimiento es cada vez más la materia prima de los procesos productivos de los países desarrollados y, para evitar la marginalización social, “que viene de la desconexión con los procesos de generación y difusión del conocimiento” (p.152), es necesario crear nuevas políticas educativas direccionadas a la formación permanente. Los tres momentos: política educativa, sistema universitario y

formación permanente deberán estar en una simbiosis que posibilite la creación de una cultura de información y creación de una autoaprendizaje permanente.

La llave está en el proceso creativo, así como la gran dificultad. Ese proceso implica los Centros de R+D, directamente, como elemento importante de la nueva ciudad del conocimiento y, por otro lado, la posibilidad de superar el déficit de Centros Tecnológicos en Cataluña. Para tanto, será necesario formación competente – y continuada – pues el éxito de un programa industrial con la interrelación Universidad-Empresa está conectado directamente la implantación de un nuevo modelo educativo.

“El gran crecimiento se produce a partir de una primera masa crítica que, o bien aparece espontáneamente, o bien estimulada por el sector público. Esa masa se consigue más o menos rápidamente dependiendo del mercado local, cultura informacional de la población y existencia de transnacionales o espíritu emprendedor” (p.157).

Lo que esa conclusión sugiere es un nuevo direccionamiento de la educación formando para la informacionalidad. Muy bien, eso parece razonable, no fuera el hecho de que ese “modelo” es el mismo de las escuelas técnicas de la década de 1970 para formar para la industria una mano de obra calificada. En ese punto el “modelo” no se nos muestra innovador. Tampoco es este el lugar para debates sobre el papel de la educación, sin embargo, no nos parece el mismo modelo transnacional y con espíritu innovador; no existe una implicación directa como el ECD está afirmando. En lo que respeta a la planificación urbana, se conecta de forma directa también a la educación y al conocimiento para el aumento de la complejidad del ecosistema (la ciudad). El sector que está más concretamente conectado a las actividades de las TIC, y puede contribuir como soporte para ellas, es el new media: publicaciones, asociaciones públicas o privadas (que el ECD no explicita cuáles sean), finalmente, los sectores conectados a la editoración y planificación gráfica. Esas actividades tienen algunas características, conforme el ECD, con implicaciones espaciales importantes, la flexibilidad de uso, tiempo y de la propiedad del suelo urbano y el funcionamiento 24 horas por 7 días de la semana, de las actividades

TIC. Con eso, abre la posibilidad del uso constante del espacio por las actividades económicas de las TIC y una mayor interrelación personal porque no habría la diferenciación entre el vivir y el trabajar (como es el caso de los Lofts).

Ciudad de las ideas
donde paso algunas noches
encerrado en el silencio de los monjes.
Ciudad de las ideas,
yo me baño por la tarde
y me empapo de la sal de tus detalles.
si es que las palabras
se las lleva el aire
que las mías se las lleve hasta tu calle.

AMIGO, Vicente – Ciudad de las Ideas. BMG Music Spain, 2001

Después de esa presentación del Estudio Ciutat Digital (ECD) hecho por el Instituto Català de Tecnología de Barcelona, para poner bases a las Modificaciones del Pla General Metropolità de Barcelona, pasaremos a tratar, no sólo de esa Modificación – o el Text Refòs¹³ – pero de los Plans Especials de Reforma Interior dels sectors: Llull – Pujades Llevant i Perú – Pere IV¹⁴. Los dos sectores fueron los primeros aprobados en marzo de 2001 para la renovación del Poblenou. Posteriormente, en junio del mismo año, ocho proyectos más de iniciativa privada fueron aprobados después de la exposición de los proyectos y competencia entre las empresas solicitantes del espacio. Optamos por incluir el Text Refòs porque en él están definidas las áreas que serán modificadas por el PGM-BCN. Sin embargo, mucho de lo que ya fue descrito hasta aquí se repite en ese texto. Lo utilizaremos sólo para indicación. En segundo lugar los planes privados para el Poblenou y algunas consideraciones para poner punto final a lo que hicimos hasta el momento.

Modificación del Plan General Metropolitano para la Renovación de las áreas industriales del Poblenou – distrito de Actividades 22@ BCN – Texto Referencia

¹³ Texto tomado como referencia.

¹⁴ Plan Especial de Reforma Interior de los Sectores: Llull – Pujades levante y Perú – Pere IV.

El texto tomado como referencia, que se analiza ahora, es fruto de varios momentos de estudios y de debates en Barcelona. A partir de los Juegos Olímpicos de 1992, la ciudad sufrió modificaciones significativas, conforme explicitado anteriormente, cabiendo destacar la villa Olímpica, al lado del barrio del Poblenou. Lo que ocurre es que, desde el PGM de 1976, esa área del Poblenou era considerada industrial (llave 22a del PGM), aunque se haya perdido, entre 1963-1990, un número considerable de industrias, alrededor de 1326 empresas. El direccionamiento de la economía de Barcelona, principalmente, para los sectores de turismo y servicios, hizo con que grandes partes del suelo urbano del Poblenou fueran abandonadas en su uso industrial por la transferencia de las empresas para otras áreas.

Por la posición privilegiada del barrio, era necesaria su remodelación, aprovechando esos edificios industriales antiguos, pero garantizando, al mismo tiempo, que no fueran simplemente derrumbados para dar lugar a las nuevas construcciones. Con base en las experiencias e ideas de las llamadas ciudades del conocimiento, el Ayuntamiento de Barcelona, juntamente con la iniciativa privada y las Universidades, iniciaron un debate sobre el uso de los 1.160.000 m² “disponibles” del Poblenou. El 27 de julio de 2.000 la subcomisión de Urbanismo del Municipio de Barcelona aprueba definitivamente la MPM, el instrumento oficial que promueve y autoriza la modificación del PGM de 1976. Entre las modificaciones más importantes está la creación de la subzona 22@ pues, el área industrial de la ciudad es determinada por el símbolo 22a. La inclusión del @ como subzona de la “a” crea un concepto hasta entonces inexistente en el PGM: las áreas destinadas a la alta tecnología y las empresas de información y comunicación (las TIC). Eso posibilita una actuación urbana apoyada en un documento oficial de suma importancia para el presente-futuro de la ciudad, pues, no altera la zona industrial y al mismo tiempo modifica la antigua zona industrial del Poblenou. Hoy considerada una área estratégica para los intereses de muchas áreas económicas de la ciudad.

El nuevo concepto garantiza aún un otro camino para el hacer urbano basado en la sustentabilidad. A su vez, eso implica la consideración del medio ambiente en su totalidad espacial, de fijos y flujos, en el momento de aprobar proyectos para el área.

La flexibilidad de la MPGM está de acuerdo con la dinámica que las actividades @ exigen, esto es, priorizando los flujos, las actividades @ imponen la dialéctica local-global en la producción-transmisión y consumo del conocimiento, ya que todos ocurren al mismo tiempo. De esa manera, la MPGM normaliza los fijos sin “prender” los flujos, lo que facilitará las inversiones en el lugar. Están previstos diferentes equipamientos que los Planes Especiales deben desarrollar:

- a. Reforma Interior;
- b. Integrales;
- c. Desarrollo de los sistemas de equipamientos y espacios libres;
- d. De infraestructura y de subsuelo.

Tres planes de Reforma Interior ya están en marcha en los sectores Llull-Pujades (llevant), Perú-Pere IV y Campus Audiovisual, a cargo del Ayuntamiento de Barcelona, siendo que el sector Llull-Pujades (llevant) está aprobado en definitivo y los otros dos aprobados inicialmente. Tres sectores más están en fase de redacción, siendo ellos Parc Diagonal, Llull-Pujades (ponent) y Eix Llacuna. Juntos, los tres primeros planos completan 400.000 m² para: actividades económicas de alta tecnología, la construcción de 700 nuevas habitaciones siendo el 25% para alquilar, 66.000 m² para equipamientos y 42.000 m² para áreas libres y zonas verdes.

La MPGM prevé seis formas de transformación de Planes Especiales:

- 1. Ámbitos predeterminados, impulsados por el Ayuntamiento;
- 2. Planes de ámbito mínimo de la isla;
- 3. Planes de edificios industriales consolidados;
- 4. Edificios industriales de interés;
- 5. Fronts consolidados de viviendas ;
- 6. Partes de más de 2.000 m².

Dentro de la flexibilidad, en la que la MPGM está prevista, ocho planes especiales privados ya fueron aprobados, siendo

seis para los edificios industriales consolidados, uno de ámbito mínimo de la isla y otro para la parte de más de 2.000 m². De esa manera, la MPGM se coloca como un instrumento importante, si no el más importante en la transformación del barrio del Poblenou y de la ciudad de Barcelona. Con relación al Plan General Metropolitano, la MPGM cita que no introduce modificaciones que alteran la estructura general y orgánica del territorio y ni tampoco modifica el uso global del Poblenou con la subzona 22@, manteniendo la vocación industrial, sin embargo, modernizando y actualizando su uso, pues se trata de una actividad diferente de la industrial convencional. El objetivo fundamental apuntado de la regulación “de la subzona 22@ es dar un tratamiento idóneo a los edificios existentes, anteriores en muchos casos a las propias industrias instaladas, producto de procesos de urbanización históricos” (p.6). Eso, en la práctica, legaliza próximo de 4.600 viviendas que el plan anterior consideró ilegales, pues no eran compatibles con el área industrial.

La MPGM prevé aún la rehabilitación “destinada a la ocupación de los edificios industriales existentes”, o sea, garantiza la posibilidad de la transformación de antiguas industrias en lofts, uniendo actividad económica y vivienda. Al mismo tiempo, las nuevas viviendas deben estar de acuerdo con la normalización de espacios libres y equipamientos de 31 m² de suelo para cada 100 m² de edificaciones. Eso amplía en 13 m² los espacios libres, con relación a las otras áreas de la ciudad, aumentando el área de circulación y dejando los ambientes más de acuerdo con las necesidades de residencia-trabajo-ocio. En lo que se refiere a la normalización para equipamientos conectados a las universidades, su simbología es 7@ y será regido por un Plan Especial. La relación Universidad-Empresa, conforme ya fue relacionado anteriormente, se coloca como uno de los puntos cruciales para el éxito de la ciudad del conocimiento, como demuestran las experiencias de otras ciudades. El capítulo 2, por su parte, introduce el concepto de Nueva Zona 22@, utilizando mucho del estudio del ECD para justificar la ciudad del conocimiento en Barcelona. Como indica el ítem “Los procesos urbanos de implantación de las TIC”, la experiencia pionera del Silicon Valley, ese modelo norteamericano, fue seguido en muchos lugares, en especial en el continente asiático. Sin embargo el propio

desarrollo espacial de las actividades conectadas a los centros urbanos, en Europa las TIC utilizaron los barrios anteriormente industriales, transformando el proceso productivo y urbano del área, como es el caso de Torino y Londres.

A pesar de las diferencias, un factor es determinante en ambos modelos: la flexibilidad de los espacios. Esa indicación que David Harvey hizo en 1989, tratando el pasaje del modelo fordista para la economía flexible. Espacialmente, la flexibilidad ultrapasa el aspecto de la producción y todo necesita ser flexible, o sea, la propiedad del suelo urbano, sus usos, sus funciones, el transporte, la comunicación, entre otros. Todo eso conectado al nuevo producto que es el conocimiento. Tal producto – y su producción – no envuelven (directamente) un sistema de producción poluyente y con eso, la calidad de vida en varios aspectos (aire, agua, energía) mejora.

La Renovación Urbanística del distrito Industrial del Poblenou

El objeto de renovación es el barrio del Poblenou que reúne condiciones físicas – tejido productivo existente, sistema viario, proximidad al centro – y humanas, aliados al hecho de ser el área donde las antiguas industrias están desactivadas. Algunas ventajas son desconsideradas: el plan del Eixample Cerdà que, con su racionalidad, demostró durante toda su historia la capacidad ordenadora, tanto del punto de vista funcional como el morfológico (p.13). La propuesta de modificación actuará sobre ejes urbanos y áreas estratégicas. De esa manera, alcanzará todo el barrio – y la ciudad – desarrollando puntos de mayor importancia en el barrio.

Fueron escogidas seis áreas (p.15):

1. Eix Llacuna – eje para reforzar la relación mar-montaña;
2. Camp audiovisual – será reaprovechada la fábrica Can Araño y los espacios en su entorno para actividades de cultura y nuevo audiovisual;
3. Parc Diagonal – creación de un centro de actividad con frente al futuro Parc Diagonal-Pere IV;
4. Llull-Pujades (levant);

5. Llull-Pujades (ponent) – combinación de actividades económicas y residencias;

6. Perú – Pere IV – extremo norte de la Pere IV con intención de crear otra centralidad.

Para las modificaciones propuestas, los objetivos son:

1. desarrollar áreas especialmente sensibles del Poblenou que, a través de la planificación y la gestión pública, actúen como motor en la transformación del barrio, de condensadores urbanos y de locales emergentes, identificables, que ayuden a legitimar esta parte de la ciudad.

2. Otorgar coherencia y una mínima unidad a los tejidos y espacios de cada sector, aplicando los instrumentos urbanísticos, corregidos o experimentados, que consideren adecuados – prefiguración de la forma, ordenación de equipamientos, control flexible de la arquitectura, dirección de procesos, etc. La cohesión morfológica dará a cada sector identidad y sentido del local.

3. Asegurar la necesaria confluencia de usos diversos para garantizar una complejidad funcional mínima. Cabe, en ese sentido, localizar estratégicamente los equipamientos y zonas libres y estudiar la compatibilidad de usos.

4. Dotar suficiente continuidad a los tejidos residenciales, contruidos a través de diversas tipologías – frentes callejeros, bloques, lofts, tipos experimentados para tal formar ejes o centros donde hay una clara apropiación social del espacio – apropiación difícil en áreas no residenciales donde el espacio es usado temporalmente – y garantía de la presencia de pequeña actividad terciaria que acompaña la concentración residencial.

5. Explotar la riqueza espacial y topológica que en gran medida ya existe actualmente, trazo distintivo del barrio.

6. Desarrollar en cada sector sus vocaciones específicas en función del lugar y de la posición urbana.

A partir de las definiciones de las áreas y de los objetivos para la modificación, queda más clara la diversificación de las actividades económicas pretendidas y la diversidad en las formas de ocupar el espacio urbano. Con las modificaciones podrá

alcanzar un nivel de productividad mayor que se puede hoy. O como diría Santos: “Es como si el suelo, por medio de las técnicas y de las decisiones políticas que incorpora, constituyera un verdadero depósito de flujos de más valía, transfiriendo valor a las empresas que tienen en él su sede¹⁵”. Tomando por base los seis puntos y su localización en el barrio a través del Plano 1 – calificación urbanística propuesta, vemos que son dos “grandes bloques”, lo que conforma la selectividad de la modernización del barrio. Dentro de esos dos bloques tenemos aún ‘las operaciones de transformación predeterminadas’ seleccionando un poco más. Esas áreas, consideradas por la MPGM como estratégicas, están conectadas a las calles Pere IV y Diagonal y la Plaça Glòries Catalanes, exactamente donde hoy ya vislumbramos una mayor valorización inmobiliaria.

La proximidad del sector 1 – Eix Llacuna y sector 2 – Campus audiovisual, con La Rambla del Poblenou es otro factor a destacar, pues esa Rambla es un punto de referencia social para los habitantes del barrio y está prácticamente en su centro. También, conforme el Plano 2 – Edificios de Viviendas existentes, el sector 2 es el que presenta mayor concentración de esos edificios. Pues ellos se destacaron dentro de la MPGM, en el sentido de regularizar los ya existentes y partir para implantación y regularización de otros nuevos. Los criterios de la formación de front consolidado están basados en la evolución del grado de consolidación de cada edificio:

1. Segundo la altura del edificio: ≥ 4 plantas;
2. Segundo el número de viviendas: ≥ 4 viviendas.

Así, define el front consolidado como grupo de dos o más partes con predominio de edificaciones de viviendas consolidadas dentro de los sectores de actividades industriales. Para eso debe:

- a. estar formado por 2 o más partes consolidadas;
- b. estar delimitado por partes consolidadas;
- c. con un mínimo de más del 40% de la longitud de fachada de edificios de viviendas consolidados.

15 SANTOS, Milton – Guerra dos Lugares. Folha de S. Paulo 8/8/1999, p.5-3.

Entiende la MPGM, que es positiva la presencia de residencias en el área para garantizar la complejidad de usos y la ocupación del barrio durante todo el periodo del día y de la semana. La actualización de la MPGM para el barrio del Poblenou, retomando la regularización de las residencias, implica, en este momento, crear un área de viviendas y permitir nuevas construcciones, importante para el sector inmobiliario y de servicios, también construcción de edificios de oficinas que viene a sanar un déficit de la ciudad. Para los habitantes, eso posibilita la venta legal del inmueble, una valorización directa para los propietarios y una nueva situación social con otros agentes componiendo la vida del barrio. Además de la reglamentación de las residencias y nuevas edificaciones, es necesario también regular las nuevas actividades @. Sin embargo, la definición precisa de lo que son las actividades @ no es tan simple. De esa manera, la MPGM añade un anexo donde, basado en los estudios del ICT, de la CNAE, NAICS, Silicon Alley de New York y otros (cap.5, p. 24), hace una relación que cubre las TIC, servicios y Centros de Saber.

Interesante notar que, entre las actividades descritas, no se encuentra ninguna conectada directamente con la gestión ambiental. Claro está que las actividades descritas tienen esa preocupación pero, no se espera una empresa del área instalada. Sin embargo, no excluye nuevas actividades que puedan surgir, quedando a cargo de una comisión escogida por el ayuntamiento, el análisis y la implantación de empresas en el barrio. El próximo paso de la MPGM es normativizar las reformas urbanísticas necesarias para implantar el 22@-BCN. Hasta ahora hablamos de la Memoria de la MPGM. Ahora pasamos a los 5 capítulos, 23 artículos, 4 disposiciones adicionales y 3 disposiciones transitorias que regularizan la zona, las actividades, los sistemas. El artículo 2 define el objeto de la MPGM:

“El objeto de la MPGM es la renovación de los suelos industriales del Poblenou por la creación de un moderno distrito de actividades económicas con infraestructura y urbanización adecuadas a los requerimientos de las empresas y con presencia importante de las actividades emergentes del nuevo sector de las tecnologías de información y comunicación (TIC). La investigación, la cultura y el

conocimiento, también son objeto de este plan: favorecer la diversidad de usos en su ámbito con el reconocimiento de los edificios existentes y la previsión de nuevos usos complementarios de ellos, en compatibilidad con las actividades”.

El artículo 3 define los documentos del propio MPGM y el artículo 4 la zona de actividades llave 22@ y crea los equipamientos comunitarios llave 7@, definiendo los suelos con ese destino. Ya el artículo 7 relaciona las características de las actividades @. Son ellas:

- a. utilizan procesos de producción caracterizados por la utilización intensiva de medios de la nueva tecnología;
- b. disponen de una alta densidad ocupacional (número de trabajadores o usuarios/superficie);
- c. generan un alto valor agregado ;
- d. están directamente relacionadas con la generación, procesamiento y transmisión de información y conocimiento;
- e. no son contaminantes, ni causan molestias y pueden desarrollarse en los medios urbanos centrales.

La MPGM garantiza aún otras actividades que puedan surgir dentro de las actividades @ y que puedan incorporarse a la modificación en los artículos 10, 16 y 17 del plan. Los equipamientos 7@ son los ya previstos por los artículos 212 de las Normas Urbanas (NU) incorporando los relacionados con la formación y la divulgación de las actividades @ y serán desarrollados a través de los Planes Especiales. Como ya dijimos, las definiciones, objetos y objetivos de las llaves 22@ y 7@ son muy importantes pues a través de ellas, las modificaciones son posibles. También es a partir de ellas que los proyectos presentados serán analizados por la comisión técnica del ayuntamiento.

Las nuevas llaves 22@ y 7@ dotan al territorio de otro valor al posibilitar la modernización de la técnica a través de las actividades TIC. Demarcados los puntos del territorio que serán modificados, y la localización del que será 22@ y 7@ (Mapa 1), oficialmente el territorio pasa a demandar, potencialmente, otros valores. Eso es la garantía que, a través de la ley, las empresas puedan invertir en Barcelona y específicamente en el

Poblenou. De esa manera el gobierno local cumple con su parte en la modernización del territorio, normativizando y oficializando cambios e infraestructuras que deberán ser cumplidos en fechas determinadas. El gobierno local se convierte en compañero de la iniciativa privada para garantizar los logros de esta última en la implantación de la ciudad del conocimiento.

Nos parece acertado afirmar que los papeles de los gobiernos cambiaron, contrariando los análisis que apostaban el fin del Estado como regulador. Decir solamente que los gobiernos cambiaron, no ofrece ninguna novedad. Las actividades TIC con la necesidad de infraestructura diferente de aquella industrial, exigieron – para su implantación – diferentes respuestas de los gobiernos que apostaron en ellas. Respuestas para preguntas que muchos gobiernos no tenían ninguna idea.

En el caso de Barcelona, la MPGM para transformación del Poblenou, muestra que los estudios, las discusiones y los debates fueron válidos, pues formularon las primeras preguntas y las posibles necesidades. Son esas primeras preguntas y las posibles necesidades que la MPGM responde de manera directa y objetiva, ya que la teorización quedó por cuenta del estudio del ICT. Las preguntas futuras quedarán, pues, a cargo de una comisión y le tocará a esa comisión contestarlas. Esa flexibilidad es, prácticamente, una exigencia para las actividades TIC. Tal exigencia trajo la primera lección a los gobiernos de las ciudades que buscaron implantar proyectos de esa naturaleza: no existe ningún modelo a ser seguido. Decimos eso porque, con La Revolución Industrial, Inglaterra y, particularmente, Manchester, creó un modelo que podría ser implantado, incluso con las especificidades de cada lugar. Los ingleses exportaron desde la arquitectura hasta el modo de producción capitalista. Las fases anteriores, llamadas precapitalistas, fueron superadas o ni existieron en muchos lugares, no eran necesarias. En la compra de los bienes de producción era posible también contratar un técnico inglés que comandaría el montaje y la utilización de máquinas, a veces, ese técnico acababa siendo un futuro industrial. De la exportación del modelo, se pasa a la propia transferencia de la matriz o filiales para otros lugares, lo que no garantizó la transferencia de know how o de los centros de decisiones y comando.

En el caso de las actividades TIC, el ejemplo mayor era el Silicon Valley, ahora es el Silicon Alley de New York, sin embargo, las especificidades son tan grandes que no es posible ‘copiarlas’. Pasa a ser un objetivo a ser alcanzado y no un modelo a ser copiado, como aconteció anteriormente con la industria. Y eso acontece en todas las experiencias. Barcelona hizo la opción por el Poblenou, Torino por la gran área antes ocupada por la Fiat y Michelin, Londres con un edificio antiguo del centro, Cambridge en un centro industrial transformado, etc. Queda claro que experiencias más recientes como la de Barcelona pueden beneficiarse del intercambio de ideas con los participantes en las experiencias más avanzadas en el tiempo. Eso puede beneficiar en los estudios de los costes y de las infraestructuras, pero la aplicación de esos estudios depende de la gana política y de las negociaciones conseguidas entre los diversos liderazgos locales. La flexibilidad, en ese punto, trae una despersonalización que contraría la política interna de muchas empresas. Formar parte de un proyecto mayor donde, aparentemente, ‘no existe un dueño’ puede desestimular grandes empresas con grandes carteras de marketing. Por otro lado, beneficia el desarrollo e incluso el surgimiento de las pequeñas y medias empresas que trabajan con menores tasas de ganancia y de mercado, alcanzando segmentos diversificados de ese mercado. Es el caso de los Bureaux que ofrecen los más varios servicios gráficos, multimedia, informáticos. Atendiendo desde la confección de tarjetas de visita, programas de educación ambiental, propagandas institucionales, creación de logos, jingles, a veces, campañas enteras, páginas Web, etc., hasta creación de softwares y CD room, gracias las redes de servicios tercerizados de que disponen. Con precios competitivos y una otra visión de mercado, esos servicios no requieren grandes espacios y no necesitan estar en el centro de las ciudades, ya que no es ese el factor principal para el éxito de la actividad, pero sí el factor creatividad e información. Hoy las actividades conectadas a la prestación de servicios generan grandes sumas en su conjunto y son esenciales en las ciudades, generan menos empleos directos pero muchos indirectos sin que los contratados trabajen exclusivamente para el Bureaux.

Interesante destacar que las actividades TIC generaron otra forma de pensar el territorio y las relaciones sociales. Con relación al territorio, la concentración – no especialización – en un lugar facilita la manera de intercambiar ideas y trabajo, sin embargo no es primordial. El caso del Poblenou es típico en ese punto. El cableamiento con fibra óptica facilitará mucho los trabajos de las empresas, sea de cual ramo sea, pero cuando la mayor parte de Barcelona esté cableada, ¿qué será del Poblenou? Evidentemente que, si el proyecto en el barrio es para los próximos diez años, los gobernantes deberán garantizar que, en las demás áreas de la ciudad, el cable llegue, aunque tarde un poco más. El gran diferencial del Poblenou no será de técnica, pero de conocimiento. Será – o podrá ser – un nicho flexible de conocimiento que estará al frente de otras áreas de la ciudad.

El objeto de la MPMG que es “renovación de los suelos industriales del Poblenou por la creación de un moderno distrito de actividades económicas con infraestructura y urbanización adecuadas a los requerimientos de las empresas y con presencia importante de las actividades emergentes del nuevo sector de las tecnologías de información y comunicación (TIC)”, es una opción geopolítica y no sólo económico-financiera, la legalización de los edificios de viviendas existentes comprueba ese acontecimiento, pues son actuaciones políticas sobre el territorio. Forman parte de esa opción también afirmaciones como “área degradada del Poblenou” y más clara aún las que encontramos en el discurso del Alcalde de Barcelona¹⁶, Afirmando que:

“La apuesta, pues, ha sido preservar la catalogación de industrial y añadirle densidad. Y aquí viene la segunda parte, radical, de la decisión. Sí, en términos europeos, mantener la catalogación industrial en el centro de la ciudad es un atrevimiento, un según atrevimiento es añadirle densidad, cuando habitualmente las tendencias que lamentablemente predominan en muchas ciudades consisten en la disminución de la densidad; incluso nuestro planeamiento, nuestra teoría urbana generalmente aceptada, que es

16 CLÓS, Juan. Barcelona: La ciudad del conocimiento. Conferencia impartida en el marco del Programa de Doctorado sobre Sociedad de la Información y el Conocimiento de la UOC (Barcelona, 28 de mayo de 2001)

la filosofía del Plan General Metropolitano, es la reducción de la densidad. Creemos que en la ciudad del conocimiento la apuesta en él tiene éxito sí en él está presente la densidad, y debe ir asociada a ciertas economías —externalidades, según los economistas— derivadas de la agregación. Es decir, la proximidad entre esta actividad genera en sí misma una externalidad positiva que se convierte en valor económico.

El modelo de la ciudad del conocimiento, desde el punto de vista del tejido urbano, de la trama urbana, se basa en la mezcla como concepto urbanístico principal —la en el-especialización del territorio en tramos productivos y residenciales— y en la garantía de presencia de puestos de trabajo de calificación media y alta, junto la capacidad que la ciudad ya tiene como forma natural de atraer puestos de trabajo de nivel en el cualificado —servicios a las personas, restaurantes, lavandería..., en fin, este tipo de servicios que son típicos de las ciudades turísticas, por decirlo de alguna forma—. Nosotros en los defendemos de esta especialización a través de la catalogación del 22@.

A buen seguro, crear la subzona 22@ fue muy inteligente por parte de la comisión encargada. Eso evita grandes transformaciones burocráticas y al mismo tiempo no altera aquello que se aplica a las industrias. Y, más importante, posibilita que, en el futuro, otras áreas metropolitanas pasen de 22a para 22@”.

La densidad que ya fue citada aquí y ahora comentada por el Alcalde es una apuesta para mantener los límites de crecimiento de la ciudad, sin que ella aumente horizontalmente. Esa propuesta-apuesta resuelve otra cuestión: la migración de personas de baja renta y baja escolaridad para el Poblenou, normalmente inmigrantes. En los tiempos de la industrialización la migración para el barrio era de españoles venidos de otras áreas de Cataluña y de España como un todo, hoy la emigración de marroquíes, latinoamericanos, en búsqueda de una mejor posibilidad de vida, trae problemas de los más diversos para la administración de la ciudad.

En el Poblenou la propuesta-apuesta es la “gentilificación”, esto es, elevar el nivel medio de la población local con la llegada de personas de rentas y formación más altas. De un barrio históricamente popular, formado por masas de trabajadores

de la industria, se proyecta un barrio “nuevo”, con características distinguidas de aquellas pasadas. Se mantiene el carácter industrial, sin embargo, de la nueva economía. Las posibles nuevas viviendas, posibles porque ni todos irán para los lofts, basadas en las experiencias de la década del 60 en los EE.UU., ya son realidad. Si el loft de Mariscal en 1992 fue pionero, ocho años después no causa más espanto o admiración, al contrario, ya está incorporado al cotidiano de las personas.

Tomemos el ejemplo del loft del Paseo Isabel II, n.º 6 en Barceloneta. El proyecto de los arquitectos Carlos Nicolau e Inés Rodrigues Mansilla duró 12 meses (de julio 1998 a junio 1999), no en una fábrica pero en un edificio antiguo y, conforme sus autores el coste de la obra fue 84.142 € y el mobiliario 15.016 € para una superficie de 130 m². Por lo expuesto, podemos ver que los nuevos posibles moradores, ya definidos anteriormente, generando un novo proceso, pueden generar nuevas demandas para el local “no permitiendo” o dificultando la presencia de personas con otras características. Así, lo que la MPGM regulariza y transforma, consigue alcanzar directamente la formación social y económica no sólo del barrio, sino también de la toda ciudad.

La infraestructura necesaria está definida en el artículo 19 e incluye, además de los servicios básicos (agua, gas, iluminación, saneamiento) las redes de fibra óptica y redes de telefonía y telecomunicaciones. Pero, la primera disposición transitoria puede acarrear problemas de orden social y laboral pues “las edificaciones y usos actualmente existentes en suelos calificados con 22@ que dispone de licencia municipal y que no resulten admitidos con la nueva regularización tiene la consideración de desconformes, sin perjuicio de las determinaciones que puedan establecer los Planes Especiales de las actuaciones de transformación” (p.18).

Lo que ocurrió anteriormente con las viviendas hoy acontece con las actividades industriales: a partir de una modificación de planificación urbana están desconformes con el local donde están instalados. Y la MPGM va más allá; prohíbe cualquier nueva construcción industrial no incluida en la llave 22@. En relación con la construcción de oficinas o la transformación de locales para ese fin, la MPGM cita los estudios de la empresa

Aguirre Newman que concluye:

La demanda de techo terciario en el Poblenou coloca el barrio como motor de la ciudad de Barcelona.

Barcelona tiene actualmente un stock de 4 millones de m² de oficinas, lo que representa 56 del stock de Madrid y 16 de Londres.

El ayuntamiento debe garantizar la transformación del Poblenou independiente del ciclo económico e inmobiliario. La visión debe ser de 15-20 años. El ejemplo más claro viene a ser Docklands de Londres, es el mejor ejemplo de como una ciudad garantiza su posición en Europa regenerando un área degradada...

Se estima que lo Poblenou tiene un potencial de absorción terciaria en 10 años de 1,4 millones de m².

Si Barcelona no crea el polo terciario del Poblenou, es necesario crearlo en otra localización. Si no, continuará perdiendo usuarios que se mudan a un sitio más fecundo.

El desarrollo terciario del Poblenou se hará de forma gradual y buscando concentrar núcleos terciarios.

Para la transformación del Poblenou (existen tres escenarios de absorción según el tipo de intervención):

1. Transformar el Poblenou con usos que incluyen terciario y dejar que el mercado regule la promoción de oficinas, tipos de usuarios y absorción.

2. Transformar el Poblenou con un componente terciario importante por medio de una gestión activa del ayuntamiento.

3. desarrollar la opción anterior combinado con acciones de marketing directo para atraer demanda y fomentar el interés por el Poblenou. Aún conforme al estudio, eso genera:

En la opción 1: 35.000 m²/año a 1500-1700 pstas/m²/mes

En la opción 2: 95.000 m²/año a 1900-2200 pstas/m²/mes

En la opción 3: 135.000 m²/año a 2200-2400 pstas/m²/mes

	Opción 1	Opción 2	Opción 3
Capacidad de absorción	35.000 m ²	95.000 m ²	135.000m ²
% de absorción de Barcelona	17,76%	48,22%	68,53%
Tipología dos Edificios	talleres semi-industriales	Zona Diagonal Calle Tarragona	Zona diagonal Calle Tarragona
Tipología del Usuario	Busca oficina barata con depósito	Águas de BCN Gás Natural	IBM CitiBank
Efecto	El factor industrial sigue predominante	Poblenou como centro de oficinas	Se proyecta a los niveles nacional e internacional

La citación hecha por la MPGM no informa cómo la empresa llegó en esos números y cómo es posible aumentar, de la Opción 1 a la 3, 100.000 m² o de la Opción 2 para la 3, aumentando 40.000 m². Solamente con esa cita queda muy clara la necesaria intervención de los gobernantes en el proyecto. Evidentemente que la opción 3 es la más factible en este momento. Con base en esos datos y en las estimativas hechas, la MPGM concluye los estudios económicos y financieros que resultan:

“El estudio demuestra que son factibles, desde el punto de vista de la promoción inmobiliaria privada, las operaciones de transformación planeadas: predeterminadas y opcionales. Pero, las operaciones que soporten costes de transformación más elevadas a consolidar sobre suelos menos consolidados (el 23% aproximadamente) retrasarán los objetivos de desarrollo y se ejecutarán al ritmo que evolucionen las condiciones de demanda de techos de actividades productivas y los precios de los diferentes productos inmobiliarios. El desarrollo del resto de las actuaciones está garantizado, desde el punto de vista de la viabilidad inmobiliaria, y evolucionan al ritmo de la demanda de techo productivo”.

Junto a esa conclusión, debemos citar también, los puntos del programa de actuación y sus previsiones temporales:

a. la reurbanización del sector – está prevista su realización en 4 años;

b. las actuaciones de transformaciones delimitadas en la MPGM – elaboración de la planificación de desarrollo por el ayuntamiento seis meses después de la aprobación definitiva de la MPGM;

c. Actuación de transformación no delimitadas – el ayuntamiento podrá emprender nuevas actuaciones de transformación;

d. El Plan Especial de Transformación – será elaborado en 3 meses después de aprobada a MPGM;

e. Planes Especiales de los Fronts consolidados – elaborados por los propietarios de cada front;

f. Cesiones en ámbitos discontinuos – el ayuntamiento adoptará las medidas para coordinar la ejecución de los planes.

Los Planes de Reforma Interior aprobados son:

Sector Llull – Pujades (levante) abarcando las tres islas que configuran a frente de la Calle Llull entre Bac de Rueda y Selva Mar y,

Sector Perú – Pere IV, seis islas entre las Calles Paraguay, Maresme, Cristobal de Moura y Josep Pla. Un importante punto en este sector es el cruce de la Calle Pere IV con La Rambla de Prim.

Además de esos, ocho proyectos privados ya están aprobados por la comisión.

1. Plan Especial para reutilización del edificio industrial situado en la Calle Pallars, 108

Esta fábrica textil, construida en 1992, ahora pasa a ser aprovechada por la empresa Retevisión S.A..

La empresa pretende instalar un Centro de desarrollo de nuevas tecnologías B2B y B2C (Business to business y Business to customer, respectivamente); un Centro de búsqueda de plataformas para comercio electrónico, un Centro I+D de tecnología y almacenamiento de datos SAN (Storage Area Network), SAS (Storage Attachment System) y ESM (Enterprise Storage

Model); un Centro de implantación de tecnologías integradas VEU – Datos La WAN/LAN; un Centro de desarrollo de plataformas de seguimiento de sistemas y un Centro Nacional de Operaciones de Datos (CNDO).

2. Plan Especial para reutilización de un edificio industrial consolidado situado en la Calle Pere IV, 69-73 con Calle Pallars 128-130

El edificio construido en 1976 para una reventa de vehículos será utilizado por la empresa Jaume Baulera S.L. para la construcción de un hotel 4 estrellas o superior. El proyecto contempla salas de videoconferencia, salas para convenciones y reuniones empresariales.

3. Plan Especial para reutilización del edificio industrial consolidado situado en la Calle Ávila, 112-114

La empresa Fonaments S. A. ocupará el área, antes destinada a varias actividades industriales desde su construcción en el año de 1965, para actividades de alta tecnología propuestas en el proyecto 22@.

4. Plan Especial para reutilización del edificio industrial consolidado situado en la Calle Ávila, 61-65

La propuesta de la empresa Prominmo para este edificio del año de 1970, anteriormente utilizado para almacenaje y distribución de mercancías, será la instalación de oficinas de actividades de alta tecnología.

5. Plan Especial para reutilización del edificio industrial consolidado situado en la Calle Zamora, 54-58

El edificio industrial escogido por la empresa Edificio Arroba S.L. será destinado también a las oficinas con actividades de alta tecnología direccionada a las áreas de comunicación e información.

6. Plan Especial para reutilización del edificio industrial consolidado situado en la Calle Veneçuela.

Reutilizado por la empresa Estudios y Servicios de Empresa S.L.; ese edificio de componentes automotivos será destinado para oficinas relacionadas a las actividades TIC.

7. Plan Especial de Isla: Sancho D'àvila, Badajoz, ciutat de Granada y Almogàvers.

La propuesta de la empresa Joaquim ò – Inmobiliaria Perú S.L. es la transformación de toda una isla del Eixample delimitada por las calles citadas. Se pretende construir un edificio que sea simbólico para el área al mismo tiempo que los equipamientos públicos sean revalorizados en esa isla. Espacios para edificios residenciales también están previstos con frente para Calle Badajoz. Esa isla está dividida en tres partes: una sin edificación, cuatro partes con usos industriales, comerciales y diversos y edificio de uso y construcción consolidados como centro de formación del Banco BBVA, Diputació de Barcelona y Institut del Teatre.

8. Plan Especial de Parte situado en la Calle Doctor Trueta, 129-133 y Calle Badajoz, 25

Este antiguo edificio, construido entre 1900-1950 será también utilizado por la empresa Retevisión .S.A. para desarrollo e implantación de tecnologías CRM y IVR (Customer relationship management y interactive voice response) y principalmente de desarrollo de redes inteligentes, televisión interactiva e Internet.

Construyendo la ciudad del conocimiento

Los estudios sobre la transformación del barrio del Poblenou, a través del proyecto 22@BCN, prosiguen. Hasta aquí presentamos nuestros estudios de los dos textos de extrema importancia para la ejecución de las obras en Barcelona: el ECD¹⁷ - Estudi

17 Conforme ya indicado en el inicio de este texto, el Estudi Ciutat Digital

Ciutat Digital del Institut Català de Tecnologia (ICT) del año de 1999 y el texto MPGM - Modificació del PGM per la renovació de les zones industrials del Poblenou – districte d'activitats 22@BCN - TEXT REFÓS, divulgado por el Sector d'Urbanisme en septiembre 2000. Consideramos como los más importantes porque son la base teórica y la oficialización de los cambios, respectivamente. El primero sirvió de base para el segundo y, juntos, recualifican un área de la ciudad y la renovación puede ser ejecutada en el espacio o, hablando de otra manera, forman las dos potencialidades necesarias: la potencialidad del conocimiento técnico y la potencialidad de la acción, esto es, la política (SANTOS:2000,93-4).

Analizamos los dos estudios a partir de los conceptos de territorio informatizado y ciudad del conocimiento, este último muy utilizado, en el sentido de que tanto las redes telemáticas como las ciudades que ofrecen infraestructura para actividades TIC, son así denominadas. De esa forma, la Web page de la Universidad de São Paulo (<http://www.cidade.usp.br>) informa que es una ciudad del conocimiento, definiendo los objetivos que serán alcanzados con la iniciativa, de la misma forma que en la Web page de la ciudad de Barcelona podemos tener una idea de lo que el ayuntamiento está haciendo y ofreciendo al barrio del Poblenou (www.bcn.es). En lo que concierne a la información disponible al usuario de la Internet, las dos están realmente explicitando maneras de hacer la ciudad del conocimiento, sin embargo, es en la materialidad que las cosas se vuelven diferentes, siendo necesaria una teorización para que sepamos del que realmente estamos hablando cuando tratamos de Ciudades del Conocimiento.

El concepto de territorio puede ser abordado de diversas maneras, considerado en sí mismo, y en ese caso, separado de la vida que lo hace tener sentido material y histórico o, como territorio utilizado. Milton Santos¹⁸ afirma que es la vida que mueve el territorio y la “inseparabilidad entre la materialidad,

tendrá la grafía como ECD; el Modificació del PGM per la renovació de les zones industrials del Poblenou pasa a ser MPGM y Pla General Metropolità como PGM.

18 SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria L. Brasil. Territorio y Sociedad en el inicio del siglo XXI. SãoPaulo:Record, 2001

que incluye la naturaleza y su uso; y que incluye también la acción humana, esto es, el trabajo y la política”. Aquí utilizamos el concepto de territorio informatizado aceptando la materialidad del territorio utilizado. El recorte a través del territorio informacional posibilita entender cómo determinados procesos fueron posibles allí y no en otro local, pero no están ajenos totalmente. Podemos decir que, en un primer momento, fue el territorio informacional, aún virtualizado, lo que posibilitó el surgimiento o la idea de la Ciudad del Conocimiento y no al contrario.

Lo que distingue, conceptualmente, ese territorio informacional de las otras maneras de abordaje es la carga de información y conocimiento, encarada como un recurso de ese territorio que lo distingue de otras áreas que – aún – no poseen ese recurso, implicando una transformación radical en toda su área de actuación y más allá de sus fronteras físicas. El territorio informatizado está conectado con otras formas de redes de flujos, y podemos decir son más fluidas, en comparación a las redes de tráfico de automóviles, trenes, etc., que también lo componen.

El territorio informacional es una construcción importante para la formación de la ciudad del conocimiento y, como en el ejemplo estudiado, pues, es una ciudad “ya formada”, esto es, donde no es posible y ni deseable una transformación radical, derrumbando grandes áreas para construcción de nuevos proyectos. La persona que navega por las redes de fibra óptica de ese territorio informacional forma otra materialidad que se expresa también de manera diferente en los territorios, conforme las propuestas de las empresas y, en cierta medida, de la sociedad para la ejecución del Ajuntament de Barcelona en el Poblenou.

Es de esa manera que el territorio informacional puede ser llamado de Ciudad del Conocimiento.

Por otro lado, el concepto de Ciudad del Conocimiento no puede ser tomado de inmediato como una metáfora para las ciudades con ese componente informacional. Eso porque en un plazo muy corto toda la ciudad estará envuelta con los flujos generados en el territorio informacional. Eso no está muy dis-

tante y ni fuera del ámbito urbano de las ciudades que acoge los flujos, al contrario, son posibles dentro de procesos más generales del desarrollo de las urbes. De esa manera, no podemos “retirar” el Poblenou de Barcelona o aún entenderlo fuera de un contexto más general que es la globalización.

Podemos también pensar el territorio informacional como el resultado de un área no valorada por el capital en los procesos anteriores vividos por la ciudad y, en ese sentido, sería como área de reserva que necesitó esperar nuevos flujos espaciales y temporales para consolidarse como estratégica en su ciudad y región. Lo que este primer momento nos muestra es la utilización de un local anteriormente destinado a las industrias y después abandonado por esa actividad, sin embargo, en ese momento la información (el recurso) configura el Poblenou como un área de abundancia por la calidad técnica de la información disponible: la información vertical que se opera a través de satélites, cabos y otras pompas tecnológicas, al mismo tiempo que también debe garantizar la información horizontal, basada en la copresencia (Ídem:ídem)

Los territorios informacionales ocupan los fijos de un tiempo que no será olvidado a través de la preservación de antiguos edificios industriales, pero que eso no más irá a generar los mismos resultados sociales y económicos. Todo indica que pasado ese primer momento de aprovechamiento de los fijos industriales, el territorio informacional necesitará disponer de otros locales de la ciudad y ese crecimiento se volverá más para la infraestructura que para la arquitectura disponible, como ocurre hoy. Lo que estará en juego es la posibilidad de componer otras áreas de abundancia en Barcelona.

La ciudad de Celebration (EE.UU.), para buscar una experiencia contrastante, comprueba esa tendencia cuando es construida enteramente con componentes de alta tecnología. Lo que ocurre es que Celebration realiza un camino inverso, de ciudad proyectada a los moldes de Ciudad del Conocimiento, pasará a ser un territorio informatizado cuando sea “repasado” para Osceola County¹⁹. La calle de doble sentido (para recordar

19 Esta ciudad fue objeto de investigación a través de un estudio doctoral y se puede consultar en: SILVA, Paulo Celso. Como anjos caídos... Mensageirias em espaços de flexibilidade e redes. Tesis doctoral, USP/DG/FFLCH, São Pau-

Walter Benjamim²⁰) que los territorios informacionales posibilitan, denotan la flexibilización de los procesos urbanos en curso y futuros. La contra cadena de esa calle de mano doble es la retraditionalización a través de la arquitectura del siglo XIX de Celebration y de las naves industriales transformadas en apartamentos, oficinas, lofts de Barcelona.

De toda manera, el proyecto de actuación en el territorio informacional visa dotar a la metrópoli con aquello que hoy es necesario para las inversiones de origen nacional o transnacional. Por ejemplo, es casi unánime la voz de arquitectos y urbanistas en Barcelona en lo que respeta a la necesidad de hacer metrópolis compactas, densas, heterogéneas en su extensión considerando que la ciudad “es, sobre todo, contacto, regulación, intercambio y comunicación²¹”, en oposición a aquellas difusas, homogéneas y especializadas.

También el territorio informatizado se distingue de los flujos generados en las ciudades virtuales, a veces conocidas también como, Ciudades del Conocimiento que existen en la red mundial de ordenadores que es Internet²² y, por lo tanto, diferentes de la materialidad de que hablamos, también difieren de los tecnopolos que se formaron en muchas ciudades del mundo. En el primer caso, son redes telemáticas envueltas en procesos de difusión y creación de conocimientos específicos de la cultura en red, como es el caso del ejemplo paulista citado. Ya en el segundo caso, la materialidad de los tecnopolos es visible en el territorio, sin embargo fueron proyectados para componer la periferia de la ciudad, muchas veces con la construcción de espacios específicos para eso. Utilizando la teoría sugerida por Pierre Lèvy²³, podemos decir que ambas son actualizaciones, pero también virtualizaciones del que hoy se configura como territorio informatizado.

lo, 1999.

20 Benjamin, Walter. Obras Escogidas II – Calle de mano única. São Paulo:- Brasiliense, 1994.

21 Institut Català de Tecnologia (ICT). Estudi Ciutat Digital. Barcelona: 1999. Pág. 51.

22 Para una reflexión profundizada sobre Internet consultar CASTELLS, Manuel. La Galaxia Internet. Reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad. Barcelona: Areté, 2001.

23 LEVY, Pierre. O que é o Virtual? Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. pág. 1

Esas actualizaciones contemporáneas, basadas en componentes de información y conocimiento fijadas en los territorios informatizados, también se diferencian de las ciudades virtuales telemáticas porque son actualizaciones reguladas por muchos agentes envueltos, como aconteció en la normalización de los planos directores de las ciudades definiendo y redefiniendo áreas y, evidentemente, incluyendo el ciudadano común y no solamente aquellos que dependen del territorio para la creación de la plusvalía.

La plusvalía en ese caso también diferencia su forma de acumulación, de plazos y de resultados productivos en una escala temporal que incluye el tiempo real. Ese último y decantado tiempo postmoderno genera otros tiempos aún más fragmentarios y en velocidades también fragmentarias entre los agentes envueltos y en el territorio, de esa forma el territorio informatizado no genera los mismos flujos ni para todas las personas y ni al mismo tiempo. Ese hecho ya es esperado, principalmente porque la información y el conocimiento son las materias primas de los territorios informacionales y la necesidad del tiempo real no será igual para todos y ni mismo es lo deseado por las empresas.

Como en todas las grandes transformaciones urbanas, tenemos muchos discursos y propagandas sobre las ventajas de lo propuesto. Con El MPGM estamos delante de una racionalidad técnica que está modificando la vida de las personas envueltas directa o indirectamente. Directamente podemos considerar aquellas personas que, con las nuevas normas urbanas, tuvieron sus terrenos urbanos y edificaciones comprometidas, sea para legalizar, ya que muchas de ellas en el Poblenou quedaron ilegales a partir de 1976 con la aprobación del PGM o fueron desvalorizadas porque fueron consideradas como suelo urbano no consolidado y actualmente intentan resolver esa cuestión en la Justicia. Indirectamente las modificaciones alcanzarán las ciudades del área metropolitana de Barcelona y las demás ciudades españolas, europeas y americanas a través de las actividades desarrolladas en el local y de las relaciones que se establecerán.

Las personas de comando en la ciudad apuestan mucho por la influencia de Barcelona como Ciudad Mediterránea Compac-

ta, en oposición a las ciudades extensas y poco operacionales. La ciudad compacta y no especializada o compleja, trae más ventajas que desventajas, al menos eso es consenso entre arquitectos y gobierno local. Sin embargo, para la población, las transformaciones aún no están claras y muchos dudan del éxito de la tarea. Principalmente porque las transformaciones no envuelven solamente el barrio del Poblenou sino que también atacan a varios frentes: 22@BCN, Fórum de Culturas 2004, reforma del aeropuerto, tren de alta velocidad en la estación La Sagrera etc. Aliada a todas esas transformaciones urbanas, la ciudad de Barcelona recibe cada día una cantidad enorme de inmigrantes legales e ilegales venidos de Europa, América Latina y África, y, principalmente, de Marruecos y de Rumania.

Esas personas buscan, para habitar, exactamente las áreas que hoy son foco de transformación debido al bajo coste de alquiler y comercio. El Poblenou siempre se configuró como un área de atracción migratoria porque tenía en su territorio muchas industrias y viviendas componiendo el paisaje del barrio, no habiendo la separación entre los lugares para industrias y casas, con eso se resolvía un problema de coste de transporte para los obreros. Los proyectos en curso actuarán también en ese punto, modificando las estructuras de vivir de Barcelona y las relaciones sociales entre los diversos grupos que forman hoy la sociedad barcelonesa. Se suma a eso aún la cuestión lingüística para los extranjeros: el uso del catalán obligatorio en la escuela y en el trabajo, sin el cual no consigue empleo. La iniciativa de la Generalitat de Catalunya de ofrecer cursos de catalán para adultos, lo que ameniza el problema de las clases más bajas. Colocamos en cuestión la situación de los “nuevos habitantes”, que se espera para los Lofts, apartamentos y también las empresas multinacionales que deben instalarse en el Poblenou, en relación a la obligatoriedad del idioma.

¿Las actividades TIC no se desarrollan y son divulgadas en inglés, en su mayoría?

Parecen problemas menores, sin embargo no aquí. Buscando respaldo en las búsquedas de Manuel Castells en La Era de la Información – El poder de la identidad, donde dedica diez páginas para mostrar la posibilidad de una Nación sin Estado, ve que el idioma en Cataluña es factor de identidad nacional y

cita Prat de la Riba: “Catalunya es la gran secuencia de generaciones unidas por la lengua y tradición catalanas, que se sucedieron en el territorio en que vivimos” (p.65). En otro estudio, ahora con Díaz, sobre el impacto de la Internet en Cataluña, el mismo autor muestra, a través de la Distribución de la Internet de acuerdo con el lenguaje de las Webs visitadas (pág. 15) el siguiente uso:

Catalán – el 48,9%

Español – el 82,7%

Inglés – el 44,5%

Otras – el 7,6%

No sólo es la técnica que va a cambiar, sino que también no serán sólo más “edificios emblemáticos” en la ciudad, como La Torre AGBAR, ni tampoco el rótulo de Ciudad del Conocimiento. Lo que se pretende y ya se ejecuta son cambios muy más radicales en medio plazo y de largo alcance. De lo que pudimos observar, vivir y convivir, el “modelo Barcelona” se muestra bastante apropiado para ciudades medias brasileñas y para barrios menos valorados de metrópolis, sin embargo que sean más o menos centrales, esto es, que no estén tan distantes de los centros de decisión. Finalizando, podemos reafirmar la importancia de los dos textos en sus contenidos teóricos y prácticos pues posibilitan una reflexión de cómo las políticas urbanas están siendo implementadas en la ciudad al mismo tiempo que responden al imperativo de la técnica de este momento técnico informacional para garantizar la continuidad de las ganancias e inversión en el espacio barcelonés.

Consideraciones Finales

Las Ciudades del Conocimiento apuntan una nueva situación para las metrópolis de muchas partes del mundo. Hoy todavía no podemos hablar literalmente de una Ciudad del Conocimiento, pero sí podemos hablar de un territorio informacional con grandes oportunidades de extenderse de su barrio para toda la ciudad. Tal extensión también está relacionada con el propio producto-materia prima – la información – y los con-

sumidores-productores de otras áreas de las ciudades, hoy más valoradas por el capital inmobiliario y conectados a las clases medias y altas.

Durante un periodo de desarrollo y adaptación, los territorios informacionales podrán funcionar “paralelos” al restante de la ciudad, sin embargo, la infraestructura, destinada a esos locales, no tardará a ser reclamada en los barrios (redes de fibra óptica, energía solar etc.) más valorados. También la “gentlification” de las áreas llamadas degradadas deberá contribuir para la extensión de la infraestructura.

Probablemente el concepto y la situación de territorio informacional queden mejor demostrados en metrópolis como São Paulo y Rio de Janeiro que alcanzan e influyen directamente en todo Brasil. Esto es, metrópolis como Barcelona tienen su papel destacado dentro de sus respectivos países e incluso globalmente, sin embargo, concursan con otras de igual importancia cuando el tema está relacionado a las actividades TIC. El territorio informacional, la manera como fue expuesto, se configura como un momento de la metrópoli - o postmetrópolis como sugiere Edward Soja. Momento en que los paradigmas que nortearan las metrópolis fordistas y, consecuentemente las inversiones económicas y humanos, están cambiando para hacer frente a las exigencias de las nuevas demandas globales.

El cambio en la infraestructura traerá una reorganización territorial con consecuencias directas para toda la población. La esperanza de una educación continuada, una distribución más equitativa del conocimiento, la mejora del nivel de vida urbano están entre los factores positivos, y una cierta imposición tecno-comunicacional, la aceleración en el tiempo de acumulación de datos por las personas, entre los puntos negativos que deben ser superados, posiblemente a través de la cultura, desde que la apuesta sea por las personas y no por las tecnologías desarrolladas, que son herramientas y no fines en sí mismas.

La ciudad continúa a ser el escenario privilegiado de cambios importantes en la vida de todos. La ampliación de las llamadas Ciudades del Conocimiento por el mundo todo se muestra, no como una fase, pero como una exigencia de los varios sectores sociales envueltos. Las empresas buscan locales donde puedan desarrollar y producir (principalmente desarrollar) y

eso demanda una otra oferta de mano de obra que, consecuentemente, reclama información y conocimiento para que pueda colocarse mejor en el mercado de trabajo, en la formación educativa y en el ocio dirigido.

Todas esas circunstancias generan distancias entre las ciudades que ofrecen las condiciones y tecnología para su población de aquellas que no pueden ofrecer de manera más generalizada. Sobre Internet y, también, ampliamos para las redes de una manera general, Castells afirmó que: “Internet no se come, pero en nuestro mundo sin Internet no se come”, eso implica una dificultad cada vez mayor para la realización de muchos objetivos humanistas, entre ellos una mejor distribución de la riqueza.

La Ciudad del Conocimiento, como creadora, escenario y actriz al mismo tiempo, continuará atrayendo grandes contingentes de personas en búsqueda de formación, información y conocimiento, pero igualmente aumentará la circulación de personas tanto con conocimiento de interés para otros lugares como aquellas que no consiguieron alcanzar lo que buscaban. Un nomadismo urbano basado en redes, conocimiento e información diferente de los momentos anteriores de desplazamiento entre ciudad-campo, ciudad-ciudad y país-país. Este será un desplazamiento de un punto a otro de la red mundial (de un nudo a otro) sin embargo, como en los momentos anteriores, serán posible sólo para aquellos que tienen condiciones de desplazarse: física y económicamente y que puedan agregar siempre mayor valor al lugar de llegada.

Un nomadismo urbano basado en los precios netos, conocimiento e información diferente de los momentos anterior de desplazamiento entre la ciudad-campo, ciudad-ciudad y país-país. Éste será un desplazamiento de un punto a otro del precio neto mundial (de un nudo al otro) sin embargo, como en los momentos anteriores, será posible sólo aquéllos que tienen condiciones de mover: las físicas y económicamente y eso siempre puede meterse en algún plusvalor al lugar de la llegada... El territorio informacional camina para ser la Ciudad del conocimiento. Las tendencias apuntadas por esos territorios no son meras expectativas, sino acciones concretas que los plazos propuestos indican ser sólo el principio. El territorio informacional camina para ser la Ciudad del Conocimiento.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

AJUNTAMENT DE BARCELONA – Normativa Urbanística Metropolitana: Normes Urbanístiques, Ordenances metropolitanas d'edificació, ordenança metropolitana de publicitat, ordenança metropolitana de rehabilitació. Reedició corregida i ampliada de les Normes Urbanístiques del Pla General Metropolità (PGM) aprovat l'any 1976. Barcelona: Mancomunitat de Municipis de l'Àrea Metropolitana de Barcelona, 1995.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Modificació del PGM per la renovació de les zones industrials del Poblenou – districte d'activitats 22@BCN - TEXT REFÓS. Barcelona: Sector d'Urbanisme, setembre 2000.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Plans Especials de reforma interior dels Àmbits delimitats en PGM per a la renovació de les zones industrials del Poblenou – districte d'activitats 22@BCN - PLANS ESPECIALS DE REFORMA INTERIOR DELS SECTORS: LLULL – PUJADES LEVANT I PERÚ – PERE IV. Barcelona: Sector d'Urbanisme, març 2001.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Els 8 nous plans especials privats del 22@BCN. Barcelona: Sector d'Urbanisme, juny 2001.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. Barcelona una ciudad abierta a la nueva economía. Barcelona: Dirección de Promoción de la Actividad Económica Exterior, diciembre 2000.

ARXIU HISTÒRIC DEL POBLENOU. Gent de Poblenou – Memòria gràfica. Barcelona: Fundació Tam Tam, 1998.

ASSOCIACIÓ PLA ESTRATÈGIC DE BARCELONA. III Pla Estratègic Econòmic i Social de Barcelona (en la perspectiva 1999-2005). Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1999.

BASIANA, Xavier, ARTASU, M. Checa & ORPINELL, Jaume. Barcelona, ciutat de fàbriques. Barcelona: Nau Ivanov, setembre 2000.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas II – Rua de mão única. São Paulo:Brasiliense, 1994.

INSTITUT CATALÀ DE TECNOLOGIA (ICT). Estudi Ciutat Digital. Barcelona: 1999. Pág. 51

CASTELLS, Manuel. La Galaxia Internet. Reflexiones sobre Internet, empresa e sociedad.

CLÓS, Juan. Barcelona: La ciudad del conocimiento. Conferencia impartida en el marco del Programa de Doctorado sobre Sociedad de la Información y el Conocimiento de la UOC (Barcelona, 28 de mayo de 2001). Barcelona: Areté, 2001.

LEVY, Pierre. O que é o virtual? Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. pág. 1

SANTOS, Milton – Guerra dos Lugares. Folha de S. Paulo 8/8/1999, p.5-3

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria L. Brasil. Território e Sociedade no início do século XXI. SãoPaulo:Record, 2001

SILVA, Paulo Celso. Como anjos caídos... Mensageirias em espaços de flexibilidade e redes. Tese de doutoramento, USP/DG/FFLCH, São Paulo, 1999.

SILVA, Paulo Celso. Lofts 22@ Mediterranean Flexibility and Multifunctionality publicado in Call for Papers: Abstracts (URBAN RENEWAL. IFHP International Congress, p. 44).

SOJA, Edward W.. Geografias pós-modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOJA, Edward W. Postmetropolis. Una introdució a la transformació de les metròpolis del segle XXI .Apontaments no dia 5 de julho de 2001 da Aula Magna do Cursos a l'Estiu, Universitat de Barcelona.



Carles Carrera i Verdaguer, Paulo Celso da Silva e Edward Soja

Homenagem ao Prof. Dr. Carles Carreras i Verdaguer
(Maó, 3 de setembro de 1948 - Maó, 25 de janeiro de 2024)

*Ja ho sab que no tinc res per llegir?
Podria comprendre'els jo,
els pensaments de Marc Aureli?*

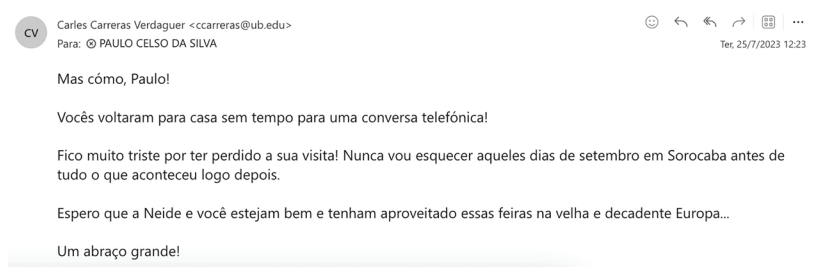
Era uma quinta-feira e, pelo aplicativo de mensagens, Sergi Martinez me informava que, infelizmente, Dr. Carles Carreras havia falecido. Quis a coincidência que nos ronda que ele morresse no dia de aniversário da cidade de São Paulo, o 470º aniversário da capital paulista. Até consegui sorrir com a coincidência triste.

Imaginei que algo não ia bem quando enviei as felicitações de Natal e Ano Novo e não obtive respostas, mas fiquei na torcida por um (raro) esquecimento, problemas no celular ou qualquer coisa do cotidiano. Mas sabia, desde julho de 2023, que ele não estava bem, naquela ocasião ainda fazendo exames e nenhum diagnóstico efetivo.

Nesse junho-julho de 2023, conversamos por mensagens e

e-mails e a última mensagem que recebi ele brincava que “invejava a gente (Neide e eu) porque estávamos em Trieste”. Ele estava em Maó, na sua casa de Menorca, local onde nasceu e faleceu.

Em sua última mensagem por e-mail ele lembrava os dias de Sorocaba acompanhado de sua filha Clara.



Imagino o Carreras, como realmente o chamávamos longe da universidade, me dizendo que “este texto será como ‘A Metamorfose’, de Kafka? Começa mal e termina muito pior”. Na sua incrível ilustração e cultura humanista, serviria como uma crítica para melhorar o que viria a seguir. Sim, Carreras, é hora de falar do que nos lembra a felicidade.

Comigo ele era gentil e duro, com *buenas ideas, pero...* Com a Neide era gentil e cortês; dizia que ela era “muy chic e que algo eu deveria aprender”. Com a Cássia e o Guilherme era gentil e esperançoso, brincava que ela era “muy presumida” e ele “más tranquilo” – *los dos: el futuro*.

Tenho anotações da disciplina *Patrimonio urbano: Conservación, rehabilitación, planificación*, ministradas pelo Carreras na Universitat de Barcelona, 9 e 10/01/2007, quarta e quinta-feiras, das 16 às 18:30, no *Máster oficial em Planificació territorial i gestió ambiental*. Me lembro que, ao tirar da bolsa meu bloco para notas, ele me disse “Uma Moleskine, a preferida de Picasso e Hemingway!”.

A aula da quarta-feira teve início com uma pergunta acerca do que seria o patrimônio em uma cidade criado em 1995? E ele fazia alusão ao meu trabalho de doutorado sobre a cidade de Celebration, na Florida, Estados Unidos. Foi uma pergunta retórica, uma vez que não me deixou responder. Servia de início das

reflexões daquela tarde. E nos explicou os conceitos gerais, o passo do tempo: o novo e o velho. Mesclando geografia e literatura, tema do seu livro *La Barcelona literária*, de 2003, resultado de uma pesquisa de grande monta, na qual estudou e analisou obras que tratavam cidades de várias partes do mundo, inclusive a Paulicéia Desvairada de Mario de Andrade – então primeira publicação na qual a cidade é a protagonista da história, ou a Paris de Victor Hugo (que ele insistiu com os alunos para lerem o nome correto: Victor ‘Igô’ e não ‘Úgo’, como a maioria dizia).

Por sinal, esse era uma das qualidades que admirava muito em Carreras: era um poliglota, com domínio do português, italiano, inglês, alemão, árabe, latim, grego e, claro, as duas línguas nativas, catalão e espanhol. Isso possibilitava que ele lesse os clássicos que tanto gostava em sua língua original, para depois comparar com as traduções existentes.

Quase como um desafio, presenteamos Carreras, em 2006, com o exemplar número 9.251 da tiragem limitada de 10.000 cópias da edição comemorativa dos 50 anos de *Grande Sertão: Veredas*, que vinha acompanhada da mostra de Bia Lessa, então em exposição no Museu da Língua Portuguesa. Um verdadeiro deleite para um amante da literatura mundial.

Mas voltemos às aulas. Após explicar o passo do tempo, faz a pergunta final do dia: como se pode conservar o que dinâmico? Para a aula de quinta-feira, a proposta foi tratar de conceitos e não de técnicas de gestão, “pois a primeira variável que interfere na análise do patrimônio é a variável *tempo*”. O que nos remetia ao final da aula anterior e a sua pergunta pela captura do dinamismo.

Dividiu aquela tarde em três partes para tratar do tempo do velho e do antigo e o império da novidade: a *patina*, ou o passo do tempo como valor agregado, e a ruína como valor em si-mesmo. E começou com as propostas de Ilya Prigogine, Immanuel Kant, Charles Darwin, Karl Marx e Salvador Dalí, para estranhamento dos mais tradicionalistas que o assistiam. Novas perguntas surgiam. “O que diferencia o velho do antigo? Pois, o velho não tem valor e a gente joga fora. O antigo é mais velho que o velho, porém tem valor” – e chamava atenção de todos para o patrimônio rural sendo destruído mais rápido que o urbano e o fato de não saberem como mantê-lo, pois é mais fácil manter

uma igreja na cidade que uma casa no campo.

Encaminhava suas conclusões da disciplina com um posicionamento que remetia para toda sua trajetória e seu interesse acadêmico e social:

o tema do patrimônio deve ter um planejamento, ao mesmo tempo, culto e histórico. A identidade é fundamental e estamos interessados nas identidades coletivas, uma vez que a identidade não é sempre a de quem tem o poder.

Depois da aula ele me pergunta se aprendi alguma coisa. Sim, muitas coisas do patrimônio, uma vez que não estudo o tema. Mas, vendo com a distância de todos esses anos, aprendi mesmo a admirar mais seu conhecimento e segurança acadêmicos, sua amabilidade e exigência teórica para responder os questionamentos dos alunos. Pude acompanhar o Dr. Carreras em outras explanações, participações em grupo de estudo e sempre trazendo novas formas de compreender os fenômenos estudados, outras leituras possíveis das obras de Milton Santos.

Ainda me vem à memória quando nos convidou – Neide e eu – para um café com ele e Mercedes na Pasteleria Escribà, na Gran Via de les Corts Catalanes, 546, de Barcelona. Um lugar icônico na cidade gelada pelo frio de dezembro, mas alegre pela feira de presentes, que acontece nessa época nas calçadas da Gran Via de les Corts Catalanes, e termina em 6 de janeiro com o dia de Reis. A mesa vazia era perto da porta e, a cada abertura, o vento e o frio o incomodavam, mas foi interessante e divertido o café com o casal Carreras.

Bé, endavant!

Fins aviat Carreras, una gran abraçada a tu!

